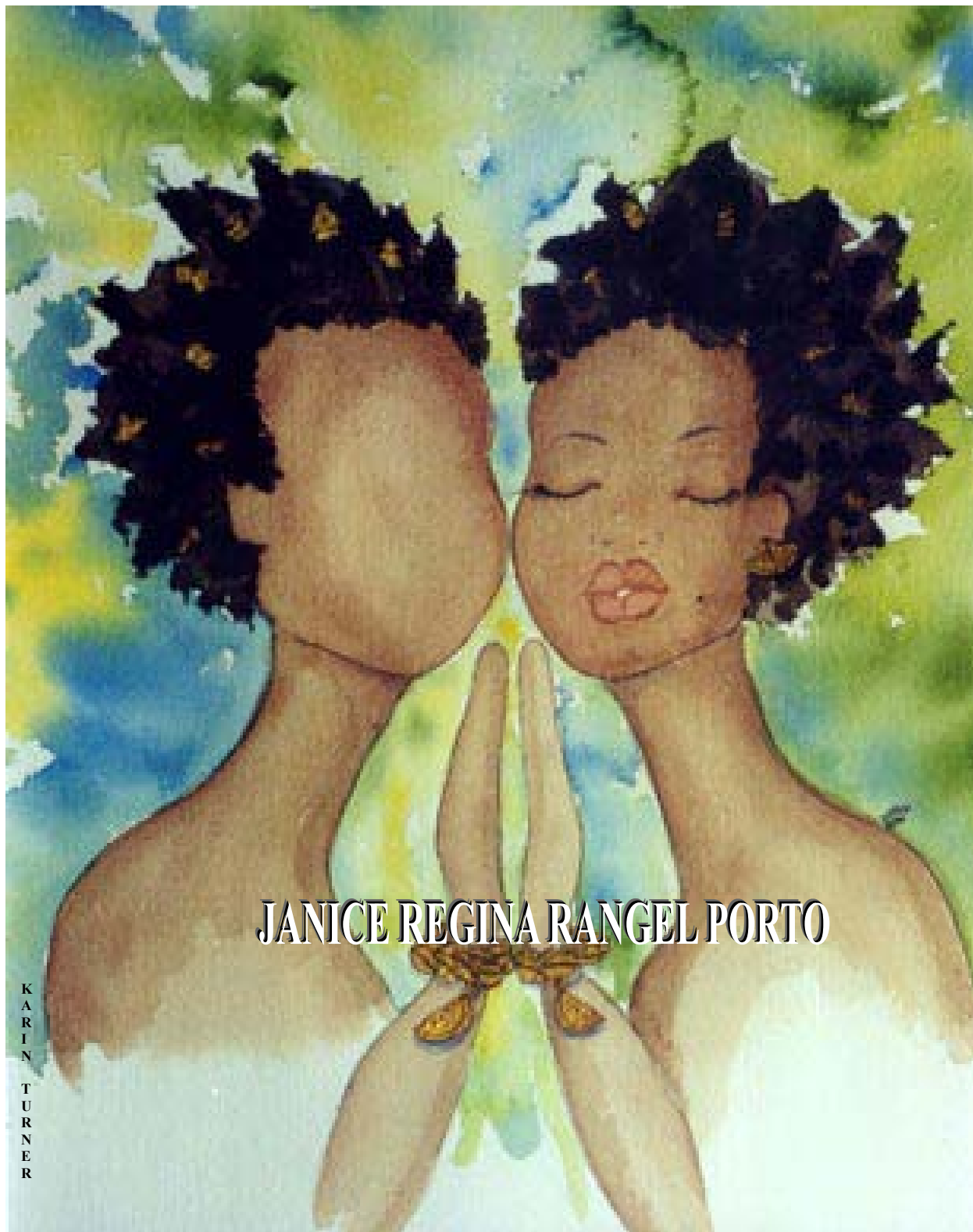


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM



Porto Alegre

2004

Janice Regina Rangel Porto

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:
EXPECTATIVAS DE UM ACOLHIMENTO HUMANIZADO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Dr^a Anna Maria Hecker Luz

Porto Alegre

2004

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP)**

J33v	<p>PORTO, Janice Regina Rangel Violência contra a mulher: expectativas de um acolhimento humanizado/ Janice Regina Rangel Porto; orientadora: Anna Maria Hecker Luz. - Porto Alegre: [s.n.], 2004.</p> <p>162 p. :</p> <p>Dissertação (Mestrado em Enfermagem) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Curso de Mestrado em Enfermagem, 2004.</p> <p>1. Saúde - Mulheres - Violência doméstica 2. Mulheres - Violência doméstica - Acolhimento 3. Saúde - Mulheres - Rio Grande do Sul. I. Luz, Anna Maria Hecker. II. Título.</p> <p>CDD 613.0424 CDD 613.042498165 CDD 362.8292 CDD 362.83</p> <p>CDU 613.99 CDU 613.99(816.5) CDU 316.647.3-055.2 CDU 342.734-055.2</p>
------	--

BANCA EXAMINADORA

Violência contra a mulher: expectativas de um acolhimento humanizado

Aprovado em Porto Alegre, 8 de Março de 2004.



ESCOLA DE ENFERMAGEM
COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

A Banca Examinadora atribuiu o Conceito Final: A

Nome e Assinatura da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Anna Maria Hecker Luz
CIC 278516990-53

Anna Maria Hecker Luz

(Presidente)

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
CIC 252496810-34

Stela Nazareth Meneghel

(Membro – UNISINOS)

Profa. Dra. Dagmar Estermann Meyer
CIC 242040991-49

Dagmar Estermann Meyer

(Membro- UFRGS)

Profa. Dra. Dora Lúcia Leidens Corrêa de Oliveira
CIC 421392280-49

Dora Lúcia de Oliveira

(Membro-UFRGS)

Porto Alegre, 8 de março de 2004.

De acordo da Mestranda:

Faúste Regina Rangel Porto

RESUMO

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: EXPECTATIVAS DE UM ACOLHIMENTO HUMANIZADO

O mergulho no mundo de vivências femininas propiciou o desafio de trabalhar com mulheres em situação de violência nas relações conjugais. Os objetivos do estudo foram: - conhecer as estratégias utilizadas por mulheres no enfrentamento de situações de agressão física, sexual e psicológica e - desvelar o acolhimento prestado pelos serviços básicos de saúde, na perspectiva das mulheres vítimas de violência. A abordagem qualitativa foi utilizada como referencial metodológico, tendo como campo de estudo uma das sedes de Maria Mulher - Organização de Mulheres Negras. As participantes foram dez mulheres que vivem ou viveram pelo menos um ano, com maridos agressores. Para a coleta das informações utilizou-se a técnica de entrevista narrativa descrita por Jovchelovitch e Bauer (2002) seguida da Análise de Conteúdo descrita por Minayo (1993). Como resultados, emergiram quatro temas: - Matizes da violência contra a mulher - A conscientização da violência - Pedido de socorro: a visibilidade da violência doméstica e - A entrevista narrativa, como atividade terapêutica. Os aspectos éticos foram preservados no aceite de participação, na utilização do consentimento informado e pela aprovação do comitê de Ética em pesquisa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste estudo procurou-se dar voz às mulheres em situação de violência doméstica, evidenciando-se as estratégias utilizadas por elas no enfrentamento de situações de agressão, nos diferentes segmentos da sociedade: na família, nas relações interpessoais com amigos e vizinhos, nas delegacias de polícia e, por fim, nos Serviços de Saúde.

Descritores: Violência Doméstica, Saúde da Mulher, Saúde Pública.

ABSTRACT

VIOLENCE AGAINST WOMEN: EXPECTATION FOR HUMANIZED CARE

When delving into the world of women's experience, we are faced with the challenge to work with women at risk in their marital relations. The objectives of this study were to get acquainted with the strategies used by women to cope with situations of physical, sexual or psychological assault and battery and to unveil the treatment provided by health centers from battered women's perspective. A qualitative approach has been used as a methodological reference. A field research has been carried out in one of the branches of *Maria Mulher* – a non-governmental organization which assists women – with 10 women that have lived or lived at least for a year with batterers. For information collection, the technique of narrative interview described by Jovchelovitch and Bauer (2002) was used followed the content analysis described by Minayo (1993). The results point out to four themes: nuances of violence against women, consciousness-raising to violence, help requests – the visibility of domestic violence, and the role of narrative interviews as a therapeutic activity. Ethical aspects have been preserved according to the Resolution 196/1996, which regulates the execution of research with humans, being approved by the Committee of Ethics in Research of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). This study sought to give voice to women facing domestic violence and to evidence the strategies they use to cope with assault and battery in the different segments of society: family, relationships with friends and neighbors, police stations and health centers.

Descriptors: Domestic Violence, Women's Health, Public Health.

RESUMEN

VIOLENCIA CONTRA LA MUJER: EXPECTATIVAS DE UNA ACOGIDA HUMANIZADA

La zambullida en el mundo de los modos de vivir femeninos propició el desafío de trabajar con mujeres en situación de violencia en las relaciones conyugales. Los objetivos del estudio fueron conocer las estrategias utilizadas por mujeres al enfrentar situaciones de agresión física, sexual y psicológica y - desvelar la acogida prestada por los servicios básicos de salud, según la perspectiva de las mujeres víctimas de la violencia. El abordaje cualitativo fue utilizado como referencial metodológico, teniendo como campo de estudio una de las sedes de *Maria Mulher* - Organización de las Mujeres Negras. Las participantes fueron diez mujeres que viven o vivieron por lo menos un año, con maridos agresores. Para la colecta de las informaciones se utilizó la técnica de entrevista narrativa descrita por Jovchelovitch y Bauer (2002) seguida del Análisis de Contenido descrito por Minayo (1993). Como resultados, emergieron cuatro temas: - Matices de la violencia contra la mujer - La concienciación de la violencia-Pedido de socorro: la visibilidad de la violencia doméstica y - La entrevista narrativa, como actividad terapéutica. Los aspectos éticos fueron preservados en la aceptación de participación, en la utilización del consentimiento informado y por la aprobación del comité de Ética en investigación, de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. En este estudio se buscó dar voz a las mujeres en situación de violencia doméstica, evidenciándose las estrategias utilizadas por ellas al enfrentar situaciones de agresión, en los diferentes segmentos de la sociedad: en la familia, en las relaciones interpersonales con amigos y vecinos, en las comisarías y, por fin, en los Servicios de Salud.

Descriptor: Violencia Doméstica, Salud de la Mujer, Salud Pública.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos mentores espirituais por estarem sempre iluminando meus caminhos, guiando-me e protegendo-me a cada novo passo.

Aos meus pais, especialmente minha mãe Janine Elisa Rangel Porto, pelo seu amor incondicional, pela sua amizade eterna e por estar sempre me ensinando a crescer como ser humano e profissional; A ela, agradeço por todas as lutas, esforços e renúncias que fez para que eu e minha irmã realizássemos nossos sonhos. Por ser meu grande amor, dedico-lhe todas as minhas conquistas e vitórias.

À minha irmã Janaína Rangel Porto, pelo carinho eterno, pela paciência e compreensão durante toda essa jornada, na qual eu me adonei do nosso quarto e, principalmente, pela sua alegria contagiante que preenche nosso lar, transformando nossa caminhada numa grande festa.

À Dr^a Anna Maria Hecker Luz, por ter sido muito mais que orientadora, desde a Graduação também, por sua amizade, incentivo constante e disponibilidade em todos os momentos dessa longa trajetória.

Às pesquisadoras do CEVIDA - Grupo de Estudos da Saúde nas Etapas da Vida - em especial as Dr^{as} Maria da Graça Corso da Motta, Anna Maria Hecker Luz, Nair Regina R. Ribeiro, Eva Neri R. Pedro, Ms Helena Becker Issi e Ms Neiva Iolanda Berni pelo apoio nos primeiros passos no mundo da pesquisa. A elas, manifesto meu eterno respeito e admiração.

Às professoras do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelos ensinamentos e oportunidades de crescimento.

Aos colegas do curso de Mestrado, especialmente Andréa Veronese, Celina Kohler, Débora Coelho, Lenir Baruffi, Liliane Duarte, Sandra Becker, Silvana Funghetto e Vanusa Pietrovski., pela amizade e pelos bons momentos de troca de conhecimento e incentivo.

Às professoras da Escola de Enfermagem da UFRGS, pelo carinho e apoio, em especial Ana Lúcia de Lorenzi Bonilha, Claudia Junqueira Armelini e Dulce Maria Nunes.

A Maria Conceição Fontoura, Maria Noelci Homero, Maria Luisa P. de Oliveira, Silva Regina Ramão, Vilma Terezinha da S. e Silva, Gilciane Beatriz das Neves, Jovita Sommer, Geovana Teixeira, Denise Groisman, Caroline da Silva, Cíntia Helena Nunes, Andréa Costa e Leticia Lemos, equipe de Maria Mulher - Organização de Mulheres Negras, pelo acolhimento, pelas oportunidades, por me nutrirem de conhecimentos e me introduzirem com tanto empoderamento e confiabilidade no Movimento de Mulheres Negras.

Aos queridos familiares e amigos do peito, pela paciência e companheirismo, mesmo nos momentos em que eu só sabia falar sobre violência contra a mulher.

A CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela concessão da Bolsa de Estudos que me possibilitou dedicação exclusiva a esse período ímpar de crescimento profissional.



Dedico este trabalho a

Vitória

Iara

Otília

Luisa

Elza

Natália

Conceição

Isabel

Anastácia

& **M**inerva

Pela confiança ao dividirem comigo suas histórias de vida, e assim possibilitarem a realização deste trabalho.

Que através desse, suas vozes ecoem alto na sociedade, acabando de vez com a invisibilidade da Violência Doméstica nos serviços de saúde.

Pintura de René Magritte

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 O ENCONTRO COM A SAÚDE DA MULHER	11
1.2 JUSTIFICATIVA DO TEMA	15
1.3 QUESTÕES DE PESQUISA E OBJETIVOS.....	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 FAMÍLIA	18
2.2 MULHER	20
2.3 CORPOREIDADE E SEXUALIDADE.....	24
2.4 GÊNERO	26
2.4 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	30
3 MÉTODO.....	34
3.1 ESCOLHA DO MÉTODO	34
3.2 CAMPO DE ESTUDO E INFORMANTES	34
3.3 COLETA DAS INFORMAÇÕES	39
3.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	41
3.5 CONSIDERAÇÕES BIOÉTICAS	44
4 MATIZES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	45
4.1 DA SEDUÇÃO À VIOLÊNCIA	49
4.2 DINÂMICA FAMILIAR	51
4.3 O CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	66
5 A CONSCIENTIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA.....	70
5.1 REAÇÃO DIANTE A AGRESSÃO SOFRIDA.....	72
5.1.1 Reação das mulheres	72
5.1.2 Maus-tratos infantis e a reação das crianças.....	74
5.2 SENTIMENTOS DIANTE DA VIOLÊNCIA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS	81
5.3 A PERMANÊNCIA COM O COMPANHEIRO AGRESSOR	88
5.4 ROMPENDO COM O AGRESSOR.....	91
5.5 LONGE DA VIOLÊNCIA: A INDEPENDÊNCIA FINACEIRA COMO DESAFIO.....	97
6 PEDIDO DE SOCORRO: A VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	103
6.1 AS MARCAS DO CORPO... VISÍVEIS OU NÃO.....	112

6.1.1 Cuidando dos ferimentos em casa	116
6.2 A PROCURA PELOS DIREITOS CIVIS NA DELEGACIA DE POLÍCIA.....	117
6.3 A PROCURA DE AJUDA NOS SERVIÇOS DE SAÚDE.....	126
6.3.1 O atendimento recebido.....	126
6.3.2 O atendimento desejado.....	135
7 A ENTREVISTA NARRATIVA COMO ATIVIDADE TERAPÊUTICA.....	139
7.1 A ENFERMAGEM NA ESCUTA A MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	142
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	162
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	163
APÊNDICE C - GUIA DE ENDEREÇOS DE INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS QUE FORMAM A REDE DE ATENDIMENTO A MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE.....	164
ANEXO A - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	165

1 INTRODUÇÃO

1.1 O ENCONTRO COM A SAÚDE DA MULHER

Nesta parte da dissertação realizo uma breve reflexão sobre o início da minha caminhada profissional, na qual busco descrever a maneira como a construção do meu "ser" enfermeira solidificou-se, ao longo desses anos.

Ao ingressar no Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ainda nos primeiros semestres, fui apresentada ao mundo da pesquisa ao cursar de algumas disciplinas que me proporcionaram o contato com as diferentes maneiras de construir e reproduzir o conhecimento. A partir daí, foi crescente meu interesse pela pesquisa, alimentado pela motivação dos docentes da Escola de Enfermagem, principalmente pelas integrantes do núcleo de pesquisa que participei como bolsista de Iniciação Científica, desde 1999, e, hoje, mantenho vínculo, como pesquisadora. Dessa maneira, a pesquisa esteve sempre presente na minha formação acadêmica e profissional, como nos recomenda Demo (2002, p.16):

Pesquisa é processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como princípio educativo que é, na base de qualquer proposta emancipatória. Se educar é sobretudo motivar a criatividade do próprio educando, para que surja o novo mestre, jamais o discípulo, a atitude de pesquisar é parte intrínseca. Pesquisar toma aí contornos muito próprios e desafiadores, a começar pelo reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe superar-se.

Ao longo dessa trajetória, muitas pessoas contribuíram, de maneira significativa, para minha formação, pessoal e profissional, ao dividirem comigo suas visões de mundo, deixando transparecer a maneira sensível e comprometida com a qual lidam com o sofrimento ou alegria de seres humanos, inseridos no universo saúde-doença.

Meu encontro com a saúde da mulher aconteceu ainda durante o Curso de Graduação, quando tive a oportunidade de realizar o estágio da disciplina Enfermagem no Cuidado à Saúde da Mulher em um hospital-escola, da rede pública, que atende a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS). Esse estágio foi um momento ímpar na minha vida acadêmica por revelar um novo horizonte profissional de forma encantadora e envolvente, - quando acompanhei, pela primeira vez, todo o processo pelo qual nós, seres humanos, chegamos à vida.

Outras oportunidades de atuar nessa área surgiram e, definitivamente, havia me encontrado, como profissional, sentindo-me segura e motivada pelo trabalho desenvolvido.

Vários aspectos relacionados com a assistência à saúde da mulher, chamaram minha atenção, no decorrer desse período acadêmico. Envolvida pela emoção de poder atuar no cenário do processo de parturição, só conseguia visualizar a mulher nesse contexto especial e peculiar da espécie humana: a maternidade.

Ao término da Graduação continuei a atividade de pesquisa, participando de encontros científicos relacionados à temática da saúde da mulher, com ênfase na reprodução humana. No entanto, aos poucos fui percebendo que a mulher, e o universo feminino em si, são constituídos por um contexto mais amplo do que o processo da maternidade, o que me levou a refletir, despertando-me o interesse pela pesquisa sobre a história biopsicossocial da mulher.

Por um longo período, meu entendimento sobre a saúde da mulher ficou restrito aos procedimentos desenvolvidos dentro do ambiente hospitalar. Ao mesmo tempo em que percebia uma carência da assistência à mulher, nos hospitais, fui constatando também, que, após o parto, ela retornava ao seu lar, para sua família e sua cultura. Passei então, a questionar-me sobre o tipo de convívio social e familiar a que essas mulheres estavam retornando.

Esses questionamentos surgiram a partir de uma significativa vivência, por três anos, em uma comunidade carente da zona Leste de Porto Alegre. Durante esse período, atuei como bolsista de Iniciação Científica, vinculada a um núcleo de pesquisa que desenvolve, entre outras atividades, projetos assistenciais de atendimento pré-natal, puerpério e planejamento familiar por meio de consulta de Enfermagem às mulheres, e oficinas, com ênfase nos aspectos sexuais e reprodutivos para adolescentes.

Essa atividade desenvolvida, na comunidade, por enfermeiras obstétricas e pesquisadoras, há dez anos, estabelece um vínculo e uma relação de confiança com as mulheres que procuram o atendimento, possibilitando que muitas delas se sintam à vontade para conversar sobre os problemas familiares. Mergulhar no mundo real dessas mulheres possibilitou-me descortinar novos horizontes do universo feminino.

Nesse momento despertei para a realidade de que trabalhar com saúde da mulher vai além da preocupação com os aspectos reprodutivos, já que passei a me deparar com a verbalização de histórias carregadas de dor, sofrimento, situações de violência e, muitas vezes, como consequência, a negligência dos filhos. Mesmo quando as situações de violência não são explicitamente comunicadas, percebe-se os sinais de desestruturação familiar e de opressão feminina.

Sensibilizada pela temática e, acima de tudo, por ser mulher ligada aos condicionantes sociais impostos ao gênero feminino - agravados pelos aspectos étnicos/raciais-, passei a fazer parte de uma organização não governamental chamada MARIA MULHER - Organização de Mulheres Negras, que desenvolve atividades psicossociais às mulheres de classes populares de Porto Alegre em situação de violência doméstica.

Hoje, diante do desafio de trabalhar com mulheres em situação de violência nas relações conjugais, devido à minha inserção neste terceiro setor¹, inicio uma nova caminhada rumo à compreensão dos modos de convívio familiar, tendo como foco a violência de gênero. Nas oficinas de saúde e no grupo de apoio que desenvolvo com as mulheres atendidas pela ONG, deparo-me novamente com relatos espontâneos de exclusão social, violência, falta de estrutura familiar e opressão.

Como profissional da área da Saúde, constato que há um despreparo das equipes interdisciplinares envolvidas na assistência a esse grupo especial de clientela. O rigor técnico-científico na organização dos serviços de saúde tem como objeto apenas a recuperação da saúde, sem visualizar a essência do "ser" doente que "possui um corpo biológico e simbólico construído ao longo de sua trajetória, e que é o seu referencial no mundo" (MOTTA, 1997, p. 58). Nesse mesmo contexto, preocupa-me o modo como a mídia denuncia os profissionais de saúde à comunidade, revelando uma insensibilidade humana no setor da Saúde (POLAK, 1996).

As mulheres que sofrem violência procuram os serviços de saúde, com queixas crônicas e vagas em que, muitas vezes, o resultado de investigações e exames clínicos encontram-se dentro da normalidade (BRASIL, 2001). No entanto, observa-se a falta de capacitação e sensibilidade dos profissionais para investigarem, mais a fundo, a história de cada uma dessas mulheres, antes de rotulá-las como poliqueixosas.

Assim, proponho-me a desvelar, através deste estudo, o cenário de vida/sobrevida de mulheres de classes populares em situação de violência doméstica, as relações de poder constitutivas do convívio afetivo e a relação das mulheres com os serviços de saúde, considerando especificidade das situações de violência doméstica.

¹ As Organizações Não-Governamentais (ONGs), também chamadas de terceiro setor, expressam o desejo de transformação da sociedade, manifestado através de ações incisivas sobre questões relacionadas à saúde, educação, inserção social, relacionamento interpessoal e questões ambientais.

1.2 JUSTIFICATIVA DO TEMA

Acredita-se que o conhecimento e a compreensão da palavra das mulheres, que passam por situações de violência, proporcionará aos profissionais da Saúde, subsídios para a melhoria da acolhida e assistência das mesmas, nos serviços da Rede Pública de Saúde. Daí a relevância desse tema somada à preocupação e comprometimento profissional com a melhoria da assistência integral da mulher, considerando-se suas especificidades.

Esse estudo busca a compreensão da palavra de mulheres que vivenciam a dimensão existencial da violência, marcadas por um corpo doente tanto do ponto de vista psíquico como social. Nesse sentido, entendo que, em diferentes proporções e ao longo da história da humanidade, a violência sempre esteve presente, tornando-se parte da existência humana, transformando o espaço e a corporeidade dos seres humanos.

Na condição de cidadã com acesso à informação, percebe-se que os desajustes sociais estão em toda parte e caracterizam-se pela ineficiência do sistema educacional e conseqüente onda de desempregos, falta de condições de moradia e saneamento, uso de drogas e disputas de poder. Tudo isso carregado de um individualismo arraigado na essência de cada ser.

Para alguns autores, o cenário atual revela que se está diante de um novo ponto de mutação, caracterizado por avanços tecnológicos, uso abusivo dos recursos naturais, intensificação das lutas pelo poder, globalização e capitalismo, no qual, somente o nascimento de uma outra espécie humana, com outra consciência poderá salvar-nos do processo de destruição (MURARO e BOFF, 2002).

Muitos movimentos em direção a essa nova tomada de consciência humana, vêm sendo organizados, nas últimas décadas. Um exemplo disso foi o surgimento do movimento feminista com o objetivo de libertar, tanto as mulheres quanto os homens, para o compartilhamento de direitos em uma vida autêntica e consciente (AUAD, 2003). Depois de

séculos de silêncio e opressão, a mulher vive um momento histórico no qual, cada vez mais, assume novos e importantes papéis sociais. Nesse contexto, é um privilégio acompanhar e participar do resgate da autonomia da mulher, nas representações sociais.

Observa-se que o processo de independência da mulher ocorre de diferentes modos, dependendo da cultura e organização da sociedade e, mesmo em uma determinada comunidade, esse crescimento é observado de maneira desigual, considerando as especificidades de cor e a classe social da mulher.

Vários fatores contribuem para a manutenção da opressão feminina nos diferentes setores da sociedade, mas acredita-se que nada oprime mais do que a falta de apoio dentro do lar, no qual, muitas vezes, a mulher é vítima e resiste a diferentes tipos de violência. Esse cenário cruel e desumano, infelizmente caracteriza a vida de sofrimento e dor vivenciado rotineiramente por milhares de mulheres, no mundo inteiro.

Com este trabalho, procurou-se estudar a percepção que as mulheres de classes populares, em situação de violência doméstica, têm, na atualidade, sobre a maneira como elas são atendidas pelos serviços da Rede Pública de Saúde da cidade de Porto Alegre-RS.

Assim, o problema dessa pesquisa caracterizou-se pelo desconhecimento da palavra das mulheres pelos profissionais de Saúde, no sentido de compreender suas expectativas² e necessidades quando procuram ajuda nos serviços de saúde.

O mesmo justifica-se pela necessidade de ampliação da atenção à saúde da mulher, pondo em voga outros aspectos relacionados com o bem-estar da população feminina. A violência doméstica, como problema de Saúde Pública, age como uma barreira para a promoção da saúde integral da mulher e todo o seu núcleo familiar.

² A palavra expectativa traduz na esperança fundada em supostos direitos, probabilidades ou promessas (expectativa, 1999, p. 861)

1.3 QUESTÕES DE PESQUISA E OBJETIVOS

A partir das reflexões realizadas sobre a temática, da inserção na luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, aliados aos questionamentos emergentes das leituras realizadas, apresentam-se as questões de pesquisa:

- Como as mulheres, em situação de violência, resistem durante anos ao convívio com um companheiro agressor? Será que essas mulheres, que hoje se submetem a um convívio conjugal agressivo conviveram, quando crianças em lares igualmente violentos? Como elas percebem o atendimento, nos serviços de saúde, em relação a problemática da violência doméstica?

A fim de entender as respostas a esses questionamentos, definem-se os objetivos do estudo:

- Conhecer as estratégias utilizadas por mulheres no enfrentamento de situações de agressão física, sexual e psicológica;
- Desvelar o acolhimento³ prestado pelos serviços básicos de saúde, na perspectiva das mulheres vítimas de violência.

³ Entende-se por acolhimento, a atitude do profissional de Saúde ao receber seus usuários. De acordo com Ramos (2001), o trabalhador de Saúde deve procurar desenvolver uma postura de colocar-se no lugar do usuário para melhor perceber suas necessidades, atendendo-as e encaminhando-as da melhor maneira possível.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando a centralidade de alguns temas no estudo sobre a condição social feminina, principalmente no período histórico atual, inicia-se esta seção do projeto, abordando o referencial teórico, embasado em cinco aspectos existenciais: família, mulher, corporeidade e sexualidade, gênero e, por fim, a violência contra a mulher.

2.1 FAMÍLIA

Todo indivíduo necessita de uma família - um lugar de pertencimento - para nascer, sobreviver e se desenvolver, assim como de um trabalho que garanta suas necessidades materiais. A família e o trabalho são instituições centrais na vida de cada pessoa, cultura, sociedade e grupo (STREY, 2001). Para essa autora, falar sobre família geralmente inclui falar também de mulheres, uma vez que famílias só de homens são mais raras, enquanto famílias, onde vivem apenas mulheres, são mais comuns.

Para o Ministério da Saúde, família é um "grupo de pessoas com vínculos afetivos, de consangüinidade ou de convivência", sendo esse o primeiro núcleo de socialização que transmitirá os valores e costumes que formarão a personalidade e bagagem emocional do indivíduo (BRASIL, 2001 p.13).

Atualmente, encontra-se uma diversidade de formações familiares que extrapolam o conceito nuclear: pai, mãe e filhos. Isso remete, tanto à percepção de uma mudança social e cultural da sociedade, quanto da importância de movimentos sem preconceitos, dentro desta nova realidade (SOUZA e VARGAS, 2000).

Ao mudar o modo de organização das famílias - monoparenterais, as uniões estáveis, as reconstituídas, os casais do mesmo sexo e as famílias tradicionais-, surge uma nova realidade social: "um novo contexto de relações de poder e inter-relações, um universo

diferente de expectativas e de representações subjetivas no âmbito da família, com dificuldades próprias, envolvendo todos os seus membros" (BRASIL, 2001 p.14).

Percebe-se este mosaico de organização familiar na própria família, nas relações de trabalho, nos mais diversos segmentos da sociedade e, principalmente, através da assistência desenvolvida às mulheres na comunidade.

Como outra definição moderna de família apresenta-se a concepção de Souza e Vargas (2000, p.124) para quem a família é "um grupo de pessoas que interatuam e que se abrem a trocas e mudanças. É um todo de relações que se sobrepõem e legitimam um espaço social, independente de quem as originou".

É na família que o indivíduo desenvolve laços de intimidade, cumplicidade e confiança. De acordo com Custódio, Henckemaier e Canali, citados por Nitischke e Elsen (2000 p.42), "a família saudável se une por laços de afinidade exteriorizados por amor e carinho". Mas afinal, quem são as famílias do mundo de hoje? De que maneira vivem, desenvolvem-se e constroem laços?

Terapeutas familiares definem o conceito de família saudável como sendo aquela livre de psicopatologias e com um ótimo funcionamento familiar, devendo estar presente um equilíbrio de coesão, flexibilidade e comunicação funcional (NITISCHKE e ELSESEN 2000).

Ao longo da história da humanidade, as mulheres foram assumindo o papel de cuidadoras, por excelência de suas famílias, ficando os homens responsáveis pelo sustento material. Em função disso a mulher tem sido responsabilizada por ser capaz de influenciar o estado de saúde da família, considerando que "a concepção de saúde e doença tem sido permeada pela classe social, pelo gênero, refletindo, com isso, laços estruturais entre corpo e sociedade" (SOUZA e VARGAS 2000, p. 124).

Acredita-se que o ambiente familiar deva ser de complementaridade e todos os integrantes responsabilizados pelo bem-estar comum do grupo. Cada integrante deve comprometer-se com a manutenção da dinâmica, auxiliando seus pares, na mesma direção.

Infelizmente isso não acontece na maioria das famílias, pois se observa fatores sociais que contribuem para o desajuste desse grupo. Muitos núcleos familiares passam por sérios problemas financeiros, agravados ou em consequência de dependência de drogas e álcool. Nesses ambientes as relações de poder⁴ tornam-se mais tensas e conflitivas, levando seus membros ao esgotamento físico e mental com reflexo nas suas relações sociais de trabalho e lazer.

Essa investigação desenvolve-se exatamente no cenário dessas famílias conflituosas em que a mulher é considerada culpada por ter se afastado do mundo privado para envolver-se em questões da esfera pública.

2.2 MULHER

Ser mulher é sinônimo de luta constante por liberdade das amarras opressoras, socialmente arraigadas, há milhares de anos. Embora profissionais de diversas áreas venham se dedicando ao estudo da origem da opressão feminina, essa problemática revela inúmeras dificuldades de compreensão e entendimento, pois apesar dessa opressão ser sabidamente universal, apresenta formas e conteúdos peculiares em cada formação social (VAITSMAN, 1989).

As relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho são constantes indissociáveis que formam um sistema (KERGOAT, 1996). Por essa razão, opta-se por iniciar esta revisão literária sobre a inserção social da mulher, descrevendo um pouco o aspecto

⁴ A concepção de poder que está na base dessa afirmativa caracteriza-se pela luta por autoridade, pelo direito de deliberar, agir e mandar dentro do espaço doméstico (PODER, 1999, p. 1591).

histórico do trabalho feminino e, para isso, utiliza-se como ponto de partida, o final do período da escravatura e os primórdios da industrialização brasileira.

Considerando esse cenário histórico, as dificuldades não tardam a aparecer, uma vez que os próprios historiadores trabalham com imagens diferenciadas das mulheres desse período. Segundo Rago (1997, p.579) as trabalhadoras eram percebidas de diferentes maneiras: "Frágeis e infelizes, para os jornalistas, perigosas e indesejáveis⁵ para os patrões, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e degeneradas para os médicos e juristas"

Para a mesma autora, a identidade das mulheres trabalhadoras é retratada basicamente, pelo gênero masculino, uma vez que existem poucos documentos escritos por mulheres trabalhadoras e, em sua maioria, são textos de denúncia ou entrevistas orais, dando uma idéia de como as mulheres observam-se a si próprias e ao mundo do trabalho.

A maior parte da documentação disponível sobre o universo fabril foi produzido por autoridades públicas, como médicos higienistas responsáveis também pela definição dos códigos normativos de conduta; ou policiais, responsáveis pela segurança pública; por industriais, receosos das mobilizações operárias; e por militantes anarquistas, socialistas e, posteriormente, comunistas, preocupados em organizar e conscientizar politicamente o proletariado (RAGO, 1997, p. 579).

Isso explica o fato de que, até recentemente, falar de trabalhadoras urbanas, no Brasil, era sinônimo de "retratar um mundo de opressão e exploração demasiada, em que elas apareciam como figuras vitimizadas e sem nenhuma possibilidade de resistência. Sem rosto, sem corpo, a operária foi transformada numa figura passiva, sem expressão política nem contorno pessoal" (RAGO, 1997, p.579).

A partir do século XIX, o governo brasileiro passou a atrair imigrantes europeus para desenvolverem trabalhos, tanto nas fazendas de café, quanto nas fábricas emergentes nas grandes cidades, com o objetivo principal de substituir a mão-de-obra escrava, depois da promulgação da Lei do Ventre Livre, seguida da Abolição da Escravatura. No período de

⁵ Os grifos dessa frase foram feitos pela própria autora.

1880 a 1930, segundo Rago (1997), entraram, no País, cerca de 3,5 milhões de imigrantes (italianos, portugueses, espanhóis, alemães, russos e australianos) em busca de um futuro promissor, refugiando-se da difícil condição social de seus países de origem.

Em estudos sobre a imigração e a industrialização, no Brasil, a focalização da presença feminina nesse processo não é claramente descrita. No entanto, sabe-se que o número de crianças e mulheres imigrantes foi bastante significativo e que essa força de trabalho, barata e abundante, formou a base das nossas primeiras indústrias. Elas estavam presentes no setor de tecelagem e fiação, onde não havia muita mecanização; no entanto, não eram encontradas nos setores de metalurgia, calçados e mobiliário, com predomínio dos operários masculinos (RAGO, 1997).

Entretanto, a ascensão da mulher, no mercado de trabalho, não durou muito. As mulheres não foram progressivamente substituindo os homens; pelo contrário, elas foram expulsas das fábricas, proporcionalmente aos avanços da industrialização e à incorporação masculina como força de trabalho (RAGO 1997). Independente da classe social, as mulheres sempre enfrentaram dificuldades em participar do mundo dos negócios. Tais dificuldades são caracterizadas pela variação salarial, intimidação física, assédio sexual e desqualificação intelectual. Reinicia-se aí um novo capítulo da opressão feminina registrado, ainda, dentro dos próprios lares, onde o trabalho feminino era hostilizado no interior da família.

Os pais desejavam que as filhas encontrassem um bom partido⁶ para casar e assegurar o futuro; isso bate de frente com as aspirações de trabalhar fora e obter êxito em suas profissões. Não socializar informações importantes era uma boa estratégia e os homens se valiam dela procurando preservar seu espaço na esfera pública e desqualificar o trabalho feminino (Rago, 1997, p. 582).

Outro aspecto relevante na construção do cenário social brasileiro é a maneira como a mulher negra insere-se neste contexto. Para a socióloga Gonzalez (1982) a condição de ser

⁶ Os grifos dessa frase foram feitas pela própria autora.

negra e mulher, no Brasil, é sinônimo de tripla discriminação, já que os estereótipos gerados pelo sexismo e pelo racismo a colocam no mais baixo nível de opressão.

Enquanto ser homem é objeto da perseguição, repressão e violências policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que se pensa e age a polícia brasileira), ela se volta à prestação de serviços domésticos junto às famílias de classe média e alta da formação social brasileira (GONZALEZ, 1982, p.97).

Com a abolição da escravatura, as mulheres negras continuaram trabalhando nos setores mais desqualificados, recebendo salários baixíssimos e um péssimo tratamento. A formação do mercado de trabalho livre não alterou a condição social dessas mulheres. Elas não entraram nas fábricas como as imigrantes dos países europeus. Para garantir o sustento da própria família tornaram-se empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras, doceiras, vendedoras de rua ou prostitutas.

De acordo com Rago (1997), na documentação disponível, as mulheres negras são retratadas como personagens extremamente rudes, bárbaras e promíscuas, destituídas de qualquer direito de cidadania. Observa-se, além disso, sérios esforços desempenhados pelo governo, para que os imigrantes viessem, de preferência, dos países europeus, excluindo-se África e Ásia, priorizando o embranquecimento e o fortalecimento da etnia brasileira.

Todos conhecem as condições históricas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e particularmente das mulheres negras; no entanto, paralelamente a esse legado histórico, há anos as mulheres negras buscam alargar o conceito de violência contra a mulher, extrapolando a agressão e o abuso sexual e introduzindo o conceito de violência racial "entre as práticas que produzem dano físico, psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação" (CARNEIRO, 2003, p. 12).

Ao longo dos anos que separam o século XIX do veloz avanço tecnológico e científico do século XXI, a mulher passou por várias transformações na sua forma de se relacionar socialmente. Ainda hoje encontramos os mais variados tipos de mulheres, desde

esposas dedicadas, mães amáveis e educadoras, mulheres que lutam pela paz, religiosas, mulheres que se casaram por amor ou interesses, mulheres que lutam pela liberdade de expressão, mulheres escravas da moda ou que queimam seus soutiens em protesto a isso, mães solteiras, mulheres trabalhadoras, donas-de-casa, mulheres traficantes ou usuárias de drogas, mulheres policiais, mulheres violentas e violentadas e tantas outras....

O movimento feminista contemporâneo, reorganizado no Brasil a partir da década de 60, engajado na luta pela transformação social, vem contribuindo historicamente para a construção de uma nova cidadania que visa à participação integral da mulher (ÁVILA, 2001). Acredita-se que a maior contribuição desse movimento, e dos estudos feministas, realizados desde então, tenha sido proporcionar às mulheres a visibilidade da sua própria história e da sua luta pela igualdade social por meio da concepção de gênero, abordado mais adiante, neste estudo.

2.3 CORPOREIDADE E SEXUALIDADE

As diferentes esferas do poder vêm influenciando, ao longo da história da humanidade, a construção cultural e biológica do corpo. Colocando em evidência, neste estudo, o corpo feminino - disciplinado e normatizado - inserido em uma história longa e diversificada, deixar-se-á de lado a "boa aparência", aqui entendida como sinônimo de beleza e saúde, para falar de corpos marcados pela violência visível e/ou invisível.

O corpo feminino ideal, apresentado pela mídia, começa, ainda que lentamente, a dividir espaço com a história real de corpos femininos "cheios" de dor. Assim como o movimento feminista, as redes de apoio, frutos do mesmo, vêm contribuindo para a socialização do ambiente doméstico, deixando transparecer as relações de desigualdade representada pela força física e opressão sexista (ZÜWICK, 2001).

A auto-percepção do corpo sofre transformações ao longo da vida e, é influenciada pela cultura e sociedade. Em seus estudos sobre a violação do corpo de mulheres sexualmente agredidas, Züwick (2001) questiona como é constituída a subjetividade feminina e o que as mulheres pensam sobre si mesmas e sobre seu corpo, a partir da violação.

O contexto atual da corporeidade e sexualidade feminina tem suas raízes na história de uma sociedade culturalmente machista e preocupada em manter a mulher dentro do espaço privado do domicílio, atribuindo ao seu corpo características frágeis e naturalmente⁷ inferiores, em relação ao corpo masculino forte e naturalmente preparado para a vida pública e funções intelectuais.

Para Rohden (2001), o final do século XVIII, palco de reformas e igualitarismo, ao invés de proporcionar uma revolução na representação médica da mulher, originou uma reafirmação da sua condição biológica - corpo moldado para a gestação e o nascimento-, estabelecendo os já conhecidos papéis de mães e esposas.

O século XIX é marcado como período histórico em que as características hierarquizantes foram fortemente preconizadas pelos cientistas da época, os profissionais médicos que difundiram amplamente sua área de conhecimento e influência social, fazendo nascer uma "nova Medicina" que visava a ordenar e classificar o vasto e confuso conjunto das doenças (ROHDEN, 2001). O radicalismo desses cientistas permitia-lhes afirmar que, no desenvolvimento da espécie, as mulheres "teriam ficado para trás em relação aos homens, o que as colocaria em uma posição mais próxima dos primitivos e das crianças" (ROHDEN, 2001, p. 116).

Com o passar dos anos, possibilidades de emancipação feminina foram surgindo e enfrentando a hegemonia masculina que insistia em controlar todas as instâncias sociais. Um exemplo disso foi o desenvolvimento de técnicas contraceptivas que, no primeiro momento,

⁷ Aqui o conceito de natural está relacionado as condições biológicas sob o olhar patriarcal machista - construtor da nossa cultura atual.

trouxeram maior autonomia às mulheres em relação ao seu corpo, mas observa-se que, ainda hoje, em relacionamentos afetivos mais conservadores, o homem trata de recuperar seu poder sobre o corpo feminino através da manipulação psicológica ou da força física.

Em pleno século XXI, as mulheres não têm autonomia integral sobre seus corpos, pois dependem da aprovação do companheiro para o uso de preservativos, até mesmo o feminino. Dependem da assinatura de seus maridos para fazer uma ligadura tubária; obedecem a ordens geralmente masculinas, na hora de ganhar seus bebês e não podem optar pelo aborto no caso de uma gravidez não desejada. Em seus estudos sobre o universo feminino, Luz e Berni (2000) encontram relatos entre moradores de classes populares que dizem que o homem tem direitos sobre o corpo da mulher e que a ela cabe cumprir o seu papel.

Além disso, soma-se o fato de a mídia manipular a percepção dos indivíduos sobre o seu próprio corpo. Para Silva (2001, p. 23), "há estratégias de marketing em torno de 'padrões de beleza' que contribuem para uma nova relação dos indivíduos com a sua dimensão corporal, trabalhando na conexão entre a promessa de valor de uso da mercadoria e a necessidade do consumidor".

Acredita-se que esses fatores históricos culturais descritos são agravados, quando se pensa o corpo das mulheres em situação de violência devido à invisibilidade ou impotência social frente a essa problemática. Daí a importância de os profissionais de saúde estarem atentos a este foco da assistência à saúde da mulher.

2.4 GÊNERO

Ao trabalhar questões de gênero precisa-se estar atento aos aspectos relacionados ao sexo, à sexualidade, à raça/etnia, à classe social e à orientação sexual; porém, a preocupação, neste estudo, tem como foco as implicações sociais relacionadas à maneira como as

diferenças sexuais tomam forma, são representadas e compreendidas no convívio social dos indivíduos.

Gênero é definido como "a construção cultural coletiva dos atributos da masculinidade e feminilidade" (BRASIL, 2001 p. 14). Com a intenção de distinguir-se do conceito de sexo (característica biológica individual), o conceito de gênero baseia-se nas expectativas que a cultura tem em relação a cada sexo.

Para Heilborn (2000, p. 43) gênero é "a distinção entre o plano dos atributos culturais alocados a cada um dos sexos, em contraste com a dimensão anátomo-fisiológica dos seres humanos".

A socialização de gênero é o processo ao qual homens e mulheres são submetidos para ocuparem seus papéis na sociedade. No entanto, a estrutura de gênero delimita o poder entre os sexos, mesmo quando a norma legal é de igualdade, uma vez que se encontra na vida diária, a iniquidade e a desigualdade na distribuição de riqueza e poder entre homens e mulheres (BRASIL, 2001).

Desde o nascimento, aprendemos a ser homens e mulheres, pois a construção social do sexo inicia-se com a socialização da criança que passa a assimilar estereótipos ligados à identidade feminina e masculina, pelas diferentes instituições sociais (MEYER, 2001; LUZ E BERNI, 2000).

Portanto, ao trabalhar com a temática "violência contra a mulher", não se poderia excluir da discussão, a questão gênero. A organização social complexa e hierarquizada construiu formas de silenciar e oprimir as mulheres e, uma delas, está na dificuldade de acesso ao mercado de trabalho pois, dessa forma, a mulher torna-se ainda mais submissa ao poder e domínio masculino. Nessa organização social o homem branco encontra-se na melhor posição, seguido da mulher branca, do homem negro e por fim, ocupando a pior posição, a mulher negra.

Concorda-se com Bruschini (1994) quando diz que a disponibilidade da mulher ao mercado de trabalho está intimamente ligada às características pessoais, como a escolaridade e a idade, assim como a posição social e econômica da família em que a mesma se insere. Para essa autora os primeiros estudos relativos à presença/ausência das mulheres no mercado de trabalho não levavam em conta o importante papel exercido pelo ambiente familiar, em que ocorre a reprodução.

Os papéis sociais de gênero - masculino e feminino - estão distribuídos de modo a respeitar ou favorecer relações de domínio e poder e, por essa razão, as mulheres se deparam com barreiras ao tentar livrar-se de alguns ciclos viciosos como as situações de violência. Tais barreiras apresentam-se de forma diferente para as diferentes mulheres que constituem a sociedade brasileira; por esse motivo, volta-se a lembrar os agravantes relacionados a raça/etnia, classe social e idade.

No entanto, esse cenário histórico vem sendo modificado, a partir de uma luta política que fez nascer uma linguagem feminista pela construção de um campo feminista de conhecimento (RAGO, 2000; ÁVILA, 2001; PORTELLA, 2001).

Daí emerge a categoria relacional do gênero, tratando de acabar com a preocupação de um fortalecimento da identidade da mulher, oferecendo uma resposta ao impasse teórico existente quanto ao questionamento da lógica da identidade. Nessa perspectiva "a teoria feminista propunha que se pensasse a construção cultural das diferenças sexuais, negando radicalmente o determinismo natural e biológico" (RAGO, 2000, p. 36). A categoria de gênero possibilita a elaboração de estudos sobre homens e mulheres, num campo teórico renovado e redimensionado.

Assim, parece fundamental pensar sobre os aspectos relacionados à temática de gênero, pois, dessa maneira, amplia-se o campo de visão e atuação frente aos diferentes problemas sociais.

Mas em que parte do caminho a apropriação da noção feminista de gênero está relacionada com a problemática da violência contra a mulher?

A abordagem de gênero, que surgiu há mais de três décadas, conseguiu progressivamente consolidar-se como modelo explicativo hegemônico para a ocorrência da violência contra a mulher. Essa afirmação sustenta-se no fato de tal modelo, na virada do século o XXI, ainda ser uma tendência explicativa, majoritária na produção especializada sobre a temática em questão (GOMES, 2003, p. 205).

Além disso, conforme nos explica Saffioti (2003), a presença constante dos três eixos - patriarcado, racismo e capitalismo -, contribuem para a formação de subjetividades que irão balizar as relações sociais.

Vários fatores relacionados a estes três pilares da sociedade incrementam a perpetuação da violência contra a mulher. Como exemplo, destaca-se o novo quadro que se forma no mercado de trabalho, onde um grupo considerável de mulheres avançam e penetram em áreas profissionais, por exemplo, antes eminentemente masculinas, provocando um grave desconforto entre os homens.

Observa-se um sentimento agudo de impotência, nos homens desempregados e sobretudo naqueles que estão sendo vítimas do desemprego de longa duração, na medida em que perderam, talvez em definitivo, seu papel social tradicionalmente considerado o mais importante: o de provedor das necessidades materiais da família... o poder apresenta duas faces: da potência e da impotência (Saffioti, 2003, p. 31).

A violência étnico/racial, violência de gênero e a violência de classe viabilizam a concretização dos três projetos de exploração-dominação do capitalismo: "o projeto da burguesia, que visa dispor como lhe aprouver da classe trabalhadora; o projeto dos homens, cujo objetivo consiste em subordinar as mulheres; e o projeto dos brancos de manter sua supremacia[...]" (SAFFIOTI, 2003, p.37).

Por esses motivos considerou-se importante a abordagem de gênero neste estudo, dada sua relevância para a compreensão da temática em questão, principalmente partindo-se de um olhar da saúde no qual as questões sociais merecem sempre ser melhor buriladas.

2.4 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência caracteriza-se por ser um dos fenômenos mais angustiantes do mundo atual, revelando-se em todas as sociedades como um elemento estrutural intrínseco ao próprio fato social, fazendo parte de qualquer grupo humano ou civilização. Assiste-se, hoje, a uma escalada da violência e, ao mesmo tempo, a uma banalização e rotinização da mesma e, por conseqüência, um estado de indiferença, onde o ato violento ou a não-violência são vistos como simples dados do cotidiano (GAUER, 2000).

Torna-se cada vez mais necessário refletir a respeito para se compreender melhor em que consiste, de que maneira está presente em nossas vidas e como agir para combatê-la. (PANDIJARJAM, 1997).

Um aspecto preocupante dessa temática é a questão da violência velada observada de modo dissimulado, nas relações sociais, da qual não se encontra o agente causador, mas ela se reflete nos índices de miséria, analfabetismo, desemprego e fome, trazendo conseqüências imediatas à qualidade de vida da humanidade (GROSSI, 1996).

Voltando nosso olhar para a questões específica da violência doméstica, a mesma é definida como "o abuso físico, sexual e/ou emocional de um indivíduo dentro da família, o que inclui a violência contra a criança, contra a mulher e contra idosos. Também podem ocorrer situações de violência doméstica entre namorados, noivos e conhecidos" (GROSSI, 1996, p.133).

Uma das violações dos direitos humanos, mais praticadas e menos reconhecida no mundo, é a violência contra a mulher que, por afetar a integridade corporal, o estado psíquico e emocional da vítima, assim com seu senso de segurança, caracteriza-se como um problema de Saúde Pública (GROSSI, 1996).

Existe um consenso de que a violência contra a mulher refere-se a uma violência de gênero (SOARES, 2002; FONTANA e SANTOS, 2001; GROSSI, 1996). De acordo com a

Declaração das Nações Unidas, de 1993, citada por Grossi, (1996. p.134), a violência contra a mulher é compreendida como "qualquer violência de gênero que resulta em danos psicológicos, físicos e sexuais, incluindo ameaças, coerção ou privação arbitrária da liberdade, seja na vida pública ou privada".

Observa-se que essa violência pode ser reproduzida de diferentes maneiras, variando desde o plano simbólico, estabelecendo papéis sociais e sexuais impostos, até a violência física - "O homem violento utiliza diversos padrões de comportamento visando subjugar a companheira à sua vontade, impondo sua masculinidade, por meio de relações hierárquicas e desiguais" (GROSSI, 1996 p.134). Trata-se de um fenômeno mundial que não respeita fronteiras de classe social, raça/etnia, religião, idade e grau de escolaridade.

Segundo a pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (FPA), uma a cada cinco brasileiras (19%) declara espontaneamente ter sofrido algum tipo de violência por parte de algum homem: 16% relatam casos de violência física, 2% citam alguma violência psíquica e 1% lembra o assédio sexual (NÚCLEO DE OPINIÃO PÚBLICA - FPA, 2001)

A maioria dos casos de agressão acontece no ambiente familiar e o principal agressor geralmente é o companheiro que a mulher escolheu para construir um lar e uma família. De acordo com Grossi, (1996), quando a sociedade destina à mulher um papel passivo e submisso, cria-se espaço para a dominação masculina, através de um lento processo de mutilação feminina, considerado legítimo. Dessa forma a autora caracteriza a violência física como uma das formas mais exacerbadas de poder masculino.

Ainda em relação à pesquisa realizada pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo (2001)⁸, observa-se a magnitude do problema na citação a seguir:

Considerando-se que entre as que admitiram ter sido espancadas, 31% declararam que a última vez em que isso ocorreu foi no período dos 12 meses anteriores, projeta-se cerca de, no mínimo, 2,1 milhões de mulheres espancadas por ano no país (ou em 2001, pois não se sabe se estariam aumentando ou diminuindo), 175 mil/mês, 5,8 mil/dia, 243/hora ou 4/minuto – uma a cada 15 segundos.

⁸ Citação sem página pois está disponível em <http://www.fpabramo.org.br/nop/nop.htm>.

Em nosso Estado, de acordo com o Relatório Azul, publicado pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul (ALRS), "os dados disponíveis sobre a violência específica contra a mulher vêm demonstrando crescimento" (RELATÓRIO AZUL, 2003, p. 108); no entanto, segundo o relatório, as estatísticas adotadas oficialmente pela Secretaria de Justiça e da Segurança (SJS/RS) não incluem as especificidade de cor e idade, impossibilitando, dessa maneira, a compreensão holística do fenômeno, no Estado.

A violência contra a mulher é reflexo da desigualdade social, política e econômica reforçado por ideologias sexistas, classistas e racistas. Por essa razão é fundamental incorporar-se a questão de gênero nesta discussão pois, o papel feminino define-se a partir de situações cotidianas e repetitivas.

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2001) em sua recente publicação sobre o tema descreve que as manifestações clínicas da violência podem ser crônicas ou agudas, sociais, mentais e físicas. As desagregações psicológicas e fatores psicossomáticos, entre eles, os pesadelos, a insônia, a falta de concentração e irritabilidade, podendo ser considerados como manifestações de estresse pós-traumático (BRASIL, 2001).

Também são observadas manifestações sociais como isolamento por vergonha e medo de que outras pessoas descubram o que está acontecendo, medo de que a violência se repita, mudanças freqüentes de emprego e moradia. Fatores como a história familiar, auto-estima, situação emocional, econômica e carência de recursos sociais, ajudam a compreender as razões da permanência das mulheres em uma situação de violência (BRASIL, 2001).

Os danos causados pela violência de gênero poderão ser observados por toda a vida da mulher, principalmente devido à carência de serviços adequados para o atendimento das mulheres que tomam coragem de procurar ajuda, somada à falta de políticas públicas eficazes no combate e prevenção das situações de violência. Envolvida em um contexto

socioeconômico e cultural, a violência contra as mulheres vem, ao longo da História, discriminando, de modo explícito, o sexo feminino (BARSTEAD, 1998).

No campo dos direitos humanos das mulheres, as últimas três décadas fizeram toda a diferença, com o surgimento do movimento feminista e a criação do SOS Mulher e da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) em São Paulo, na década de 80 (GREGORI, 1993; CAMARGO E AQUINO, 2003).

Diferentes tipos de abordagens para a prevenção da violência contra a mulher vêm sendo adotados por centenas de ONGs da América Latina (FILHO, 2002). No entanto, a eficácia da redução e prevenção da violência doméstica depende da reunião e organização de recursos de diversas áreas, considerando-se a complexidade do problema e as suas repercussões (CAMARGO E AQUINO, 2003).

Finaliza-se essa breve reflexão sem a intenção de estar trazendo algo novo aos pesquisadores da área mas, sim, no desejo de lembrar que ainda será necessário muito esforço, em todos os ramos da sociedade, para transformar essa realidade violenta que continua a ser perpetuada, sorrateiramente, na intimidade de relacionamentos afetivos, onde os agressores não temem mais a janela aberta ou as eventuais denúncias registradas contra eles nas delegacias de polícia.

3 MÉTODO

3.1 ESCOLHA DO MÉTODO

A abordagem qualitativa foi utilizada como referencial metodológico, uma vez que permite ao pesquisador entender a essência da realidade concreta e a compreensão de processos sociais e fenômenos intrínsecos à vida humana. De acordo com Polit, Becke e Hungler (2001), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por permitir ao pesquisador um delineamento flexível do estudo, possibilitando um ajuste ao que está sendo captado durante a coleta de dados. Apresenta um caráter holístico visando à compreensão do todo, permitindo o uso de várias estratégias de coleta de dados. Exige um envolvimento intenso do pesquisador que se torna o próprio instrumento da pesquisa. Ao mesmo tempo, exige uma análise contínua dos dados, tanto para a formulação de estratégias e os passos subseqüentes, como para a finalização do trabalho de campo.

Essa abordagem "responde a questões muito particulares", no campo das ciências sociais, com um grau de realidade que não pode ser quantificado, valorizando "o universo de significados, aspirações, valores, motivos, crenças e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (MINAYO, 1997, p.21).

3.2 CAMPO DE ESTUDO E INFORMANTES

Este estudo teve como cenário uma das sedes de Maria Mulher - Organização de Mulheres Negras, localizada na Região Cruzeiro do Sul de Porto Alegre, que, por sua vez,

caracteriza-se por ser uma região habitada por um contingente populacional com baixo poder econômico, precárias condições de moradia e acesso à educação.

MARIA MULHER⁹ é uma organização feminista, coordenada por mulheres negras com formações diversas, criada em Março de 1987. Desde então, vem lutando pelos direitos das mulheres e pela melhoria das condições de vidas dos afrodescendentes. Tem por objetivos: combater as discriminações sexista, étnica/racial e social; propor políticas públicas que possibilitem a promoção de cidadania das mulheres, visando à igualdade e equidade de direitos e a instrumentalizar as mulheres negras para que atuem efetivamente na sociedade, como agentes de sua história.

Os elevados índices de violência são mais umas das características dessa região, onde a ONG, palco deste trabalho, desenvolve suas atividades, por meio de suas técnicas. É importante trazer aqui a visão de que a vila não pode ser considerada o início da violência mas, sim, o resultado gerado por dificuldades de acesso à educação formal, precárias condições de emprego e moradia, em consequência de desigualdades financeiras perpetuadas em favor de algumas classes sociais economicamente privilegiadas e detentoras de poderes.

As participantes do estudo foram dez mulheres que vivem ou viveram, pelo menos durante um ano com companheiros agressores. Essas mulheres chegaram até à Entidade em busca de ajuda para resolver problemas relacionados à violência conjugal e, à medida que se vinculavam às atividades oferecidas por Maria Mulher, foram sendo convidadas pela própria pesquisadora para participar do estudo.

A fim de manter o anonimato das informantes, cada uma delas recebeu um nome fictício. A seguir apresenta-se uma visão panorâmica das características dessas informantes.

⁹ Trav. Francisco Leonardo Truda, 40 – sobreloja – centro - Porto Alegre – RS – CEP 90010-050 Fone/FAX: (51)322506-74 E-mail: mariamulher@cpovo.net

- **Vitória:**

Idade	: 39 anos
Escolaridade	: Não Alfabetizada
Cor	: Preta
Ocupação	: Biscateira
Estado Civil	: Solteira - sem companheiro atual
Idade do Ex-Companheiro Agressor	: 34 anos
Ocupação do Ex-Companheiro Agressor	: Traficante de drogas (Presidiário)
Número de Filhos	: Dois
Início Da Violência	: Adolescência
Periodicidade da Agressão	: Diária
Denúncia do Agressor	: Nunca denunciou

*Os filhos de Vitória estão sob a guarda legal da sua sogra, em função do seu envolvimento com drogas.

- **Iara:**

Idade	: 43 anos
Escolaridade	: 8ª Série do Ensino Fundamental
Cor	: Branca
Ocupação	: Biscateira (catadora de lixo)
Estado Civil	: Solteira - vive com companheiro
Idade do Companheiro Agressor	: 47 anos
Ocupação do Companheiro Agressor	: Taxista
Número de Filhos	: Cinco
Início Da Violência	: Casamento
Periodicidade da Agressão	: Diária
Denúncia do Agressor	: Sim

- **Otília :**

Idade	: 23 anos
Escolaridade	: 5ª Série do Ensino Fundamental
Cor	: Branca
Ocupação	: Do lar
Estado Civil	: Solteira - vive com companheiro
Idade do Companheiro Agressor	: 20 anos
Ocupação do Companheiro Agressor	: Servente de obras
Número de Filhos	: Três
Início Da Violência	: Namoro
Periodicidade da Agressão	: Diária
Denúncia do Agressor	: Sim

- **Luisa:**

Idade : 22 anos
Escolaridade : 5ª Série do Ensino Fundamental
Cor : Parda
Ocupação : Do lar
Estado Civil : Solteira - vive com companheiro
Idade do Companheiro Agressor : 45 anos
Ocupação do Companheiro Agressor : Pedreiro
Número de Filhos : Três
Início Da Violência : União Conjugal
Periodicidade da Agressão : Diária
Denúncia do Agressor : Não

- **Elza :**

Idade : 25 anos
Escolaridade : 3ª Série do Ensino Fundamental
Cor : Preta
Ocupação : Desempregada
Estado Civil : Solteira - vive com companheiro
Idade do Companheiro Agressor : 33 anos
Ocupação do Companheiro Agressor : Pedreiro
Número de Filhos : Dois
Início Da Violência : União Conjugal
Periodicidade da Agressão : Diária
Denúncia do Agressor : Não

- **Natália:**

Idade : 25 anos
Escolaridade : 2ª Série do Ensino Fundamental
Cor : Preta
Ocupação : Desempregada
Estado Civil : Solteira - vive com companheiro
Idade do Companheiro Agressor : 30 anos
Ocupação do Companheiro Agressor : Carroceiro
Número de Filhos : Dois
Início Da Violência : União Conjugal
Periodicidade da Agressão : Diária
Denúncia do Agressor : Sim

- **Conceição:**

Idade : 27 anos
Escolaridade : Não Alfabetizada
Cor : Preta
Ocupação : Desempregada
Estado Civil : Solteira - sem companheiro atual
Idade do Ex-Companheiro Agressor : 21 anos
Ocupação do Ex-Companheiro Agressor : Traficante de drogas
Número de Filhos : Três
Início Da Violência : União Conjugal
Periodicidade da Agressão : Diária
Denúncia do Agressor : Não

- **Isabel:**

Idade : 24 anos
Escolaridade : 2ª Série do Ensino Fundamental
Cor : Parda
Ocupação : Desempregada
Estado Civil : Solteira - sem companheiro atual
Idade do Ex-Companheiro Agressor : 34 anos
Ocupação do Ex-Companheiro Agressor : Pedreiro
Número de Filhos : Dois
Início da Violência : União Conjugal
Periodicidade da Agressão : Diária
Denúncia do Agressor : Sim

- **Anastácia:**

Idade : 39 anos
Escolaridade : Não Alfabetizada
Cor : Preta
Ocupação : Biscateira
Estado Civil : Solteira - sem companheiro atual
Idade do Ex-Companheiro Agressor : 45 anos
Ocupação do Ex-Companheiro Agressor : Desempregado
Número de Filhos : Seis
Início Da Violência : União Conjugal
Periodicidade da Agressão : Diária
Denúncia do Agressor : Sim

- **Minerva:**

Idade	: 28 anos
Escolaridade	: 4ª Série do Ensino Fundamental
Cor	: Preta
Ocupação	: Vendedora de doces e salgados
Estado Civil	: Solteira - vive com companheiro
Idade do Companheiro Agressor	: 28 anos
Ocupação do Companheiro Agressor	: Servente de obras
Número de Filhos	: Quatro
Início Da Violência	: União Conjugal
Periodicidade da Agressão	: Diária
Denúncia do Agressor	: Sim

3.3 COLETA DAS INFORMAÇÕES

Para a coleta das informações do estudo, foi utilizada a técnica de entrevista narrativa (Apêndice A) descrita por Jovchelovitch e Bauer (2002), uma vez que através dela foi possível encorajar e estimular as informantes a contarem a história sobre a temática da violência em suas vidas.

A idéia básica da entrevista narrativa, de acordo com esses autores, "é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quando possível" (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2002, p. 93).

Para a realização de uma entrevista narrativa é necessário que o pesquisador tenha uma compreensão preliminar do acontecimento principal, a fim que ele tome conhecimento das lacunas que a entrevista deverá preencher e de como formular, de maneira mais conveniente o tópico central que tornará a narração auto-sustentável (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2002). Após a preparação e exploração do campo, assim como a formulação de questões exmanentes¹⁰, a realização de uma entrevista narrativa se dá através de quatro etapas, descritas a seguir:

¹⁰ Questões exmanentes refletem os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagem. O oposto, questões imanente são os temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazidos pelo informante (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2002).

Fase 1: iniciação - o contexto da investigação é explicado, em termos amplos, ao informante, solicitando-lhe permissão para se gravar a entrevista. Precisa-se ter em mente que o tópico inicial representa os interesses do pesquisador, devendo ser estimulante para deslanchar o processo de narração. "Esse tópico deve ser suficientemente amplo para permitir ao informante desenvolver uma história longa que, a partir de situações iniciais, passando por acontecimentos passados, levará à situação atual" (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2002, p. 98).

Nessa fase, evita-se, ainda, a referência a datas, nomes ou lugares permitindo que somente o informante o faça se for parte de sua estrutura relevante.

Fase 2: narração central - quando a narração inicia, não deve ser interrompida até que haja uma clara indicação, significando que o entrevistado se detém e dá sinais de que a história terminou. Nessa fase o pesquisador se abstém de qualquer comentário, a não ser sinais não verbais de escuta atenta e encorajamento explícito para o entrevistado continuar a narração. O apontamento de notas ocasionais para perguntas futuras pode ser realizado, desde que não interfira na narração.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 99), o pesquisador deve restringir-se "à escuta ativa, ao apoio não verbal ou paralingüístico, e mostrando interesse ("hmm", "sim", "sei"). Quando o informante indica o final da história questiona-se se isso é tudo que gostaria de contar ou se tem mais alguma coisa a dizer.

Fase 3: fase de questionamento - O fim "natural" da narração dá início ao momento em que a escuta atenta do pesquisador produz seus frutos. Nessa fase existem três regras básicas a ser seguidas:

- Não faça perguntas do tipo "por quê?"; faça apenas perguntas que se refiram aos acontecimentos, como: "o que aconteceu antes/depois/então?" Não pergunte diretamente sobre opiniões, atitudes ou causas, pois isto convida a justificações e racionalizações. Toda a narrativa irá incluir determinadas justificações e racionalizações; contudo, é importante não investigá-las, mas ver como elas aparecem espontaneamente.

- Formule apenas questões imanentes, empregando somente as palavras do informante. As perguntas se referem, tanto aos acontecimentos mencionados na história, quanto a tópicos do projeto de pesquisa. Transforme questões exmanentes em questões imanentes.
- Para evitar um clima de investigação detalhada, não aponte contradições na narrativa. Esta é também uma precaução contra investigar a racionalização, além da que ocorre espontaneamente.

Fase 4: fala conclusiva - Ao final da entrevista, com o gravador desligado, podem acontecer discussões interessantes, na forma de comentários informais. Esta informação contextual se mostra, em muitos casos, muito importante para a interpretação dos dados, e pode ser crucial para a interpretação contextual das narrativas do informante. Durante esta fase é permitido o uso de questões do tipo "por quê?".

Para que não se perdessem tais informações utilizou-se o esquema de notas de campo e quando necessário, foram feitos apontamentos, logo após o término das entrevistas.

As entrevistas foram todas realizadas na sede de Maria Mulher por escolha das próprias informantes que consideram a entidade um espaço acolhedor, onde elas são ouvidas e orientadas, sempre que precisam. Em suas casas, geralmente os companheiros estão por perto ou podem chegar a qualquer momento, por isso todas optaram por contar suas histórias no espaço físico da ONG, por oferecer privacidade, segurança e conforto. O tempo de duração das entrevistas foi, em média, uma hora.

3.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A análise é uma etapa bastante importante ao longo da realização de um estudo. Depois de analisar as informações coletadas, o pesquisador "junta as peças finais do quebra-cabeça para ter uma visão total do quadro, com um olhar crítico" (WOOD-LOBIONDO, 2001, p. 223). Essa é a etapa em que o pesquisador tem a oportunidade de vivenciar um processo mais crucial e criativo, dentro do estudo.

Neste estudo opta-se pela utilização da técnica de Análise de Conteúdo descrita por Minayo (1993, p. 203) uma vez que esta "relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados" articulando a superfície dos textos com os fatores que determinam suas características (variáveis psicossociais, contexto cultural e processo de produção de mensagem).

Dentro da análise de conteúdo foram desenvolvidas várias técnicas para se atingir os significados manifestos e latentes no material qualitativo; no entanto, a Análise Temática é uma das mais adequada ao tratamento de materiais sobre saúde (Minayo, 1993).

A idéia de tema está relacionada a uma afirmação a respeito de determinado assunto e incorpora um feixe de relações, podendo ser graficamente apresentada por uma palavra, uma frase ou resumo.

De acordo com as palavras de Minayo (1993, p. 209) a análise temática é operacionalizada por meio do seu desdobramento, nas três etapas seguintes:

1ª) Pré-análise: consiste na escolha dos documentos a serem analisados, na retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-as frente ao material coletado e na elaboração de indicadores que orientem a interpretação final.

Essa etapa pode ser decomposta nas seguintes tarefas:

Leitura Flutuante: do conjunto das comunicações. Consiste em tomar contato exaustivo com o material, deixando-se impregnar pelo seu conteúdo. A dinâmica entre as hipóteses iniciais, as hipóteses emergentes, as teorias relacionadas ao tema tornarão a leitura progressivamente mais sugestiva e capaz de ultrapassar a sensação de caos inicial.

Construção do Corpus: Organização do material, de tal forma que possa responder a algumas normas de validade: exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência.

Formulação de Hipóteses e Objetivos. A autora entende que há necessidade de se estabelecerem hipóteses iniciais, pois a realidade não é evidente: responde a questões que teoricamente lhe são colocadas. Porém esses pressupostos iniciais devem ser de tal forma flexíveis que permitam hipóteses emergente a partir de procedimentos exploratórios.

Ainda na pré-análise, deve ser determinada a unidade de registro (palavra-chave ou frase), a unidade de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais que orientarão a análise.

2ª) Exploração do material: consiste essencialmente na operação de codificação, quando ocorre a transformação dos dados brutos, visando ao alcance do núcleo de compreensão do texto.

Tradicionalmente, nessa fase, o primeiro passo é o recorte do texto em unidades de registro que podem ser uma palavra, uma frase, um tema, um personagem, um acontecimento tal como foi estabelecido na pré-análise. Em segundo lugar, são escolhidas as regras de contagem, uma vez que tradicionalmente constroem índices que permitem alguma forma de quantificação. E, em terceiro lugar deve ser realizada a classificação e a agregação dos dados, escolhendo as categorias teóricas ou empíricas que comandarão a especificação dos temas.

3ª) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: nessa etapa, os resultados brutos são submetidos a operações estatísticas simples ou complexas que permitam colocar em relevo as informações obtidas. A partir daí o analista propõe inferência e realiza interpretações previstas no seu quadro teórico ou abre pistas em torno de dimensões teóricas, pela leitura do material.

Ao término da análise, das informações coletadas emergiram quatro temas, desvelando-se, dessa maneira, algumas facetas da violência contra a mulher: 1º: MATIZES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER; 2º: A CONSCIENTIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA; 3º: PEDIDO DE SOCORRO: A VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA; e 4º: A ENTREVISTA NARRATIVA COMO ATIVIDADE TERAPÊUTICA.

3.5 CONSIDERAÇÕES BIOÉTICAS

Após a aprovação da banca Examinadora de Qualificação, o projeto deste estudo foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que emitiu um parecer favorável para sua execução (APÊNDICE C).

As informantes convidadas a participar receberam informações prévias sobre os objetivos da pesquisa, sua participação e direitos baseados nos princípios de beneficência, respeito à dignidade humana e justiça, preconizados pelo relatório Belmont (POLIT e HUNGLER 1995).

Foi solicitada a autorização para gravar as entrevistas em fita cassete, salientando-se à informante que sua identidade permaneceria anônima e as informações por ela fornecidas, seriam utilizadas somente para fins de pesquisa. Nenhuma informante se opôs ao uso do gravador, durante as entrevistas. De acordo com a Lei de Direito Autoral, as fitas são preservadas por um período mínimo de cinco anos e, após, destruídas (SILVEIRA, 1998).

A todas as informantes foi lido o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) que, após a leitura e as devidas explicações, foi assinado por elas e pela pesquisadora, ficando uma cópia com cada uma delas, de acordo com a recomendação da Resolução 196 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996). O consentimento informado é um processo e não meramente a assinatura de um documento. A paciência, o respeito mútuo, o diálogo e a persistência devem estar presentes nessa relação pesquisador-paciente (CLOTET, GOLDIM, FRANCISONI, 2000).

4 MATIZES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*"Ah! A minha história é como tem várias parecidas, que tanto eu já vi no vídeo e achei que tavam relatando meu caso."
(Iara, 43 anos)*

A vida da maioria das informantes deste estudo caracteriza-se por um infância tensa, marcada por forte presença de violência, fenômeno esse que se manifesta, de maneira diferente, na infância e na fase adulta dessas mulheres. Enquanto crianças, vivem uma vida com violência, mas pouco podem fazer para mudar a realidade. Já na vida adulta, com o início da relação afetiva elas são seduzidas a um convívio, cujo início, em geral, é tranquilo, mas com um final que lhes é totalmente inimaginável.

A perversidade da violência contra a mulher fica registrada na memória das informantes que relatam cenas de agressão trazidas dos tempos de infância. É como se estivessem assistindo novamente, a um velho e conhecido filme; porém, em suas lembranças, as vítimas não são elas.

Meu pai amarrava minha mãe no pé da mesa e dava nela de corrente... Eu cresci vendo essa violência na minha mãe. E eu pensava pra mim que eu nunca ia ter isso, né? Mas eu¹¹ não sou tão grave como a minha mãe né? (Elza)

...essa vida que eu tava vivendo com ele era praticamente igual a da minha mãe... Ele bebia agredia a minha mãe e a minha mãe saía correndo pra casa dos vizinhos com nós pequeno e ele ficava em casa quebrando tudo (Isabel).

As mulheres falavam de uma violência realizada contra "outra pessoa"; apenas uma informante relatou ter sofrido violência desde a infância ao ter sido colocada para fora de casa pela própria mãe, após tentativa de estupro, por parte do seu padrasto.

Eu passei muito trabalho! O meu padrasto, quando eu era guria tinha uns sete anos, tentou me estuprar e a minha mãe me botou pra rua. A minha mãe não

¹¹ Nesse momento a informante Elza referia-se à intencionalidade da violência que vivia com o companheiro, a qual ela considerava ser menos grave do que a que sua mãe vivenciou, anos atrás.

acreditava quando eu falava, achava que eu tava errada, que ele tava certo, mas eu tava certa no que eu falava pra minha mãe (Vitória).

Teóricos de outros países, sobre esse tema, apontam a violência familiar como a principal fonte de origem dos *chicos de la calle*¹² na Argentina (Ferreira, 1995). Além da violência, a rejeição e a miséria somam-se aos fatores que dão início à quebra do vínculo familiar (Prates, 1998).

De maneira semelhante à história de Vitória inicia a vida de muitas meninas e meninos de rua, onde a criminalidade os aguarda de braços abertos. Está-se diante de um recrutamento, pelo tráfico, de jovens, sem perspectivas de inclusão social, pois esse recrutamento caracteriza-se por ser uma oportunidade extraordinária de auto-realização e reconhecimento.

Essa situação ocorre com maior incidência entre homens jovens (15-25 anos), negros e pobres e, embora não exista um número tão alto de mulheres envolvidas em delitos graves, elas também são perpetuadoras e vítimas desse jogo perverso de anulação.

Dai comecei a andar pela rua, dormia na rua, passei uns trabalho na rua, comecei a fazer por mim na rua. Bá! Deus me livre... passei em FEBEM, presídio, cadeia... tu quer que eu fale, eu vou falá a verdade não vou mentir, né? (Vitória)

Seria necessária uma nova pesquisa para abordar as diferentes facetas da violência contra a criança; no entanto salienta-se aqui, apenas duas das conseqüências dessa prática: a perpetuação da violência ao longo da vida da mulher, que será abordada no decorrer deste estudo, assim como, a saída do lar e o envolvimento com a criminalidade, que apesar de ter ocorrido com apenas uma das informantes basta andar pelas ruas deste País para observar o número crescente de crianças em situação de abandono ou fuga do lar.

Inúmeros aspectos relacionados à Segurança Pública estão intimamente ligados a esse "fazer por mim na rua". A invisibilidade política, grupal e ideológica dessas crianças faz

¹² Meninos de Rua

com que elas criem mecanismos de reconhecimento, por meio de momentos efêmeros de violência, que despertam 'no outro' sentimentos como o medo, fazendo com que o jovem, até então invisível, passe a ser notado, percebido e reconhecido pela sociedade.

De diferentes maneiras a violência perpassou a vida infantil das mulheres entrevistadas e para muitas, materializou-se na agressão contra a mãe, tia, irmãos ou vizinha. Novamente evidencia-se a percepção infantil de que a violência acontece contra o "outro" e ela não é atingida.

...eu tinha uma tia. Uma tia que ela apanhava muito assim... Até, eu já nem sou tanto quanto ela, né? Ela apanhava muito mais (Luísa).

Em mim o meu pai não batia, só nos meus irmãos. Porque eu era doente sabe, vivia no hospital, daí eu parava mais no hospital do que em casa (Elza).

... tinha uma tia minha que brigava, mas ela morava lá em Canoas. Mas ela vinha cada vez que brigavam. Meu pai e minha mãe pegavam o caminhão e iam lá buscar ela pra não deixar ela passar trabalho, dificuldade, coisa assim. Mas a gente nunca chegou a ver os mau tratos dela, né, do marido dela... (Minerva).

De modo geral, as mulheres entrevistadas negam ter sofrido diretamente algum tipo de violência, durante a infância. Quando se tem a oportunidade de conviver direta ou indiretamente com crianças e adolescentes é possível perceber várias formas explícitas ou implícitas de violência e suas conseqüências (CAMINHA, 2000). A atual condição de vida dessas mulheres tem muito a ver com toda essa trajetória de vida, marcada por diferentes tipos de violência e, as conseqüências aparecem, principalmente, quando avaliados os motivos de permanência e a dependência afetiva em relação aos companheiros agressores.

Quando questionadas sobre o início da violência em suas vidas, o fenômeno aparece em diferentes momentos que variavam de acordo com a percepção de violência de cada informante. Poucas consideravam a violência, pelo menos psicológica, vivida na infância, pois iniciavam o relato de suas vivências pessoais de violência a partir do convívio afetivo/conjugal, exceto uma das informante.

É foi com treze pra catorze anos... é treze anos. Eu passei muito trabalho, bá... apanhava era judiada. Bá Deus me livre... (Vitória).

A violência sempre esteve presente na vida dessas mulheres uma vez que, desde cedo, tiveram muitos dos seus direitos humanos violados. Embora este estudo destine-se à temática da violência doméstica, é preciso salientar o agravante da violência racial, pois a maioria das informante são mulheres negras.

De acordo com a literatura, no que se refere a dados nacionais, "a população negra é a mais pobre, e com menor acesso à educação, ao trabalho e aos serviços públicos básicos. A cada mil nascimentos, morrem 37,3 crianças brancas e 62,3 negras" e ainda, "do percentual de 27,3% domicílios brasileiros, chefiados por mulheres, as mulheres negras chefiam os mais pobres" (GUIA DE DIREITOS HUMANOS, 2003, p. 261).

As desigualdades sociais e raciais assumem uma crescente, conforme diminuem as condições econômicas dos indivíduos e, isso pode ser observado quando se entra "nos postos de saúde do SUS, nas escolas da periferia mais depreciadas, nos bairros e favelas mais distantes, e encontraremos como maioria os rostos dos afrodescendentes, aqueles e aquelas a quem a cidadania e dos direitos humanos ainda constituem um desejo a ser realizado" (NUNES, 2002, p. 68).

Sem dúvidas, esses agravantes não verbalizados, explicitamente, pelas informantes do estudo, há muito comprometem suas condições de desenvolvimento social. De acordo com a Marcha Mundial de Mulheres (MARCHA MUNDIAL DE MULHERES, 2002), a globalização econômica também reforça esse cenário de violência contra a mulher, uma vez que é produto da relação contínua de dominação dos homens sobre as mulheres.

4.1 DA SEDUÇÃO À VIOLÊNCIA

Das dez informantes deste estudo, nove revelaram que a violência iniciou durante o relacionamento com seus companheiros, sendo que a vida afetiva do casal era caracterizada, a princípio, por tranquilidade e demonstração de carinho por parte de ambos. Com o passar do tempo, essa realidade se transformou em algo negativo e violento.

No começo ele era carinhoso, tu sabe como é o começo. Agora as vezes ele fala: 'Maldita hora que eu te conheci!' (Natália)

No começo era muito bom, daí nós ficamos três anos.... de dois anos pra cá que ele começou, primeiro ele me xingava em palavras, sabe? Eu tava conversando com qualquer pessoa ele vinha me chamava de puta, vagabunda aquela coisa toda e de um ano pra cá ele começou a me bater e me deixava marcas né? (Conceição)

O início da violência conjugal, para algumas mulheres, estava relacionado com algum fator externo como o relacionamento com as famílias de origem ou relacionamentos afetivos anteriores.

Eu comecei a namorar ele na casa da minha irmã... daí a gente começemo a namorar e depois de um ano ele começou a me bater. Não sei, ele começou a me bater quando a ex-mulher dele veio morar ali, sabe? Eu acho que é por causa dela. Ele gosta dela ainda eu acho. Então por que ele não me larga de mão, né? (chorando) (Elza)

Ah, era bom o nosso relacionamento. Quando ele não convivia muito com a mãe dele era bom, mas depois que ele começou a conviver com a mãe dele... (Minerva).

Outro marco referido pelas informantes para o início da violência conjugal estava relacionado com a gravidez ou nascimento do primeiro filho do casal. Em seus relatos constatou-se que a subordinação, assim como a opressão de gênero acontece, comumente, por controle do corpo feminino (PORTELLA, 2001). Com o advento da gestação o companheiro passa a ver o corpo da mulher como uma propriedade sua, já que foi capaz de fecundá-la.

Depois que eu fiquei grávida dele, que daí ele achou que eu era uma propriedade dele, que eu era dele, que eu não podia olhar pra ninguém, que eu não podia sair com ninguém. Que era dele, sabe? Eu acho que era uma doença, sei lá eu. Não sei como explicar o que que é, sei que depois eu fiquei grávida porque enquanto eu não tava grávida ele me xingava em palavras mas até aí eu não dava bola, mas depois que eu engravidei, acho que eu tava com uns três ou quatro meses daí ele

começou sabe? Com palavras mais fortes aí depois que eu ganhei sim que ele começou me violentar mesmo... (Conceição).

Em suas falas fica evidente a necessidade masculina de dominar o corpo da mulher, e a gestação aparece com um dos caminhos. Quando uma mulher com baixa escolaridade e, conseqüentemente, com pouco acesso ao mercado de trabalho fica grávida, ela acaba por se encerrar ainda mais no ambiente doméstico, enquanto o homem continua, sua vida normalmente, na esfera pública. A dependência emocional faz com que as mulheres procurem agradar o companheiro mesmo quando percebem que ele não está correspondendo às suas expectativas.

Aí começou aquele chute na canela, puxão de cabelo... Eu achava que era por causa do ciúmes aí tentava demonstrar que eu era fiel, que eu realmente gostava dele, daí foi passando, foi passando. Aí ele disse que a gente precisava ter um filho para ele ter mais segurança né? Daí eu passei um anos sem tomar comprimido pra poder engravidar. Daí eu engravidei do meu primeiro gurizinho...Aí foi passando... ele começou a beber bastante... as sexta-feira já não vinha pra casa, né? Isso tudo que eu tava grávida e ele em vez de fazer festa, aquela coisa toda que era tudo que ele queria, ele começou a agir de outra maneira (Isabel).

Não era ruim. No início ele não fazia isso. Só que aí depois quando eu fiquei perto de ganhar ela, né, uns dois três meses, ele começou a enlouquecer, daí ele começou a me espancar. E eu apanhei até na gravidez, em todas elas (Luísa).

Fatores com o "ciúme, a primeira gestação ou o primeiro filho parecem ser os elementos impulsionadores dos primeiros atos de violência física dos companheiros" (SUÁREZ, MACHADO E BANDEIRA, 1999, P. 287).

Ao confinar o corpo "à região das coisas observáveis, manipuláveis e controláveis" perpetua-se, em nossa sociedade a mentalidade, de que o corpo "é uma das entidade privilegiadas para o exercício da dominação" (CHAUI, 1984, p. 167).

Para algumas mulheres a violência já acontecia antes da gravidez, mas o fato de ter apanhado durante a gestação tornava-se mais significativo.

...até grávida desse daí ele tinha me batido grávida, sabe? Acho que eu tava começando com uns dois meses de gravidez já, sabe? (Natália)

As mulheres sentem-se desrespeitadas por seus companheiros quando a agressão acontece durante o período de gestação. Esse sentimento remete a reflexões sobre as desigualdades existentes entre os gêneros e o lugar da sexualidade na democratização da intimidade conjugal.

No contexto de vida dessas mulheres observa-se que a violência física, efetivada por seus companheiros, "parece querer repor a disponibilidade do corpo e da sexualidade da mulher" (SUÁREZ, MACHADO E BANDEIRA, 1999, p. 288).

De acordo com essas autoras, "a restauração da situação amorosa parece ser o éden perdido que enfeitiça homens e mulheres na expectativa de que a violência seja passageira...". Relatam ainda que "o ato da agressão corporal é definido por estar dirigido a uma pessoa com valor determinado na rede relacional e que parece pretender a uma inversão ou reversão de posição hierárquica (SUÁREZ, MACHADO E BANDEIRA, 1999, p. 288). Sendo assim, as informações coletadas confirmam que a gravidez é percebida pelos homens como uma momento de possível perda da sua autonomia sobre o corpo feminino, sendo a agressão física o meio encontrado por eles para mostrar quem está no comando da relação.

4.2 DINÂMICA FAMILIAR

***"Não tinha relacionamento de marido e mulher!"
(Isabel, 24 anos)***

Na análise das histórias de vida das mulheres observa-se que a violência é algo constante no dia-a-dia dessas famílias, como um pacto inconsciente ou uma "linguagem que estrutura o contrato conjugal de muitos casais" (GROSSI, 2000, p. 304).

No relato de Isabel observa-se que a vida social do casal encontrava-se, muitas vezes, comprometida em função de crises de ciúmes e discussões constantes.

Então as coisas que eu mais me lembro assim fora situações assim que não dava pra fazer um churrasco em casa e convidar ninguém porque ele era sempre o

fiasquento o que ia tomar o porre, o que ia fazer fiasco. Eu ia tentar sempre manter a pose 'Ah! Tá tudo bem!' né? (Isabel)

Eu já não saía com ele a barzinho, eu não ia dançá, a baile nem pensar. Mercado, era só pra me incomodar, né? O vizinho olhou pra mim ou se um senhor me pede uma informação eu não podia dar. Eu era totalmente muda, cega, sabe? Que nem minha irmã me diz 'muda, cega e louca, porque tu tava louca!' Ela diz assim pra mim (...risos)- (Isabel).

De apenas quatro das informantes os companheiros estavam empregados: um exercia a atividade de taxista e os demais eram pedreiros, trabalhando em obras, quando havia serviço. Nenhum deles possui a carteira assinada e o comprometimento com o sustento do lar era esporádico.

As necessidades humanas básicas dessas famílias encontram-se comprometidas uma vez que, as principais dificuldades encontradas por essas mulheres era a falta de alimentos, roupas e adequadas condições de moradia e saneamento.

Eu não tenho nem sal dentro de casa pra dar para minhas filhas. Eu dô graças a Deus que eles tão na creche, sabe? Dô graças a Deus que a fulana paga a creche e elas tão na creche, senão o que eu ia ser das minhas filhas (chora)... elas dependem de mim (Elza).

Tanto que eu nem comida mais eu já tinha dentro de casa, não tenho porque o pouco que eu consigo.... então tem dias que eu como eu e os meus filhos, tem dia que a gente vai na casa dos vizinhos... tudo isso eu passo... (Conceição).

Embora todas estivessem desempregadas, eram elas que providenciavam o sustento da família, por meio de empregos informais como a venda de latinhas de bebida ou papéis. Algumas mulheres pediam comida e roupa nas casas.

Não dá pra ficar esperando, Ah! Vô esperá! Eu tava, eu recebia R\$150,00 numa bolsa auxílio, uns ano atrás. Pra que que eu vô junta latinha, pra que que eu vô junta papelão? Ah! Fiz um curso de qualificação, daí vendia pão pra fora (Iara).

Ele não ajuda em nada em casa, se ele faz um biscate assim, ele vai direto pro bar... eu saio a pedir nas casas assim... (Elza).

Além disso, as mulheres relatavam que seus companheiros não estavam comprometidos com o sustento do lar, pois quando conseguiam algum recurso financeiro, gastam em bares com bebidas, drogas e mulheres.

Eu saía de dia pra dar comida pra eles de noite porque o meu marido não dava nada pra nós e quando nós tinha ele comia junto. E quando ele não queria que ninguém comesse, ele botava tudo fora... jogava fora... entendeu agora? (Vitória)

Não tinha mais nada dentro de casa. Até agora quando, era assim, eu passava o dia inteiro... o dia inteiro pensando no que que eu ia fazer de noite porque não tinha comida de dia. Às vezes até tinha, mas aí eu não comia porque tinha que deixar pras crianças (Luísa).

Ora, se os companheiros não são os provedores financeiros do lar transfere-se automaticamente para a mulher a responsabilidade com a alimentação, educação, saúde e vestuário dos filhos.

De acordo com dados publicados pela Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (2003) o fenômeno das famílias sustentadas por mulheres vem crescendo em todas as regiões do País. Essa atual representação das mulheres como chefes de família vem, ao longo das últimas décadas, transformando o cenário social brasileiro.

Em 2001, observava-se que entre as famílias brancas, 13,6% delas eram chefiadas por mulheres e que entre as famílias afrodescendentes, 15,7% estavam sob responsabilidade das mulheres. A essa realidade soma-se o fato de que a pauperização das famílias sob responsabilidade feminina aumentou, durante o período de 1992 e 2001, mantendo as mulheres brancas e as afrodescendentes no grupo dos 40% mais pobres do País (REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE, DIREITOS SEXUAIS E DIREITOS REPRODUTIVOS, 2003).

A partir do recorte étnico/racial que este estudo se propõe a dar visibilidade, salienta-se que todas as mulheres, aqui estudadas, encontravam-se em situação de extrema pobreza e exclusão social. Os agravantes de desigualdades, preconceito e discriminação, entranhados no

cotidiano nacional sob forma de cultura e relações de poder, fazem com que o número de mulheres negras a vivenciar situações de pobreza seja o dobro em relação às mulheres brancas, na mesma situação (REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE, DIREITOS SEXUAIS E DIREITOS REPRODUTIVOS, 2003).

A dinâmica familiar das mulheres entrevistadas era pontualmente marcada por uma mescla entre a violência física, psicológica e sexual; no entanto a maioria das informantes reconhecia apenas as agressões físicas como violência contra a mulher.

A violência contra a mulher pra mim é um homem assim que pega a mulher e dá pau, não é? (Vitória)

Em de seus relatos, as informantes disseram que a violência física pode ser efetuada através do contato corpo a corpo entre o casal ou na utilização de algum tipo de objeto por parte do companheiro agressor.

Já me bateu com uma corrente de moto, sabe? Aquela corrente de moto, até no carro mesmo a gente cadeia né, a direção (Isabel).

Com uma faca. Foi aí que eu peguei a faca na mão e tirei a faca dele, cortei meus dedos. Foi quando ele me deu com a minha cara na parede, me deu de soco, só que ele tava com um anel no dedo. Daí quando ele me deu de soco inchou tudo. Bem aqui, inchou tudo (Luísa).

Até de cabo de vassoura ele dava. Agora ali ele me empurra, sabe? Ali onde a gente mora agora ele bate nas coisas, sabe? Não pode dá em mim porque qualquer coisinha se ele me dá em mim eu... mesmo assim né? Sempre dá um medo né? (Natália)

(...) quando ele bate e bate de soco na boca do estômago, pega até faca se preciso ele pegava antes (Anastácia).

Ele tocou, uma vez, foi uma boneca, mas ele achou que eu ia sair fora, sabe? E eu não sai e a boneca era dura, na cabeça da boneca, e a boneca foi quando me machucou que eu tava grávida dessa minha guriuzinha aí. Mas assim quando ele me agride com alguma coisa que ele vai tocar ele até toca, ele diz ah, vou tocar... eu digo, ah, pra que quebra as coisa, ele diz, 'ah, eu faço isso pra não tocar em ti, se eu tocar em ti eu vou te machucar, então eu quebro tudo' (Minerva).

A maior parte das agressões acontecia sem a utilização de objetos; nesses casos, o companheiro agredia com as mãos, dando socos, chutes, puxões de cabelo, etc., descarregando sua fúria diretamente na mulher.

Ele me batia muito... me chutava... me chutava que nem que nem uma bola, eu ganhava muito pau, eu apanhava muito (Vitória).

É, ele me deu um soco. E também assim na minha cara também ele me dava com a mão na minha cara. Cansei de levar tapa na cara dele. Chute, empurrão, mas é coisas da vida... (Minerva).

A primeira coisa era me empurrar puxar os meus cabelos. Parece que quando ele pegava nos meus cabelos ele enrolava a mão assim [gesticula com a sua própria mão], sabe? De uma forma que ele não largava mais. Quando ele puxava o meu cabelo... quando ele chegava e me largar... isso aqui amortecia totalmente assim sabe? [aponta para nuca e pescoço], acho que porque eu tenho problema de coluna, amortecia assim que pareceria que eu tinha tomado uma injeção anestésica, uma anestesia. Aí o coro cabeludo levantava assim pra cima sabe, ficava aquele carço assim sabe? (Isabel)

Em relação ao conceito de violência conjugal, 47,6% de um grupo de homens entrevistados sobre esta temática verbalizaram ser a violência emocional sua melhor tradução. Isso significa que os homens percebem que estão sendo violentos quando proíbem a mulher de fazer algo, interferem em suas amizades ou realizam xingamentos com palavras que machucam (DINIZ, *et al.*, 2003). Já entre as mulheres a violência física é mais marcante, uma vez que muitas só a percebem quando ela é consumada pela agressão física.

Nas histórias contadas pelas mulheres desse estudo, observa-se que geralmente os episódios de agressão aconteciam diante de outros membros da família, reforçando, dessa maneira, o desrespeito do homem para com a sua companheira. Por vezes, a violência contra a mulher envolvia, direta ou indiretamente, todos os membros da família.

Na frente do meu pai, na frente do meu pai e dos meus filhos... o meu pai não conseguia me ajudar porque ele tem problema na perna que ele machucou quando ele era mais novo. Ele tem uma platina na perna então ele tem dificuldade de caminhar. Então ele só ficava olhando também, que nem os meus filhos (Conceição).

A única que vez de todo esse tempo que nós brigamo longe das criança foi dia treze de Junho, que não tinha ninguém em casa, só tava eu e ele (Iara).

Quando ele dá em mim ele me bate. Quando ele inventa de dar em mim, dá na frente de qualquer um... até parente meu pode tá perto. (Minerva).

A intensidade da agressão foi destacada nas falas dessas mulheres. Algumas informantes trouxeram relatos de violência física graves, nos quais a morte lhes parecia iminente.

Muitas vezes eu fico pensando como ele não... eu acho que é Deus que tava ali no meu ladinho, sabe? Sempre do meu lado pra... que ele nunca me matou! Porque eu tinha a impressão de que como ele me pegasse assim com muita raiva ele ia me matar, só me largar quando eu desmaiasse ou quando acontecesse alguma coisa mais grave, porque ele não parava! Por mais que eu implorasse, por mais que... tinha que vir alguém correndo tirar, era um caos pra tirar ele de cima de mim, né? Geralmente no cabelo... a pessoa tinha que ter muita força pra tirar ele de cima de mim (Isabel).

Aí ele disse pra mim, ele disse que se ele pudesse ele tinha me matado aquele dia. O meu medo maior que eu acho que eu resolvi mesmo recorrer, foi quando ele me disse agora que se, da próxima, que desta vez não foi nada, mas que da próxima vez ele vai me matar... Quem faz o que ele fez comigo é capaz de qualquer coisa (Luísa).

A periodicidade da violência varia. Sabe-se que mulheres envolvidas em relacionamentos conjugais violentos vivenciam constantemente a reprodução de um ciclo de violações que se apresenta com diferentes dinâmicas de funcionamento. Para algumas, a agressão é freqüente e, para outras, pode apresentar-se com intervalos mais amplos; no entanto, repete-se por meses ou anos.

Eu vivo com ele há oito anos mas eu suportei dois anos assim de crise direto... (Isabel).

Sempre, quase sempre!!!! Quase todos os finais de semana! (Vitória)

Todos os dias. Com palavras é todos os dias. Ele, tudo que ele puder me chamar todos os dias ele me chama (Luísa).

No começo era quase todos os dias, sabe? Mas depois de um tempo começou assim ele dava era no final de semana, ou só quando bebia mas de uns tempos pra cá era dia-a-dia. Era são era, bêbado, era sem usar droga, era com usar droga. Mas se ele usava droga e bebia era pior... daí ele me deixava desmaiada... (Conceição).

Começava todos dia a me chamá de vagabunda, monte de coisa e xingá eu a minhas filha. 'Eu não te chamei aqui, vagabunda, tu veio porque tu quis aqui, vagabunda'. Aí ele achou no direito de me corrê. Aí tá... daí eu já tava cansada com aquele negócio de vagabunda todo dia e nós dois se pegando no laço na

frente das criança no causo, né? Ai então, aí eu resolvi. Os guri disse assim, 'oh, mãe, vai é acaba tu e o pai se matando qualquer hora. Por que que tu não, não sai daqui?' (Anastácia)

A violência psicológica está presente diariamente na vida das informantes deste estudo, e aparece nos xingamentos, ofensas em relação ao corpo das mulheres, familiares, amizades, assim como em relação ao seu trabalho dentro ou fora do lar.

Depois disso ele não me bateu mais, mas em compensação... Ele xinga, se ele puder me chamar de qualquer coisa que vier na cabeça dele, ele me chama. Ele não quer saber (Luísa).

Ou então ele sentava ali e começava a beber aquelas cervejas bem devagarzinho e começava 'tu não trabalha, tu não quer nada com nada'. E eu com o guri pequeno né? Sempre conseguindo creche pro maior e pro mais pequenininho eu nunca consegui. 'Os teus parentes não prestam', sendo que os meus parentes que eu considero assim que tão perto de mim é a minha mãe e as minhas duas irmãs né? e o meu irmãozinho agora, porque o resto tão tudo pra fora, né? Então não tem ninguém que venha na minha casa a minha família é pequena, dá pra contar nos dedos. Então 'Ah a tua mãe não presta, a tua mãe acha que eu sou um mendigo pra trazer um quilinho de cada coisa aqui em casa', sendo que muitas vezes, a minha mãe pra levar pra ajudar, sabe? 'Olha tu não tem eu tenho!' E aquela coisa toda, enchia, enchia, enchia de desaforo... (Isabel).

A violência contra a mulher, segundo uma informante pode ser em consequência de algo que o companheiro traz da rua e que, muitas vezes, ao chegar em casa, transforma-se em agressão impulsiva.

É que nem eu dizia pra ele parece que tu tem raiva de repente ou sei lá eu ou alguma raiva que tu tem com as pessoas na rua e vem descontar em mim... e ele não me dizia nada só chegava e me batia e deu (Conceição).

Para algumas mulheres a violência psicológica é muito pior que a violência física e acontece com maior frequência. Esse tipo de violência é definida pelo Ministério da Saúde como "toda a ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa" (BRASIL, 2001, p. 20).

Só que como eu disse que ia dá parte dele, aí ele nunca mais me bateu, mas ele me ofende com palavras, que às vez a palavra é pior do que um tapa. (Minerva).

Porque ultimamente não é violência física. A psicológica é pior. Psicológica ah, um horror! Mas eu venço, vou vencer se Deus quiser (Iara).

A violência psicológica relativa à falta de valorização e banalização do serviço doméstico da mulher, por parte do companheiro, interfere na auto-estima dessas mulheres, fazendo com que elas sintam-se humilhadas e desvalorizadas.

Aquela toalha que eu alvejei que tava limpinha na mesa ele derramava o café por cima e não queria saber sabe? O chão tava limpinho, passado cera, a casa cherozinha tudo limpinho se ele tivesse que vomitar no chão, entrar com os pés sujos ele entrava puro barro. Uma coisa que eu passei a semana inteira arrumando e zelando ele em vinte minutos botava tudo de pernas pro ar. Quanta coisa foi quebrada... (Isabel).

Minha cozinha era toda de parquê, bonita a cozinha, passava, encerava, vermelho, linda, linda. Era pobre, mas era casa de madeira, quatro peça dentro e tinha cozinha com banheiro, mas tudo ajeitadinho. Os cachorro faziam cocô, xixi na cozinha e faziam buraco. No tempo que eu trabalhava a minha patroa me deu um fogão de seis boca. Usado, mas bomzinho. E de tanto eu lavá a cozinha de mangueira eu tive que bota fora o fogão. Enferrujo dos lado. E tinha que deixa os cachorro na cozinha. Quando ele não resolvia a botá os cachorro deitado na cama porque ele dava banho de shampoo e tudo nos cachorro. Os cachorro eram valorizados, eu não. Eu não tinha pedigree. E eu aceitei, até isso e aceitei.... bom me dá uma agonia agora de pensar (Iara).

Algumas mulheres encontravam-se tão envolvidas nesse jogo de submissão que não percebiam que estavam sendo humilhadas e exploradas por seus próprios companheiros. Quando se davam conta, justificavam-se dizendo que fazem isso para que o companheiro não deixe trabalhar e continue ajudando financeiramente a família, mesmo que essa ajuda ocorresse eventualmente.

Porque ele pede tudo na mão, tudo! Ele não bota a mão naquele lixo ali pertinho, 'me alcança, me dá! Não levanta da cama pra ir no banheiro fazer xixi. Ele faz num baldinho pra depois a gente bota no vaso. E se ele tá a fim de vomitar por causa das bebedeira, vomita ali a gente tem que limpa depois e bota fora. (Iara).

...antes de sair ele pediu pra mim 'ah, tu bota o tênis em mim? Bóto' Ai sabe o que ele faz? Então eu não vou trabalhar. Se eu não vestir ele, ele não vai trabalhar. Eu dizer um não ele não vai trabalhar, e daí? A fulana disse pra mim, 'ah, tu dá mole pra ele'. Mas, se eu não fizer, ele não trabalha, daí ele vai ficar só dentro de casa. Ontem ele já não trabalhou, hoje a coisa já tá apertada (Iara).

Porque hoje em dia eu dô tudo pra ele nas mão, até uma comida, eu tenho, se ele tiver no quarto e a janta tiver pronta eu tenho que levá nas mão. Se ele tiver que ele se servir, aí ele já vai lá se serve e come duas colherada e joga o prato longe, aí vai eu lá juntá os caco do chão, juntá o resto da comida do chão pra não ficar no chão (Minerva).

A tortura psicológica criava um ambiente de tensão constante dentro do lar e o sentimento das mulheres era de que a qualquer momento poderia se transformar em agressão física caso esboçassem enfrentamento.

Aí ele tomava aquelas cervejas eu fazia janta com aquele... queimando arroz, queimando tudo porque eu já tava... ia acontecer né? Aí eu dava graças a Deus quando ele dizia 'vou sair ... buscar mais cerveja'. Daí eu dizia 'pronto agora ele sai amanhece chega de manhã cedo e vai dormir, vou ficar tranqüila'. (Isabel).

Algumas mulheres percebem claramente os artifícios usados pelos companheiros para mantê-las em desvantagem, nas discussões. Aquelas, como Isabel, que conseguem perceber a armadilha na qual estão inseridas com certeza sofrem mais, precisam de mais apoio mas, conseguem reagir melhor, na maioria dos casos.

Dele chegar quebrando tudo... então pra não haver.... como eu dizia assim 'onde é que tu tava, o que tu tava fazendo, tava com mulher?' Então ele já chegava me botando defeito, 'tu é isso, tu é aquilo, tu não presta, tu é vagabunda. Tu não tem condições a nada a casa é minha, tu não tem direito a nada, tudo que tem aqui dentro é meu', apesar da casa não ser da gente é um contrato, não é da gente é de material e a gente acaba perdendo. 'Tu que tem que ir embora e deixar os filhos pra mim, tu não trabalha, tu não tem condições de manter os teus filhos', bibibi bobobó, aquela coisa toda, que tu vai cansando daí tu vai ficando quieta... vai ficando quieta, tu não tem força pra levantar e dizer 'não eu sou gente, eu vou ter condições sim... quem tem que sair daqui é tu'. Aí tu acaba ficando quieta. Aí eu fui suportando, suportando dois anos assim (Isabel).

A destruição da identidade e da cidadania não se dá somente através de palavras agressivas mas, concretamente, com a destruição de documentos pessoais (carteira de identidade, CPF e registro de nascimento). Fazer com que a mulher fique desprovida de identificação é uma maneira de manter a mulher dentro de casa, sem poder denunciá-lo ou tomar qualquer atitude judicial pois ela não é mais cidadã. É uma maneira de violar os direito de ir e vir de um ser humano.

Nos relatos ficou evidente que os companheiros agressores freqüentemente escolhiam as roupas que as mulheres podiam vestir, colocando fora as que não aprovavam, proibiam-nas de trabalhar, estudar, conversar com outras pessoas.

A minha roupa, eu não tenho roupa. Eu não tenho, essa roupa que eu tenho aqui é tudo emprestada dos outros porque eu não tenho uma peça de roupa, ele botou tudo as minhas roupas fora (Luísa).

Ele não deixava eu botar uma roupa curta, apesar de que eu não gosto muito de usar roupa curta mas gosto de usar roupa apertadinha, me arrumar. Deus o livre, eu não sou crente mas era como se eu freqüentasse de uma igreja. E tu sabe que na rua realmente não é isso que eles querem, eles vêem outra coisa (Isabel).

Daí botava eu pra rua, tirava o meu casaco, me deixava com firo na rua. Ih! Eu passei trabalho... eu nem gosto de falar isso aí, sabe? Isso aí foi uma coisa muito rara que a gente passa na vida. Então as vezes as pessoas olham pra gente e não diz que a gente passa aquilo ali mas a gente passa é muito trabalho... ele era muito ruim pra mim (Vitória).

Em função disso as mulheres se moldavam aos gostos do companheiro com a finalidade de não criar atrito dentro de casa. Essa atitude fazia com que as mulheres modificassem, ao longo dos anos, sua maneira de ser.

... eu acho que não dou valor ao meu corpo porque se eu passei, eu não posso me vestir, eu não posso botar uma roupa apertadinha porque ele já diz que eu tô apertadinha, que não sei o quê, que eu tô já arrumando homem. Tem que tá bem maloqueira que daí ele... eu tando bem maloqueira ele acha que homem nenhum vai me cuidar. Entendeu? Pra ele o importante pra ele, posso tá até suja, maloqueira, agora se eu me arruma, já tô andando com um monte. Ele acha que vai me perder se eu me arrumar porque ele sabe que, eu ajeitadinha.... todo mundo... mesmo sem tá ajeitadinha todo mundo me cuida, eu chego e ainda falam, porque os amigo, os próprios amigo dele dão em cima de mim, eu falo! Se fosse outra sem vergonha, eu disse pra ele 'viu se eu fosse outra sem vergonha eu saía com teus próprios amigo. Teus amigo dão em cima de mim eu ainda chego em ti e falo. Ainda vou na frente deles tu falou sim, tu tava dando em cima de mim, inda vou contigo ainda íntima a pessoa, agora tu não dá valor a mim. tu pega qualquer uma que, umas pior que eu ainda' (Minerva).

A violência não parava por aí, uma vez que a vida sexual das informante era fortemente marcada por violações. Todas relataram que eram obrigadas a manter relações sexuais com o companheiro, embora sem vontade, e, muitas vezes, o faziam por medo de serem agredidas fisicamente.

Eu não sentia nem prazer, nem necessidade! Não sentia, eu simplesmente não queira mais ter. Era de quinze em quinze dias e se fosse uma vez por semana era porque... até eu ficava espantada sabe? Uma vez por semana... no meio da semana, ficava assim o que que tá acontecendo no mínimo tá sem mulher na rua eu pensava cá comigo, sabe? Ou então tá fazendo pra me agradar mas era aquilo assim tava cansado não podia ter um sexo sabe? Uma coisa assim mais demorada, ele tava cansado do serviço, né?... Aí era razoável, assim era pra satisfazer ele...

sabe? Não tinha beijo na boca, carinho, seio, nada! Era papai/mamãe e só. Assim, mais nada (Isabel).

...sem ter vontade sim, né, porque há mais de um ano eu não consigo olhar pra ele que chega a me dar nojo, não sei se é nojo, náusea, medo, eu não sei te explicar. Eu sei que é mistura de tudo isso junto... quando ele vai me tocar assim chega a me estremecer por dentro, de tanto medo que eu fico. Mas sou obrigada às vezes a até fazer, né? Porque se não fizer parece que... Agora é ruim né, porque sem, quando tu faz uma coisa sem vontade (Luísa).

A violência sexual é caracterizada por "toda a ação na qual uma pessoa em relação de poder e por meio da força física, coerção ou intimidação psicológica, obriga uma outra ao ato sexual contra sua vontade, ou que a exponha em interações sexuais que propiciem sua vitimização" (BRASIL, 2001, p. 17). A maioria das entrevistadas eram obrigadas a manter relações sexuais forçadas e essa situação era agravada quando havia uso de drogas por parte do companheiro.

Tentava. Agarrava nos braço as vezes à força. As vezes quando ele tava drogado que ele chegava drogado...Tinha que ter à força. Olha eu vou ser bem sincera pra ti, por mim eu não tinha nem mais vontade de fazer relações sexuais com ele. Eu tinha nojo dele de tanto que ele me fazia. Não, me desculpa né? Eu não sou machorra mas como é que tu vai ter prazer sendo judiada por uma pessoa, sendo mal tratada, sempre cavalo. Pra mim era sempre estúpido, não sei pras outras (Vitória).

Era um pouco com violência.... era um pouco com violência.... algumas coisas que eu tinha que fazer sem querer mas eu tinha que fazer porque ele tava drogado, então era só abaixo de violência. Não era com carinho, não era com nada. Nem com conversa, era na hora que ele chegava do jeito que ele queria e como ele queria e eu tinha que ceder se não eu não cedesse eu apanhava (Conceição).

Olha muitas vez eu tinha até que ceder o meu corpo ali pra ele ali porque, sei lá, não que eu quisesse. Eu nunca quis na verdade, porque eu já tava até com nojo da cara dele. Ai às vez pra não dá briga, né? E aí às vezes ele vinha, me beijava na marra e... té me pegava um pouco na marra assim na frente das criança. Aquilo ali foi me anojando também (Anastácia).

A violência sofrida acarreta a falta de desejo sexual das mulheres, no entanto, quando a mulher se nega a ter relações com o companheiro eles freqüentemente as acusam de estarem tendo algum relacionamento extra-conjugal. Ao perder o controle sobre o desejo feminino um sentimento de rejeição é incorporado pelos homens, gerando mais violência.

E aquela coisa toda, enchia, enchia, enchia de desaforo, aquela coisa, 'bota essas crianças pra dormir' aí botava as crianças pra dormir daí ele queria coisa comigo. Mas eu não tinha condições né? Daí ele dizia 'há tu tem outro, tu á vagabunda, tu tem outro' e já me empurrava, ou qualquer defeito (Isabel).

Aí ele, aí no fim acabo fazendo amor à força, sem querer, sabe, sem, vamos supor, aquele tesão que todo mundo, as mulher falam....o tapa que ele dá ele esquece, mas quem leva não esquece... aí às vezes eu até dou porque se eu não der eu vou apanhar mais ainda porque daí ele começa a dizer, 'se tu não quer me dar é porque tu tem outro na rua, porque tu é vagabunda, que não sei o quê'...então às vez eu me sujeito a dar pra não apanhar de novo. (Minerva).

A violência sexual era compartilhada por todos os membros uma vez que o casal não tinha privacidade pois as casas eram, geralmente, constituídas de dois ou três cômodos e as crianças dormiam junto com os pais.

Assim relações assim de ter relações ele nem me pede que eu não tenho vontade assim sabe? Ai não gosto. Não tenho vontade de ter prazer de ter relações. E mesmo assim porque a gente vive mais brigando sabe? As vezes ele até me pede... e uma que as crianças dormem tudo comigo né? Porque eles não tem a cama deles é tudo junto sabe? Então não tem como ter. Ah! De repente eu não sei! Gostar dele eu gosto, sabe? Eu não sinto aquela vontade de ter relações só isso aí não. As vezes ele me fala que a gente tem que ter e eu ah! (Natália)

De acordo com ÁVILA (2001, p.29) a reprodução e a sexualidade devem ser entendidas como espaços dotados de cidadania, "tornando-se portanto, instância da vida social plenas de valores e referência éticas para convivência cotidiana". No entanto, observa-se que algumas mulheres expressaram um certo conformismo com suas inserções em relacionamentos marcados por violência sexual, demonstrando baixa auto-estima.

Aí eu arrumei outro agora, esse segundo também bebia incomodava, me chamava de nega macaca, desgraçada, demônio. É a vida, né? Tu sabe que a gente tem que passar por tudo, né? Passa também que quer, também né? (Vitória)

É pra mim tanto faz ficar com ele ou ele ir embora! Por que ele também bota as coisas para dentro de casa assim casa. O lance mais é só as briga. (Natália)

Nessa trama sexual o cuidado com a saúde também era negligenciado. O uso de preservativos não era uma prática comum entre os casais, ficando a mulher dependente do

desejo ou não do companheiro em fazer uso desse insumo e se expondo a doenças sexualmente transmissíveis.

Não... se eu usava eu não tinha doença, né? Pior que é! (Vitória)

Não. Ah! Porque eu já tava há oito anos com ele e logo que a gente ficou junto a gente fez o exame do HIV. Ele fez ali no COAS no Postão. Ele me garantia que usava preservativo com as outras e inclusive eu encontrava na carteira dele preservativos, sempre duas camisinhas, nunca transei com ele com camisinha, só quando eu tava sem tomar remédio, né? Eu tava sem remédio, que eu troquei de remédio daí eu me cuidei, daí a gente usou preservativo e ele entendeu e tudo (Isabel).

Não, não ele nunca usou nada. Mas eu fui no médico, no médico e quer dizer, o único problema que eu tenho é esses aí que eu já falei, né? É problema no fígado, no rim só. E na coluna, no causo assim. HIV eu tô legal (Anastácia).

Muitos fatores podem desencadear os três tipos de violência e por isso é muito difícil para a mulher adivinhar a desculpa que o companheiro usará para agredi-la novamente. As falas a seguir explicitam o abuso de poder masculino no dia-a-dia das informantes.

Mas eu sofri muito, muito, muito, muito assim das agressões dele, sabe? Tudo era motivo. Qualquer coisinha que estivesse fora do lugar ou eu não podia tomar um banho assim e pintar minha boca, meus olhos e ficar dentro de casa, né?... A comida se estivesse sem sal era motivo para me bater, se uma coisa não estivesse... um copo não estivesse bem limpo era motivo para ele me bater (Isabel).

Com tudo, com qualquer coisa. Se tiver o copo ali fora do lugar ele implica, agora ele parou um pouco foi de quebrar as coisas, né, ele jogava copo, os meus copos, meus pratos tudo na rua (Luísa).

Essas narrativas revelam sofrimento e a fragilidade das informantes frente a homens agressivos que transformavam o ambiente doméstico em um verdadeiro campo de batalha cotidiana. Cada ação das mulheres devia ser muito bem pensada para não gerar um conflito entre o casal. O simples fato de a mulher querer se arrumar melhor podia desencadear uma discussão violenta entre os cônjuges.

Aí eu botava uma roupinha bonitinha, porque eu vejo as gurias da minha idade, né? Todo mundo trabalhando, se arrumando, as gurias comprando roupa da moda. Então 'Oh R. eu te empresto vamos trocar', sabe? Daí era motivo né? Para ele chegar em casa brigando dizendo que eu tava cuidando o vizinho. Sempre aparecia um vizinho ou o homem do armazém, ou o mecânico ou o taxista que passasse lá na frente e se ele achasse o taxista bonito e interessante, chegava dentro de casa e dizia que eu tinha visto o taxista. Coisas absurdas, absurdas,

absurdas assim que olha um pouco eu já até esqueci, fiz questão de esquecer sabe! (Isabel)

Ah, eu acho que é esse negócio que eu falei de eu não, eu não tenho amor próprio, porque se eu tivesse amor a mim eu não deixava ele me levar com esse negócio de dizer, não, eu vou passar um batom. Que eu passo um batom, ele vai lá, tem que tirar. Se eu me arrumo eu tô dando pro lixo, se eu arrumo eu tô dando pro, pro, pro primeiro que vier pela frente. Ele nunca vai chegar em casa e achar que é pra ele que eu tô arrumada. As vez eu digo, eu solto o cabelo, eu me arrumo, ele diz 'ah, tá arrumada, onde é que foi?' Eu digo, 'não fui a lugar nenhum!' 'Que não foi! Decerto já foi se encontrar com os macho!' Eu digo 'não, me arrumei pra ti só que tu, acho que tu não quer uma mulher arrumada, tu quer uma mulher feia, horrorosa, que daí ninguém dá em cima da mulher tu tem, mas tu pode dar em cima da mulher dos outro. Porque eu não posso me arrumar, mas tu pode sair bem bonitinho, bem cheiroso e eu não posso me arrumar'. E aí é isso. Que a gente fica brigando por causa disso, até um batom que eu passo ele fica brabo. (Minerva).

Mesmo percebendo a condição de oprimida em um relacionamento violento essas mulheres acrescentaram à violência física, sexual e psicológica do marido, "a sua auto-violência emocional, sua incapacidade de dar um fim a uma situação aparentemente insuportável" (GROSSI, 2000, p. 301).

Em um estudo sobre a violência conjugal a partir do discurso masculino, realizado no estado da Bahia, os homens entrevistados justificaram o ato agressivo pela traição, pelo uso de álcool e pela falta de dinheiro (DINIZ *et al.*, 2003).

No presente estudo observa-se que a violência pode ser desencadeada pelo uso, ou não, de drogas por parte do companheiro. No entanto, uso de drogas pode estar relacionado com a violência de diferentes maneiras, uma vez que alguns homens agredem suas mulheres devido à falta de drogas, outros porque estão sob efeito de algum alucinógeno.

...era assim ó! Era só quando não tinha droga. Quando não tinha... quando ele tava drogado ele já era mais consciente do que tava fazendo mas quando não tinha droga era um inferno, tinha que ter sempre a droga para ele poder se manter (Vitória).

Aí a gente tava muito bem dentro de casa quando via ele chegava bêbado, ele usava droga, sabe? E quando agente via a gente tava muito bem eu e os meus filhos e já ficavam com medo, já não queriam nem mais morar junto comigo (Conceição).

Só quando ele assim bebia e se drogava, daí ele batia (Anastácia).

...antes até era pior a minha vida com ele porque antes com a cocaína ela destrói a pessoa, né? Então quando ele cheirava ele me agredia toda hora, toda hora, agora

ele não faz mais essas coisa. Ele só fuma maconha mas ainda é uma droga ainda que eu pretendo tirar dele, mas eu acho que a maconha não larga, e a maconha quando ele fuma, nem me agredi por causa que ele fica bonzinho, bonzinho (Minerva).

Ainda como fatores que desencadeiam a violência, algumas mulheres relataram que seus companheiros batiam nelas por interferência de algum outro familiar ou simplesmente por ciúmes, conforme os relatos abaixo.

...a minha história é complicada por causa que eu e o meu marido a gente faz nove anos que tá junto e a gente briga muito, mas eu acho que é por causa da minha sogra, que a gente briga porque ela tá sempre se metendo na gente, né? Mas acontece que ele é muito grosso. Ele té quando faz as coisas que não deve, que ele tem o vício da maconha, que é uma droga, ele até não me bate, mas quando ele se mistura com a mãe dele, a mãe dele começa a falar mal, começa a achar que eu sou ruim, aí ele me bate (Minerva).

Não ele dizia que era por causa de ciúmes, por ele gostar de mim e eu ser uma pessoa assim muito comunicativa, eu conversava com as pessoas então ele me dizia que era por ciúmes que ele me fazia isso. Porque ele tinha muito ciúmes de mim, por isso que ele fazia, era essa a resposta que... eu dizia porque que tu me bate? 'Ah porque eu tenho ciúmes, porque tu conversa com os outros e ninguém gosta de conversar comigo, gostam de conversar contigo então eu te dô em ti pra ninguém falar contigo'. Era isso que ele me respondia... (Conceição).

Quando a violência torna-se insuportável, apesar de não denunciarem os companheiros, as mulheres procuram algum tipo de ajuda na própria comunidade. O convívio com outras mulheres que também passam por situação de violência doméstica ajuda-as a terem uma melhor percepção da sua situação conjugal.

Que eu me dei mesmo por conta foi há um tempo atrás quando eu fui na assistente social, que tava tendo a reunião e aí elas, na reunião elas começaram a falar, ah, coisas assim que realmente tava acontecendo comigo e eu não tava me notando isso (Luísa).

Quando questionadas sobre a reação do companheiro em situações graves de agressão, como nos casos de perda de consciência das mulheres, ou em situações de tentativas

de suicídio¹³, observou-se que havia sinais de desprezo e indiferença em relação ao acontecido, por parte dele.

Ele não fez nada. Ele não foi nem me vê lá. Ele nem ficou com as crianças. A minha vizinha é que ficou com eles o tempo que eu tava no médico. A minha vizinha que ficou, levava elas pra creche (Elza).

Não. Nem tá! (Natália)

Esses relatos nos remetem a uma idéia de que cada casal possui um texto próprio de diálogo "que implica diferentes atos de violência e a incapacidade das mulheres de saírem da relação afetivo/conjugal violenta" mesmo quando suas vidas encontram-se em risco eminente (GROSSI, 2000, p. 302).

Algumas mulheres acreditam que são amadas pelo companheiro e que a violência é uma maneira de proteção. As pessoas ao redor incentivam a permanência com o agressor mesmo reconhecendo o insucesso conjugal do casal.

E as pessoas diziam 'mas ele gosta de ti, ele faz isso porque ele gosta de ti' (Isabel).

Concordo com a antropóloga Miriam Grossi (GROSSI, 2000, p. 307) que ao se inspirar em Foucault visualiza a violência, no cenário das relações afetivas e sexuais como "um jogo a ser vivenciado a dois, um teatro encenado por cada casal e que comporta regras, nem sempre conscientes, a que se submetem os parceiros". Acredito que essa relação só será rompida quando um dos integrantes dessa trama sentir-se totalmente sem benefícios em relação a sua permanência no relacionamento.

4.3 O CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Aí ficamos mais um tempinho de numa boa e depois começou tudo de novo. Parava e começava, parava e começava! (Isabel, 24 anos)

¹³ A informante Elza (25 anos) ingeriu veneno de rato como tentativa de suicídio.

A teoria do ciclo da violência doméstica, desenvolvida pela psicóloga norte-americana Leonore Walker em 1979 "demonstra que nem todos os momentos do relacionamento são marcados pela agressão à mulher" (GROSSI, 1994, p. 90). Esse ciclo pode ser facilmente observado no relato das histórias de vida das informantes desse estudo.

...passava um tempo ele fazia dobrado do que aquilo (Conceição).

Porque é aquilo, começa e aí tu acha assim, não foi uma vez, ele não vai fazer mais. E aí chora, diz que não vai fazer mais, promete e no fim acaba sempre caindo na mesma coisa (Luísa).

E daí depois que terminava aquela crise de briga ele dizia 'não vamos criar as crianças que tão pequenas ainda, lá na tua mãe não dá mesmo pra ti ficar, eu sou ruim por um lado mas eu não deixo faltar comida pros teus filhos, nossos filhos'. Aí eu tentava uma reconciliação, eu tava sempre naquela reconciliação (Isabel).

O cotidiano formado ao redor do ciclo de agressões faz com que a mulher fique sempre desejando e acreditando na mudança do companheiro. E assim elas ficam constantemente adiando uma denuncia ou o rompimento com o agressor.

Agora ele tá mudado mas se continuar, tomara Deus que não continue, não volte mais esse inferno que era antes. A primeira briguinha eu vou, nem que eu vê, que ele não vai sair de casa mesmo, eu saio deixo as filha com ele porque eu não vou também para um lugar que não possa levar minha filha. Vou no juiz, depois que eu tiver com todos papel pronto que o juiz disser, 'por que que tu não levou tuas filhas?' Eu disse: 'levar minha filha pra baixo da ponte? Eu durmo até debaixo da ponte, a minhas filha não'. E depois que o juiz disser assim 'não, então tu volta pra casa com a tuas filha, daí eu volto pra casa com a minhas filha'. E aí ele vai ter que sair de dentro da minha casa (Minerva).

...às vezes eu tento me controlar, pra vê o que vai melhorar né? Mas às vezes eu penso que é só uma crise porque ele tá desempregado, eu também tento dá chance, pra novas oportunidades de melhora, mas ele também só parado sabe.... não se resolve... (Otilia).

A compreensão do funcionamento do ciclo da violência contra a mulher torna-se fundamental para os profissionais entenderem os mecanismos de manutenção de tais relacionamentos. Esse ciclo caracteriza-se por três momentos marcantes: a fase de tensão, caracterizada por insultos, humilhação e provocações mútuas; o episódio agudo de violência,

marcado pelos diferentes tipos de agressões; e a fase de lua-de-mel, onde o casal realiza promessas mútuas, ocorre uma idealização do parceiro e a negação da vivência de violência.

Embora as mulheres não se percebam inseridas em um ciclo de violência, em suas falas foi possível identificar algumas fases características desses tipos de relações conjugais, principalmente as constantes tentativas de reconciliação, seguidas de renovados fracassos e novos episódios de agressões físicas e psicológicas.

Aí ficamos mais um tempinho de numa boa e depois começou tudo de novo. Parava e começava, parava e começava! Mas ele nunca parou de beber, sabe? Quando ele tava numa boa ele bebia um pouquinho aí parava, ele sentia 'é agora que ela vai reagir, eu vou parar um pouco, vou mostrar que mudei'. Ele tava sempre querendo mostrar que tinha mudado e não mudava e quando eu tava quando eu tava acomodada começava tudo de novo. Ele esperava assim 'vou acomodar ela, não vou deixar ela trabalhar' como se diz 'eu vou ilhar como sabe... ela vai ficar com os filhos, o guri ficava doente, ele botava algum defeito no guri... 'ai o guri tá doente, o B. tá mal tem que levar ele no posto'. Daí pra eu ir no posto eu tinha que tirar ficha, essas coisas assim, sabe? Voltar outro dia. Ele tentava sempre botar coisas na minha cabeça, sabe? (Isabel)

A característica relacional da violência é visível quando as mulheres dizem que apanham, mas também batem nos seus companheiros, demonstrando, dessa maneira, uma oscilação de poder, no relacionamento conjugal.

...das primeiras vezes eu comecei a revidar, ele quebrava eu também quebrava, brigava aquela coisa toda, ele me empurrava, me machucava eu acabava ficando quieta, ele deitava dormia e eu fugia pra casa da minha mãe ou fugia pra casa da minha amiga. Aí foi passando, passando aí eu comecei a ficar quieta.... comecei a ficar quieta porque eu pensei 'não eu vou ficar quieta porque daí ele não me agride', né? Daí ele deitava e dormia e eu fugia ou esperava ele se acordar porque eu pensava assim 'não vai dormir e vai passar né?' Aí não passava porque uma pessoa beber a noite inteira por mais que durma não passa sabe? Fica aquele... o álcool fica nos vasos sanguíneos, sabe? Tá bêbado ainda! Aí ele se acordava e eu não agüentava eu dizia 'onde é que tu tava, o que tu tava fazendo, gastou todo o dinheiro, não comprou nada pra dentro de casa'. Aí começava aquela coisa toda, daí ele vinha me empurrava. A primeira coisa era me empurrar e puxar os meus cabelos. (Isabel)

A assistente social Patrícia Grossi (GROSSI, 1994, p. 89) pondera que "geralmente, o agressor não perde o controle, e sim utiliza a violência como uma forma de intimidação e controle sobre a mulher e/ou filhos". Dessa maneira o companheiro, conforme a própria

informante, vai "aquietando-a" dentro da relação, alterando, de diferentes maneiras, o uso do poder sobre a família.

5 A CONSCIENTIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

*Eu posso sobreviver, eu só tenho
que tirar ele de dentro de casa ... (Isabel, 24 anos)*

A partir do momento em que as mulheres começam a perceber que estão sendo violentadas por seus companheiros, passam a expressar sentimentos e reações diante dessa realidade. Inicia-se, nesse momento, um processo de desacomodação da mulher frente a sua condição de vida.

Apenas pelo fato de se manterem vivas, as mulheres já estão reagindo à violência. Não é necessário dizer a elas 'sejam fortes!', como alguns parentes, amigos e até profissionais o dizem, porque elas já demonstram ser fortes ao serem capazes de sobreviver ao lado de um homem que de dia lhe dá um tiro no pé, à noite lhe bate até desmaiar e na outra noite a obriga a ter relações sexuais.

De acordo com o dicionário Aurélio (REAGIR, 1999, p. 1711), reagir significa "exercer ação, opor-se, resistir". Elas estão constantemente reagindo, mesmo quando ficam quietas. Elas informaram que, em algumas situações, reagiam com a mesma agressividade do companheiro, outras relataram reagir ao ficarem imobilizadas, algumas desistiam de reagir devido à força física masculina e outras relataram que às vezes, a reação caracterizava-se pela fuga do lar.

Ao investigar os mecanismos de defesa utilizados por uma mulher, em situação de violência, verifica-se que os mesmos estão presentes em todos os seus atos e, na maioria das vezes, apresentam-se de maneira sutil ao observador pouco experiente que "pode interpretar como falta de reação a uma vida onde reina a violência", quando, na verdade, pode "ser uma

estratégia de sobrevivência no casamento e uma forma da mulher proteger-se e proteger seus filhos" (POPULATION REPORTS, 1999, p.7).

Salienta-se, ainda, que a reação caracterizada pelo modo de agir frente a uma ameaça ou provocação, é a resistência que essas mulheres manifestam diante das agressões diárias e que, de uma maneira ou outra, as mantêm vivas por muitos anos. A exemplo disso, aponta-se o caso de Natália que estava com o seu companheiro a mais de dez anos, ou ainda Iara e Anastácia que moraram com os companheiros por mais de vinte anos.

Vinte e dois anos eu tô passando isso. Só que agora eu resolvi bota a boca no mundo e não quero mais isso pra mim (Iara).

A partir do momento em que as mulheres se percebem em um relacionamento violento no qual não obtêm vantagens em permanecer, reagem até conseguir romper com o companheiro.

Foi uma coisa atrás da outra sabe? E as pessoas diziam 'mas ele gosta de ti, ele faz isso porque ele gosta de ti'. Hoje em dia eu penso que ninguém faz isso porque gosta.... faz isso porque acostumou, entendeu? É que nem um cavalo que tu monta pra cima e galopa, galopa, galopa, sabe? Era exatamente o que ele tava fazendo sabe. Agora eu me sito assim, livre de um lado e presa de outro, porque eu tenho a responsabilidade de criar os meus filhos, né? Faltam as coisas eu tenho que conversar e explicar, né? Mas aquele peso das minhas costas saiu, sabe? (Isabel)

Os relatos das informantes demonstram que a maioria dessas mulheres viviam como se estivessem com os olhos vendados e, quando retirada a venda - por elas mesmas ou por outra pessoa -, mudou completamente a maneira delas encararem a vida. É como se lhes fosse devolvido o controle da situação, o controle da sua própria vida.

Eu sei que tudo, tudo, tudo essa minha vidinha, tudo se resume eu e ele. Só! E a gente conversava tudo, sobre tudo. A gente conversava tudo, nós era amigo! Só que depois que eu comecei a abri o olho e fui indo fui indo, agora cheguei ao ponto que não aceito mais nada! (Iara)

Porque eu já tô agora eu tô assim oh, numa fase que eu já tô conhecendo a minha liberdade de novo porque eu trabalho muito no público, vendo salgado, falo com todo mundo. Antigamente a minha vida era assim, antes de eu ficar com ele, entendeu? Podia sair e voltar a hora que eu queria e hoje em dia eu tô fazendo isso, já tô me soltando mais com as pessoa. Um dia desses eu já disse pra ele, um dia desses eu vou sair pra vender salgado e não vou voltar mais. Só vô vir com o Conselho pra buscar minha filha (Minerva).

Para algumas mulheres não é nada fácil a conscientização da sua condição de submissão. E o caminho até o rompimento pode durar mais alguns longos anos.

E eu quero ver como é que vai ser o desfecho disso aí. Porque eu tô chegando num ponto assim que... agora o ar que ele respira eu não posso tá no mesmo ambiente. Eu durmo no chão e tá muito frio! Eu prefiro dormir no chão, ou um tapete ou num acolchoado no chão, mas não durmo com ele, faz seis mês.... Deixa o tempo! O tempo vai se encarregar mas eu vou dar um empurrãozinho no tempo! (Iara)

A tomada de consciência em relação à violência sofrida é o primeiro movimento no processo de ruptura com o agressor. De acordo com o Population Reports (1999, p.7) "abandonar um relacionamento abusivo é um processo que, freqüentemente, inclui períodos de negação, culpa e submissão antes que a mulher finalmente se dê conta de que o abuso continuará a se repetir e passe a se identificar com outras mulheres na mesma situação".

Quando as mulheres se mostram dispostas a mudar, precisa-se estar atento para auxiliar. Essas mulheres precisam ser cuidadosamente acolhidas pelos serviços de saúde pois estão a poucos passos de uma transformação de vida. Nesse momento, elas precisam de apoio, de escuta solidária que continue a incentivá-la em suas decisões. Também pode-se e deve-se sinalizar a elas alguns caminhos possíveis, pois, na maioria das vezes, elas têm coragem mas não sabem o que, nem como fazer para romper, de vez, com a relação conjugal.

5.1 REAÇÃO DIANTE A AGRESSÃO SOFRIDA

...eu tentava mas era pior, daí quando eu tentava reagir era pior (Conceição, 27 anos)

5.1.1 Reação das mulheres

Nos momentos críticos de violência física, algumas mulheres relataram que tentavam reagir ao menos se defendendo do companheiro, embora em seus relatos se constatasse a expressão de impotência frente à força física masculina.

Eu sempre reajo mesmo que eu possa levá a pior. Eu não, eu penso assim oh..., eu posso apanhá mas apanhá quieta não... Se eu vejo que ele me machuca eu jogo o que tem na frente né? Até pá eu já joguei nele pá de pedreiro, se pegasse acho que matava também ele tem mania de frescura também que me irrita muito de dá soquinho na perna, dá soquinho no braço, teve uma época que eu tava toda rocha mas era de frescura mas acabava virando violência de qualquer maneira porque ele já me machucava (Otília).

É... o que eu posso fazer eu faço pra me defender, como dessa vez ele ia tosar os meus cabelos, né, foi que, foi onde eu consegui tirar a faca dele (Luísa).

Daí ele me batia! Agora às vezes ele tenta mas eu me avanço nele, sabe? Homem é mais forte, pode dar e tudo. Ah, as vezes eu pegava faca... não vou enfiar né? Não quero ficar presa. Então... porque homem é mais forte né? Homem qualquer coisinha... uma vez ele me tirou isso daqui do lugar, né? (Natália)

Eu, as vezes, reagia. As vezes eu não tinha condições de reagir porque homem tu sabe que é mais forte que uma mulher, né? Aqui esse dedo foi ele que me quebrou.... (Vitória)

Com o tempo algumas mulheres desistem de reagir sem conseguir romper o ciclo de violência. Elas relataram que muitas vezes era pior reagir pois isso gerava mais violência, então, suportavam a violência sofrida por medo de piorar o quadro de agressão.

Mais era discussão sabe? Na hora de bater eu ficava quieta, eu apanhava quieta, eu não tinha aquela alvoroço, sabe? Agora quando ele tava fazendo fiasco eu botava os guris no quarto deles, fechava a porta. Era mais antes eu ficar quieta por mais que eu tentasse arranhar, me defender, fincar alguma coisa nele.... tu ficava totalmente imobilizada porque pega no teu cabelo tu não tem condições, sabe? (Isabel).

...eu tentava mas era pior, daí quando eu tentava reagir era pior. No começo eu apanhava quieta me encolhia, aí teve umas vezes em que eu tentei reagir e foi pior. Foi quando ele começou a me dar em mim pra me desmaiar mesmo, quando eu começava a reagir. Aí teve uma vez que eu não reagi mais mas também não fiquei mais em casa eu fugi. Eu não quis mais apanhar quieta e também não reagi pra não apanhar dobrado (Conceição).

Tu vai cansando daí tu vai ficando quieta... vai ficando quieta. Tu não tem força pra levantar e dizer 'não eu sou gente, eu vou ter condições... quem tem que sair daqui é tu'. Aí tu acaba ficando quieta. Aí eu fui suportando, suportando, dois anos assim (Isabel).

Algumas mulheres tentaram livrar-se da agressão fugindo para casa de parentes mas, geralmente, eram encontradas e por vários motivos, obrigadas a voltar para o convívio do companheiro agressor.

Eu fugia de um lugar pro outro e quando a gente menos espera eles acabam achando e aí vem falam alguma coisa a gente acha que vai mudar e acaba piorando. E passei umas três semanas... e ele voltou e me deu dobrado. Me bateu dobrado por eu ter fugido. Foi quando eu fui morar na casa do meu pai que a gente tinha as nossas casas separadas. Aí eu fui morar com o meu pai e parece que foi pior (Conceição).

Geralmente, as mulheres preocupam-se mais com as filhas pois temem que elas sofram da mesma maneira, na vida adulta. A continuidade do ciclo da violência é projetada para a vida dos filhos como algo que provavelmente vai acontecer.

Eu penso nos meus filhos mas eu penso muito mais nela porque quem sofre mais é a filha mulher. Então ela tá vendo tudo aquilo que eu tô passando eu não quero que ela passe. Eu tento conversar com ela, eu digo pra ela que não é assim, sabe? Porque ela começa a me perguntar porque que ele dá na mãe, aquela coisa toda e eu dizia não a mãe não tá brigando a mãe se machuco mas ela diz 'eu sei mãe que ele dá em ti, eu sei mãe que ele te judia, eu sei que ele te chama disso e daquilo'. E eu fico com medo, eu acho que foi aí que eu comecei a reagir pelos meus filhos, principalmente pela minha filha, sabe? Porque eu tenho uma filha menina. Se eu não reagir (...) o que eu vou deixar pra ela quando ela crescer? Ela também não vai reagir. Tudo aquilo que eu tô passando ela também vai passar e eu não quero que ela passe. Como eu também não quero que os meus dois outros filhos peguem meninas pra bater também... isso eu não quero, mas eu também não quero principalmente ela que é menina. Porque daí hoje eu tô vivendo isso, quando eu ficar mais velha eu vou ver ela fazendo aquilo ali, ela apanhando como é que eu vou dar palavras, como é que eu vou dizer não minha filha reage se a tua mãe nunca reagiu... é o que ela vai me dizer 'mas tu também nunca reagiu...' Então é isso que eu tenho medo (Conceição).

Para esta informante a filha foi o grande estímulo para ela romper com o companheiro agressor. Em seus pensamentos ela já conseguia imaginar a continuidade de uma vida violenta no relacionamento da única filha mulher.

Então eu acho que isso eu não quero mais passar. Nem eu nem os meus filhos! Não quero mais... porque eu tenho uma filha menina e vá que um dia ela cresça e vê tudo aquilo que eu tô passando e ela vi ficar com medo, vai ficar com trauma. Quando ela arrumar um namorado ele pode achar que o namorado vai fazer tudo aquilo que aconteceu com a mãe dela e isso eu não quero. Principalmente pra minha filha. Então hoje em dia eu... eu custei mas eu aprendi e consegui reagir e fugir do perigo... porque era um perigo a minha vida! (Conceição)

5.1.2 Maus-tratos infantis e a reação das crianças

Diante das brigas do casal, a reação das crianças afligia muito essas mulheres. Elas percebiam e descreviam os sentimentos de medo e desespero manifestados por seus filhos.

Começavam a gritar, se desesperavam (Vitória).

A 'A' fica com medo, ela fica com um medo e a 'K' também. Elas começam a chorar, qualquer grito mais alto que ele der elas já entram em desespero e começam a chorar. E isso não é só elas, é eu também. Eu entro em desespero total dentro de casa, né? (Luísa)

E as gurias, quando a gente começa a brigar, elas dizem 'aí, mãe, já vai começar? Vô embora lá pra vó'. Elas vão lá pra minha mãe e dizem que a gente tá brigando, daí a minha mãe vai lá tentar apaziguar, mas ele não aceita (Minerva)

Algumas crianças tornavam-se agressivas com os pais durante as brigas e, apesar da pouca idade, enfrentavam o pai agressor.

A minha, a minha de dois anos quer se botar nele (Lais).

As crianças mais velhas compreendiam melhor a situação e tentavam ajudar de alguma maneira, seja cuidando dos irmãos menores, ou saindo de dentro de casa com eles, pedindo socorro para os vizinhos, ou implorando para que a mãe saísse de casa, tentando apartar a briga.

A minha filha segurava os outros dois pequenos porque eles gritavam né? Mas a minha filha tentava segurar para eles não... porque ela tinha medo de deixar e ele bater então ela segurava (Conceição).

Começam a gritar. A minha mais velha é desesperada. A minha mais velha é contra, 'mãe, a polícia teve aqui, a polícia levou tu, levou o pai. Mãe, o pai tá dando em ti, mãe'. E aí quando ele começa a brigar dentro de casa, ela começa bem assim, 'mãe, sai daqui, mãe, sai daqui, ele vai te bater, ele vai te dar em ti' (Luísa).

O mais velho tentava separar, daí ele separava. Agora os pequenos era grita, chora. Mas de uns tempo pra cá a minha grandinha pega a pequena e sai de perto. Quando vê que vão brigá ela sai de casa, vai pra casa de um vizinho e pronto. Assim que ela faz (Iara).

Em função de os filhos mais velhos compreenderem melhor a situação, eles manifestavam mais medo e, mesmo muito jovens, pensavam em sair de casa por não conseguir suportar a relação violenta dos adultos.

Eu tenho uma filha de sete anos que já não queria nem morar mais comigo porque ela tinha medo. Ela queria ir morar com o pai dela. Só que o pai dela nunca quis. Eu tentei, não digo assim entregar mas pra ficar um tempo com ele mas ele nunca quis e disse que no caso o certo era os filhos pra ficar comigo. Se foi eu quem escolhi essa vida os filhos era pra ficar comigo. Eu disse pra ele que eu não achava justo, sabe? De eu tá apanhando e os meus filhos também tarem vivendo

aquilo ali... porque a minha filha tem medo. Quando ela via ele assim na rua ela tinha muito medo. Os outros dois não porque não entendiam direito mas ela já mais velha ela tem medo... (Conceição).

Além de se defender as mulheres precisavam cuidar para que as crianças também não fossem agredidas, durante as brigas do casal. Algumas, no entanto, usavam as próprias crianças, como escudo, para enfrentarem as agressões do companheiro.

...eu até cuidava pra não machucar eles, né? (Isabel.)

...eu pegava esse aí no colo né? É pra se defender e daí as vezes até machucava de repente ele né? Que a criança chora junto né? (Natália.)

Alguns companheiros tentavam esconder a violência dos filhos, distraíndo-os com brincadeiras, antes de iniciar uma briga. Isso demonstra como a agressão física nem sempre é algo impulsivo que ocorre em um momento tenso de discussão. Ao contrário, algumas vezes, existe a vontade de agredir por parte do companheiro e ele prepara a agressão, fechando a casa ou afastando as crianças do ambiente. Em contrapartida, no relato dessas mulheres, observou-se que alguns companheiros não estavam nem um pouco preocupados com a presença dos filhos ao agredirem violentamente suas companheiras.

Mas geralmente ele botava pro quarto e chaveava a porta, ou botava no banheiro, ou inventava alguma brincadeira na rua. Ah botava os guris a brincar num brinquedo e eles saíam de perto e ele ia lá e me agredia na cozinha ou me agredia na sala e as crianças tavam no quarto. Mas eles estavam acordados, eles escutavam os gritos... mais era discussão sabe? Na hora de bater eu ficava quieta, eu apanhava quieta, eu não tinha aquela alvoroço, sabe? Agora quando ele tava fazendo fiasco eu botava os guris no quarto deles, fechava a porta (Isabel).

E aí a filha dele, que ele tem mais filho com ela, né? ... uma que tá grávida, ela entrou lá dentro na hora que tava tudo, porque a minhas filhas começavam a gritar, e eu comecei a pedir socorro porque eu nunca tinha apanhado daquele jeito. E aí, como as minhas filhas começaram a gritar, e eu comecei a pedir socorro, ela entrou, ela invadiu, eu não sei, eu não descobri até hoje como que ela entrou, eu sei que ela invadiu lá dentro. Porque eu me lembro que quando ele começou, quando ele foi dar em mim, ele trancou tudo dentro de casa e aí ela invadiu lá dentro eu não sei como a barriguda... ela entrou, e aí quando ela viu assim ela pedia pra parar assim desesperada. Eu vi que ela gritava desesperada pedindo pra parar e eu pedindo pra parar também, e ele não parava. (Chorando...) A outra também entrou e viu. Foi a hora que eles pegaram as gurias e queriam arrastar as gurias pra rua e as gurias começaram a gritar e diziam que não iam sair de lá de dentro (Luísa).

Outra reação das crianças era de apoio à mãe, em todos os momentos. Algumas eram solidárias à mãe; outras, no entanto, expressavam sua revolta, tornando-se agressivas.

Mas o menino até agora ele não bota culpa nenhuma em mim, ele só reclama de mim ter me acordado meio tarde. O guri fez seis anos que eu não vejo (Iara).

Daí agora tô com o meu de quatorze anos revoltado comigo. É por nada! É só não fazê tudo antes de vir pra cá. Bá tu não esfriou meu café, eu dô café na mão pra ele toma. Pra começar eu não dei café na cama pra ele hoje pra começar diferente a semana, ficou brabo. Eu dei um café com leite pra ele, tava quente, bá mas tu não esquento, não esfriou o café. Mas fala grosso! (Iara)

A fala de Iara em relação ao seu filho nos mostra que a agressividade, tantas vezes tida como um elemento da natureza do homem e, portanto, da masculinidade, é incorporada aos seus modos de ser por meio de processos sociais. Os modelos de masculinidade presentes no seu meio de convívio desse menino de quatorze anos, apresentam elementos de agressividade que poderão dar origem a um companheiro agressor no futuro em função dessas vivências situacionais.

A agressividade das crianças provenientes de lares violentos é a maneira que elas encontram de reagir ou suportar a situação. O que as mães precisam é estar atentas para evitar a formação de novos opressores, dentro do lar.

Conforme as mulheres percebiam as mudanças comportamentais dos filhos, passavam a evitar brigas para proteger emocionalmente as crianças.

...agora até tá mais calmo tô evitando briga por causa das crianças, porque eles já estão sentindo isto, eles já estão bem abalados psicologicamente eu evito o máximo. Às vezes ele começa a encher o saco eu vou na casa da minha avó dá uma volta ou eu me faço de surda sabe, então pra não briga até porque a nenê já tá nervosa já ta abalada né, então ela vê agente fala alto ela já começa á chorar ela já, ela dá tapa em mim dá tapa nele pra gente para porque ela sabe que agente á qualquer momento vai se pegar no pau na frente dela, então eu to evitando né por isso que ta um pouco assim melhor a situação né, porque eu evito porque ele provoca né (Otilia).

As brigas do casal ocorriam em geral na frente dos filhos e, nestas ocasiões, poucas crianças apanhavam do pai ou padrasto, no entanto, estas ficavam igualmente expostas a ambientes tensos e abuso psicológico.

Na frente delas... Não, é mais é eu mesmo (Luísa)

Até agora ele graças a Deus nunca reagiu com os meus filhos mas eu tenho medo que ele venha a reagir. Porque que nem eu disse eu apanhava, eu fiquei quieta mas se mexer com os meus filhos eu posso reagir. Não, não, era só em mim, as crianças eles olhavam mas ele tirava sabe? Da casa mas mesmo assim as crianças viam, mas abusar essas coisas nunca. Era só em mim mesmo que ele (Conceição).

Isabel foi a única que expressou carinho do companheiro com os filhos; no entanto, ao mesmo tempo seu companheiro a menosprezava na frente das crianças.

Muito. Muito carinhoso com as crianças, muito assim de botar defeito em mim e ele é o tal, o paizão, sabe? Não bate, não retruca, não ensina, sabe? Pai pode tudo (Isabel).

O modelo vigente de estruturação familiar concede, teoricamente, maior poder àquele integrante que contribui com a maior parcela financeira, o chamado "chefe de família". Aqui cabe retomar a informação de que acontece, em todas as regiões do Brasil, um processo de ampliação do fenômeno das famílias chefiadas por mulheres, juntamente com a pauperização das mesmas.

No entanto, pretende-se demonstrar com as falas das informantes deste estudo que embora elas sejam as responsáveis pelo lar, não são detentoras de poder, como acontece nas famílias chefiadas por homens. No caso das mulheres em situação de violência, elas ainda são exploradas economicamente, sem ostentarem o poder inerente aos chefes de famílias, uma vez que todas elas sustentam o lar e sofrem agressão física, psicológica e sexual por parte do companheiro.

Saffioti (1997) pondera que somente na ausência do marido a mulher transforma-se na todo-poderosa em relação ao seus filhos, podendo cometer inúmeros atos de violência

contra os mesmos. Ela explica ainda que, embora a mulher puna fisicamente seus filhos, é o pai quem é reconhecido como detentor de maior poder.

Negligência e os maus-tratos infligidos contra as crianças foram evidenciados nas falas das informantes do estudo. As crianças destas famílias encontram-se em situação de risco para abusos e violações, uma vez que o fenômeno da violência faz parte da disputa social de poder onde crianças encontram-se hierarquicamente em desvantagem. A esfera familiar é um espaço onde o exercício de poder é legitimizado por um contrato inconsciente entre os moradores da casa.

A fala de Anastácia reflete o tratamento da maioria dos pais desta comunidade para com seus filhos. Percebe-se a violência psicológica contra eles, principalmente, ao serem expulsos de casa, fato que se torna mais grave quando são menores de idade.

A minha filha não tem e nunca teve carinho assim de um pai... Sempre foi assim aos trambulhão. A minha filha não podia conversa com ninguém que a minha filha é vagabunda, é isso é aquilo. E, eu mais saí dali porque ele correu com a minha filha de casa também. Com as duas filha, tem uma que tem dezesseis anos, a J. e agora a S., né? (Anastácia)

Os relatos da maioria das informantes revelavam a maneira agressiva como os companheiros tratam suas crianças.

Dava as vezes nas minhas crianças. Dava pau nos meus filho, dava pau na minha menina... dava até coice na bunda da menina... sério, não tô mentindo! (Vitória)

E daí é aquilo assim, o Zé dizia uma coisa pro bem, eu também dizia, mas o Zé dizia batendo, agredindo, dizendo nome. Eu dizia pra ele com carinho e ele me ouvia (Iara).

E tem mais coisa, né? Ele batia na minha filha que é deficiente das perna também, aí por isso que a gente se separô. Daí foi como a guria saiu pra rua no causo, aí fizesse que a guria pegasse até a tal de AIDS essa na rua.... Ah, batia em todo mundo, no causo né? (Anastácia)

Algumas mulheres admitiam bater nos seus filhos em função da irritabilidade causada pelas agressões do companheiro. Como nos explica a socióloga Heleieth Saffioti (SAFFIOTI, 1989, p.17) a violência perpetrada contra crianças caracteriza-se por ser um "fenômeno extremamente disseminado exatamente porque o agressor detém pequenas

parcelas de poder, sem deixar de aspirar ao grande poder". Para essa mesma autora as mulheres costumam desenvolver a síndrome do pequeno poder que é a expressão mais clara da falta de poder na mulher na sociedade.

No começo que eu apanhava dele eu me irritava com eles, mas depois um dia eu parei e pensei 'mas eles não tem culpa, são pequenos não é com eles, eu tenho que reagir é com quem me bate e não com os meus filhos'. Daí agora eu dô carinho pra eles. Aquele carinho que eu nunca tive eu dô para meus filhos porque eles merecem. A atenção todinha para os meus filhos. E pro meu pai que me ajuda né? (Conceição)

A tarefa de socializar seus descendentes é atribuída, na maioria das sociedades, à mulher, ao ocuparem o papel de mães (SAFFIOTI, 1997). A agressão física como prática educativa também pode ser observada na fala das entrevistadas.

E quando eu bato nelas eu não bato pra machucá, não bato de arroxá... mas elas não têm respeito por mim. E eu já tive até pensando em entregá elas, largá elas de mão, mas daí pra eu não ficar esculachada na boca dos outros então, elas não pediram pra vim no mundo, daí eu vou assumir elas, mas só que eu acho que elas têm que ter um respeito por mim. Daí eu fico triste por causa que a minha guriazinha essa de sete anos ela não me respeita e a minha mãe disse pra mim que se, eu vou ter que tratar diferente a S., que tem onze meses, porque ela vai pelo mesmo caminho a minha mãe disse...'Tu vai acabar apanhando das filha amanhã'...(Minerva)

A maioria das crianças indiretamente envolvidas nesse estudo sofrem por presenciar a violência entre os pais. Crescer em ambientes tensos gera uma série de conflitos psicológicos que irão marcar profundamente a personalidade dessas crianças.

Observa-se que conscientemente, as mulheres expressam seu desapontamento ao perceberem-se transmitindo algo que deveria ser retido. Fala-se daquele velho e eterno desejo humano de 'dar aos filhos tudo aquilo que eu não tive', quando, na verdade, é mais fácil e comum transmitir aquilo que nos foi ensinado ou aquilo que foi por nós vivenciado.

Para Kaës (2001, p.17), a necessidade de transmitir algo como as heranças psíquicas, fará com que o indivíduo deixe "traços, pelo menos em sintomas que continuarão a ligar as gerações entre si, num sofrimento cuja motivação, mantida, lhes será desconhecida".

Corroboro com a psicóloga Graciela Ferreira (FERREIRA, 1995) quando ela fala que em famílias onde de geração em geração são cultivadas sementes de violência, existe uma falta de consciência em relação aos maus-tratos perpetrados contra as crianças, ignorando-se suas necessidade como pessoas, assim como seus sentimentos.

5.2 SENTIMENTOS DIANTE DA VIOLÊNCIA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Ah! Eu sinto né?... a gente não pode ser violentada pelas pessoas, a gente tem que.... as pessoas tem que ser humana um com os outros, né? Ninguém é ninguém hoje em dia, né? (Vitória, 39 anos)

Ao relatarem suas histórias de vida, as mulheres deixavam transparecer sentimentos, diante da relação afetivo-conjugal calcada por sérios episódios de violência.

Entre esses sentimentos, extraídos de suas falas, apontam-se medo, dor, sentimento de inferioridade, desprezo por parte do companheiro, revolta, vergonha, baixa-estima.

Medo...

... ela tem medo! (referindo-se à filha) E eu tenho muito mais, se ela tem medo eu tenho muito mais dele (Conceição).

... tomara que eu não fique ruim de conversar (Iara). (referindo-se ao medo de ficar louca)

Então é esse o meu receio de volta pra casa. Só chegar em casa, vê tudo aquilo, de novo! Eu hoje eu tô num dia daquele assim, se eu não tivesse filho, eu saia a caminhar. Caminhar, caminhar.... sem ter volta (Iara).

Eu não aceito apanhar. É ruim apanhar, ser espancada. A hora que ele joga as coisas dá um medo sabe, a gente fica.... eu me apavoro.... (Natália)

Mas eu tenho medo de sair de lá, sabe? Medo que ele me faça alguma coisa entende? (Elza)

Na fala de uma criança de três anos, presente na sala durante alguns trechos do relato da mãe, observou-se que ela percebia o sentimento de medo da mãe, que se confundia com o próprio medo que sentia do agressor.

Ela tem medo! (Luisa)

... Oh mãe! Né mãe que tu tem medo? Oh mãe! Né mãe que tu tem medo? Mãe...mãe...mãe... Oh mãe! Né que tu tem medo? Ela tem medo viu! (filha de Luísa de três anos).

Dor...

Dói muito, dói muito não fazê nada. Dói eu ter perdido o serviço, meus filho tão longe, é muito ruim... entende? Eu não tenho em casa um cantinho pra mim chorá. Posso chorá depois da meia-noite, uma hora, hora que tão tudo dormindo, senão não posso (Iara).

Dói. Dói por não, eu não ter agido antes, por eu não ter conhecido uma pessoa como você, com a paciência. Porque eu tive uma afinidade contigo no comecinho (Iara).

Eu não queria essa vida pra mim nem para minhas filhas (Elza).

Humilhação....

Se tinha que te esculachar na frente dos amigos dele, ele esculachava a tua cara. Ele era tri ruim tá louco, nunca mais vou ver esse cara na minha vida.... E ele me judiava lá me dizia que eu era nega preta, chinelona que eu não tinha onde morar, que eu não tinha condições nem.... (Vitória)

Desrespeito...

...eu acho assim que ele perdeu o respeito total, não só por mim mas pelas filha dele porque eu acho que se eu tenho que ter respeito porque eu tenho quatro filhas mulher, ele também tem que ter mais ainda....ele me ofende na frente das guria, me chama de relaxada, me chama de vagabunda, mas acontece que até hoje ele não achô, arrumô uma mulher mais caprichada do que eu. (Minerva)

Vontade de morrer... Depressão...

Eu tomei veneno de rato... Porque as minhas filhas estavam em casa chorando que queriam coisa pra comer. Daí eu não tinha nada pra dar elas, daí tá eu comecei a chorar também. Daí eu fui lá no armazém e comprei um saquinho de veneno pra rato e tomei.... Mas eu tenho vontade de pegar uma faca e matar eu e as minhas filhas porque eu não quero sofrer mais, sabe?... - chorando - (Elza)

Raiva, Revolta e Vontade de matar...

Eu pedi pra Deus matar ele. Se eu tivesse dinheiro eu mandava matar ele... mandava. Eu te juro por Deus que eu mandava (Elza).

Eu me sentia revoltada, vontade de matar também porque tu sabe, né que a pessoa que apanha não gosta de apanhar. Revoltada com vontade de sumir, as vezes com vontade de pegar e fazer por mim alguma coisa... muito revoltada... (Vitória)

Vergonha de si, dos outros... da sua história...

Só que a senhora não vai escancarar né? Não vai falar ali na.... sempre vem gente conhecida aqui... (Natália)

E os vizinhos já tão...sabe? Aqueles comentários, aqueles tititi, agora até acalmou um pouquinho. Eu sei que ninguém tem nada que ver, que ninguém me dá nada mas é uma coisa assim que eu fico constrangida, sabe? (Isabel)

Arrependimento e Culpa...

Mas... aí não sei eu me arrependo de ter entrado pra essa família.... Me arrependo mesmo porque o que eu não sofri com os meus pais e com o outro pai da minha filha que eu tive que morreu, eu sofri com esse! (Minerva)

Algumas mulheres sentiam-se culpadas e questionavam sobre o que fizeram de errado para o companheiro agir com agressividade.

... eu nunca fiz nada. Não vou dizer que eu não saia mas eu não era de fazer nada de errado. Então eu não entendia porque que ele tinha essa mágoa... ele dizia que era ciúmes (Conceição).

Coragem e Determinação...

Mas eu vô vencer! Vô vence porque eu vô consegui, eu vô consegui agora. Vô consegui. A mesma coisa, ele anda brigando comigo, 'tu não tem nada que arruamá dente nenhum!' Digo, 'eu vô arruma meus dente!' Vô faze um tratamento dentário, depois eu vô faze um tratamento pro meu pé. Que dói, dói demais, ainda mais quando eu caminho muito. Ele incha, porque ele tá inflamado!... Ele bem assim, 'eu vô te vence no cansaço!' Eu digo não! Eu não vou cansar! Enquanto eu não atingi meu objetivo eu não vou cansar (Iara).

Então hoje em dia eu... eu custei mas eu aprendi e consegui reagi e fugir do perigo... porque era um perigo a minha vida (Conceição).

As mulheres nos falaram de seus sentimentos em relação ao companheiro, salientando que apesar de toda a violência sofrida existia uma ambivalência de sentimentos - mágoa e compaixão, generosidade - em relação ao companheiro.

Gostar dele eu gosto mas só que ah. A gente desempregado perde tudo. Não é aquele coisa as vezes ele me xinga sabe, excomunga assim, fala um montão de coisa então...(chorando) (Natália).

... eu gosto dele assim que nem fosse meu irmão assim. Mas pra morar junto não. Eu só quero só ajudá ele. Só! Se eu pudesse vê ele aposentado, sei lá, ele... olha ele tem tudo pra se aposenta, ele não se aposenta de bobalhão. Né? Ele tinha que, na moral ele tinha que entra pruma clínica, fazê um tratamento legalzinho pra

amanhã ou depois trabalhá, ser alguém na vida, sei lá! Ajudá os guri mesmo, né? Depois de tudo que aconteceu assim entre nós... não existe mais amor. No caso, eu era pra até criá ódio dele, eu não crio ódio. Eu não crio ódio dele por causa dos filho, né? E, depois não presta também, né?... Não, eu gosto dele sim. Gosto! Como amigo, mas só que o meu gostar como amigo ele não aceito, entendeu? (Natália)

Que ele é bom, pra minha mãe mesmo, não viu aquele dia a minha mãe falando? Ele é bom pra ela! Pra mim também ele é bom, só que às vezes ele...(Minerva)

Em algum relatos observou-se que algumas mulheres suportavam, em função dos filhos, a situação de violência na qual estavam inseridas.

Daí no fundo no fundo no começo eu amava muito ele sabe? Mas depois lá pelo meio da relação eu comecei a gostar.... 'Ah tu ama ele? Não eu gosto dele!'. Começou a diminuir e eu vi por mim mesma sabe? Daí depois 'ah eu tenho uma consideração porque eu tô com os meus dois filhos', sabe? Mas depois eu vi que não era por mim agora. Não é que gosto mais, é pelos meus filhos (Isabel).

O desejo de tomar conta da própria vida, ficar só, também aparecia constantemente nos sentimentos e desejos de mulheres que passavam ou já passaram por situações de violência.

Não. Graças a Deus! Pra incomodar não, sou mais de andar sozinha. Tá bom! (Vitória)

Mas eu não, eu não vejo a hora assim oh, se eu pudesse tá assim oh, bem, bem, bem longe e nunca mais voltar, nunca mais volta mesmo, eu ia. Eu ia pra bem longe. Nunca mais botava os pés em Porto Alegre. Nem olhava nem pra minha família eu acho, que nem pra ela eu tenho porque olhar. (Isabel)

As mulheres vão mudando o seu comportamento em função da opressão masculina. Elas transformavam o seu modo de vestir, passavam a ficar mais em casa, suas amizades precisavam ser aprovadas pelo companheiro.

Porque eu gosto, eu sou vaidosa sabe? Mas é que quando eu tava com ele eu fui me apagando os poucos, sabe? Eu fui me apagando, me apagando (Isabel).

A baixa-estima aumentava, pois, devido a ansiedade, as mulheres começavam a comer e conseqüentemente, engordavam e passam a se sentir feias.

Eu tava enorme de gorda, eu tava horrível! Eu consegui emagrecer. Eu tava com quase cem quilos, eu consegui emagrecer, eu consegui até me vestir sem medo sabe? Porque quando eu ia botar uma calça eu pensava 'não vou botar aquela calça'. E os outros diziam 'aí mas é bonita serve em ti, estica põe, te aperta', aí eu 'não, não posso por causa do fulano!' (Isabel)

Embora essa opressão sofrida seja uma dor extremamente solitária, as mulheres sabiam da existência de outras na mesma situação e, mostravam-se compreensíveis e solidárias umas às outras. As cenas de uma novela podem trazer a tona sentimentos bastante conhecidos por elas.

...já fui com amigas também, corri com amigas... (Isabel)

É agora eu fico olhando a novela¹⁴ e eu fico pensando... cada vez que eu olho assim cada vez que aparece as cenas que ela tá apanhando me dá um arrepio, me dá um medo, eu choro... muito! É bem como eu passei na minha vida, bem assim (Conceição).

De acordo com a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (CEDAW), adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 18 de Dezembro de 1979, da qual o Brasil é signatário, desde março de 1984, uma das conseqüências da violência, como discriminação, caracteriza-se pelo fato de violar os principio de igualdade de direito e do respeito à dignidade humana, "dificulta a participação da mulher, nas mesmas condições que o homem, na vida política, social econômica e cultural de seu país", constitui-se em "um obstáculo ao aumento do bem-estar da sociedade e da família e dificulta o pleno desenvolvimento das potencialidades da mulher para prestar serviço a seu país e à humanidade" (CEDAW, 2003, p.25).

...eu tenho problema dentro de mim, que às vezes, tem uma bola que ela pula por dentro da minha cabeça. Daí é quando me dá aquelas crise assim que eu começo a me esquecer as vez das coisa depois eu volto ao normal de novo (Anastácia)

¹⁴ Fala referente a novela 'Mulheres Apaixonadas' transmitida pela Rede Globo de Televisão, no mesmo período de coleta das informações.

Em suas histórias de vida, além dos sentimentos, as mulheres falavam das conseqüências deixadas pela violência, refletindo-se em todo o núcleo familiar, especialmente nos filhos.

Observou-se uma dificuldade de parte das informantes em expressar sua percepção em relação às conseqüências da violência em suas vidas. Elas realmente não conseguiam pontuar quase nenhuma conseqüência relacionada aos anos de sofrimento vivenciados ao lado de um companheiro agressor, a não ser em relação aos filhos, de quem elas falavam com uma certa facilidade.

Um das principais conseqüências da violência trazida pelas informante é o fato de possuírem filhos nervosos e agressivos.

A minha do meio é nervosa. Ela é bem atacada. Ela é assim um doce de criança, mas se tu fizer assim que arrediar ela, que ela ficar com medo, ela se bota. Ela se bota. Se tu não der uma coisa que ela quer, ela se bota, se bota mesmo. Se bota, morde. Se tiver que bater, ela bate. Até uma vez o Assistente Social foi lá fazer uma entrevista, a minha filha, a minha menor se botou nela, a minha do meio se botou nela. Ele viu, ela tem, ela se treme todinha, ela se treme assim que chega a dar até um, uma angústia de ver, e se bota (Luísa).

As conseqüências do abuso emocional, da negligência e violência física a que estavam expostos a maioria dos filhos das mulheres entrevistadas, podia ser observada imediatamente, conforme o relatos deste estudo, ou tardiamente. Caracterizavam-se pelo aumento do risco para a drogadição, problemas de aprendizado, prostituição, distúrbios na sexualidade e promiscuidade, queixas somáticas, depressão, dificuldades de relacionamentos e suicídios (PIRES, 2000).

As mulheres observavam que o ciclo do desenvolvimento psicossocial das crianças fica comprometido por vivenciarem situações tensas de agressão. Isso era observado por suas ações, geralmente a quem do esperado para a faixa etária.

Dois anos. E não fala! Ela fala assim mamãe, papai, mas assim essas coisas assim como se ela tivesse regredido, sabe? Poucas coisas. Com dois anos aquela ali já não fazia xixi nem cocô nas calças, ela faz. E sabe que tem que ir no banheiro e sabe que tem que ir no vaso (Luísa)

As conseqüências da violência doméstica também podiam ser percebidas no comportamento das crianças. Pelo relato de Conceição observa-se a contribuição negativa de um companheiro agressor para com a educação dos próprios filhos

...quase se botô na professora dele. O pai dele fica dormindo o dia todo, ele quer dormir também. Não bhá, é o desrespeito é demais, ele tá sendo má influencia dentro de casa (Iara).

Porque no colégio, ele tá fazendo o jardim e a professora do jardim me chama.... agora é que acalmou e param de chamar...que ele não pára que é meio arteiro (Natália).

Embora percebesse alterações no comportamento do filho, Iara acreditava que quem deverá corrigi-lo seria a companheira com quem ele for viver. Ela já não se colocava mais no dever de educá-lo apesar de ele ter apenas quatorze anos.

Só que há tempos que eu tô vendo esse meu de quatorze anos bem assim 'ah tu pede, também! Não responde pra ele! Tu pede!' Ele tá com o mesmo ritmo do pai dele. Ele acha que eu tenho que faze as coisa pra ele e a irmã dele também. Esse aí vai sofre com a mulher que arruma. Que hoje em dia as mulher não tão ficando mais quieta e não vão ficar mais quieta (Iara).

O abandono do lar para o envolvimento com o tráfico de drogas, em geral ocorre precocemente, pois as crianças não conseguem suportar as brigas dos pais por muito tempo.

Não, não é assim oh, ele lidava com droga, ele vendia e tinha os contra que eles dizem e eles se davam tiro. O meu filho guardava as arma, meu filho fechava os pacotinho daquelas coisa, cocaína acho que era... o meu filho fazia isso. O meu filho era o braço direito do patrão. Mas de só busca e fazê... isso. Dava tiro nos outro mas nunca baleou nem matô ninguém. É isso que ele fazia. Mas os guri que eles dizem, esses outro, diziam que iam mata ele porque ele era daquele grupo.. .Ele tava nessa vida como um lugar que ele escapô pra não tá no convívio de casa. É isso que é o meu ponto de vista, o que e acho.... Ele fico doze dias só dentro de casa., 'tu larga essa vida, isso aí não é pra ti assim, assim'. Daí ele parou. Daí o Zé começo, 'pau no cu, só que fica dormindo, só dentro de casa. Vai arruma um serviço, o que que tu tá pensando'. O guri foi de novo.... Ele achava que fazendo pressão o guri saia dessa vida das droga, mas prejudicou mais ainda e ele foi embora faz... um ano atrás foi embora porque tava ameaçado de morte (Iara).

Segundo Meneghel (1996), as respostas agressivas exteriorizadas, de diferentes maneiras, pelos adolescentes, podem ser desencadeadas por estímulos dolorosos, fatores de estresse ambientais e provocações interpessoais.

5.3 A PERMANÊNCIA COM O COMPANHEIRO AGRESSOR

Não gosto mais dele. Faz, mais de um ano já. Faz mais de um ano que eu já tô com ele só por obrigação (Luísa, 22 anos)

O principal motivo verbalizado pelas mulheres para permanecerem com o companheiro era o medo. Elas tinham medo de perder seus filhos, de não terem para onde ir, de não conseguirem sustentar a si e aos filhos, medo das ameaças do companheiro, etc.

Mesmo quando as mulheres criavam coragem e abandonavam o lar, seus companheiros passavam a persegui-las e faziam de tudo até conseguirem trazê-las de volta ao lar.

Eu fui um monte de vezes embora, daí ele vai nas casas onde eu tô incomodar daí as pessoas mandam eu embora (Elza)

Fui embora três vez, ele foi as três vez lá pra buscar as crianças e eu voltei. Ele não ia vê as criança, ele ia lá pra mim voltar e eu voltava, começava tudo de novo (Iara).

Mas eu, toda vez que eu tentei ir embora ele sempre foi atrás de mim. Mesmo estando sozinha. Esta última vez eu tava sozinha! E ele tava atrás de mim. Na outra vez também eu tentei ir com os meus filhos, ele vai atrás de mim. Não adianta! Eu fui lá pra minha mãe ele foi atrás de mim, ele fez escândalo, fez fiasco. A minha mãe ficou com vergonha, a minha mãe disse que não podia me aceitar lá assim desse jeito. E eu, eu não tenho nem mais pra onde ir de tanto que... de medo (Luísa)

As famílias aconselham as mulheres a não saírem de casa para não perderem o direito à moradia. Elas sugeriam que elas tentassem afastar o companheiro do lar garantindo o seu espaço para o convívio com os filhos.

A última vez que eu fui embora daí meu pai disse assim pra mim: 'olha aqui, minha filha, pode vim a casa é tua, tá aberta, a porta tá aberta pra ti, só tem uma coisa, não larga mais a tua casa. Faz alguma coisa pra ele sai de dentro de casa, mas tu não sai'. E daí eu comecei não vô sai e não vô sai (Iara).

Algumas mulheres permaneciam com o companheiro porque realmente não tinham para onde ir com seus filhos. Em seus relatos ficou evidente que a falta de apoio familiar é um fator importante para o não rompimento do relacionamento.

Como que eu ia viver se a minha família não me queria. A casa era dele, e os meus filhos iam passar pra onde? Entendeu? (Vitória)

Porque eu tenho medo, sabe? Se é pra mim sair dali e passar trabalho na casa dos outros então eu passo trabalho ali, né? Eu tenho medo que ele vá incomodar assim (Natália).

De acordo com Meneghel (1996) o êxito na perpetuação da violência ocorre quando há uma interiorização da vontade alheira na vontade da parte dominada, de modo que a perda da autonomia não seja percebida e nem reconhecida.

O medo da repressão familiar fazia com que muitas vezes as mulheres nem tentassem pedir ajuda para a família de origem e acabassem acomodando-se na relação.

Mas eu acho que eu fiquei nessa relação assim porque eu fiquei com medo que logo no começo das agressão que o pai e a mãe não iam me aceitar. Porque eles ficaram sabendo que eu tava me prostituindo, então eu achei que eles iam fechar as portas pra mim, e nunca! Depois eu fui lá, quando eu fui pra buscar meu filho não falei (Iara).

A relação de violência entre o casal pode iniciar nos primeiros meses de convívio e algumas mulheres relataram que a gravidez pode ser um fator determinante para a permanência com o parceiro. Nas falas dessas mulheres observou-se que a existência de filhos do casal fez com que as mulheres se sujeitassem a permanecer com o companheiro.

eu acabei ficando com ele porque eu engravidei dela. Daí como a minha mãe nunca ia aceitar, né? A minha mãe, a minha vó que me criou nunca ia aceitar eu com um filho, né? E, aí quando eu descobri que tava grávida dela daí eu tive que ficar com ele (Luísa).

Eu tinha medo de deixar ele não por mim... não por mim, porque por mim eu dormia em qualquer lugar, tu sabe que a gente sozinha a gente vive em qualquer lugar mas eu tinha que ir embora e a onde eu ia ficar com os meus filhos (Vitória).

O medo de não conseguir sustentar a família, devido às dificuldades de encontrar emprego em função da baixa escolaridade, faz com que as mulheres aceitem o companheiro de volta quando o mesmo sai de casa por qualquer motivo.

Meus filho, minha comadre, minha vizinha, coisa muito querida, disse assim pra mim, 'Iara, não aceita ele de volta'. Eu disse, 'eu vô vivê como?' (Iara)

Ele, como agora, ele vai embora, mas eu vou me sustentar como? Eu dependo de deixar ele vir de lá pra cá porque lá ele tem as coisas dele. Eu dependo de deixar ele vir de lá pra cá pra sustentar meus filhos. E ele tem onde ficar, ele até arruma trabalho lá e tudo mas e aí? Eu não tenho como sustentar os meus filhos. E agora a pequena piorou. Ninguém, ninguém quer. Ninguém ajuda (Luísa).

O medo apareceu constantemente na fala destas mulheres e pode ser literalmente traduzido como um "sentimento de grande inquietação, ante a noção de perigo real ou imaginário, de uma ameaça; susto, pavor, temor, terror" (MEDO, 1999, p. 1307). A falta de conhecimento, condições financeiras, apoio familiar, assistência jurídica e de saúde, vai, dia após dia, alimentando o medo e a insegurança das mulheres envolvidas em relacionamento violentos.

Mas eu tenho medo de sair de lá, sabe? Medo que ele me faça alguma coisa entende? (Elza)

E eu, eu não tenho nem mais pra onde ir, de tanto que, de medo (Luísa).

Que a hora que tirá ele de dentro de casa eu não, eu tenho medo de tirar, eu tenho medo ainda de tirá ele de dentro de casa com a polícia. Que ele volte a incomodar. Porque se ele não volta, ele manda alguém (Iara).

Os homens agressores usam constantemente mecanismo de controle para manterem a mulher em casa e com medo de suas ameaças. Algumas mulheres sentem-se ilhadas por seus companheiros, como podemos observar no relato de Isabel.

Ele esperava assim 'vou acomodar ela, não vou deixar ele trabalhar' como se diz 'eu vou ilhar como sabe... ela vai ficar com os filhos, o guri ficava doente, ele botava algum defeito no guri... 'ai o guri tá doente, o B. tá magro tem que levar ele no posto'. Daí pra eu ir no posto eu tinha que tirar ficha, essas coisas assim, sabe? Voltar outro dia. Ele tentava sempre botar coisas na minha cabeça, sabe? (Isabel)

Muitas mulheres, em situação de violência, procuram constantemente uma oportunidade de romper com o companheiro. Ao longo dos anos, surgem várias oportunidades de dar um fim a relação mas, acabam nem as enxergando por estarem inundadas pelo sentimento de medo. Cada mulher vivencia experiências diferentes; algumas sofrem anos ao lado do companheiro e conseguem aproveitar o momento súbito de coragem, para romper com a relação.

Porque eu precisava, depois que eu me liberei mesmo dele eu nunca mais fiquei com ele. Ele abaixou hospital eu vendi a casa e deixei ele na rua. Não minto pra ti, fiquei na rua também na casa de um, na casa de outro, mas vendi a casa e deixei ele na rua. (Vitória)

Com a fala de Vitória observamos que sua reação a um longo período de violência, pode ser caracterizada por atitudes vingativas que por sua vez podem dar origem a outros episódios de violência entre o casal.

5.4 ROMPENDO COM O AGRESSOR

"...tava chorando e por dentro de mim eu chorava mais ainda porque eu tava sangrando, eu tava com ódio, eu tava sendo usada, eu tava sendo um tapete e não tava reagindo." (Isabel, 24 anos)

Romper o relacionamento com o companheiro agressor não é um situação fácil para nenhuma mulher. Ao tomar essa decisão, um novo e árduo caminho começa a ser, lentamente,

percorrido, até a separação, de fato, do casal. Muitas denúncias são realizadas pela mulher que, às vezes, leva anos para conseguir afastar o companheiro do lar.

As quatro informantes deste estudo, que hoje se encontram separadas do companheiro agressor, relataram diferentes experiências em relação a sua separação. Em dois casos o companheiro está preso, e esse é o único motivo para elas estarem relativamente tranqüilas. Infelizmente, nenhum dos dois foram presos pelo crime, de violência contra mulher, uma vez que para esse tipo de crime raramente o perpetrador é condenado, mesmo quando a violência resulta em morte da mulher. Como exemplo disso pode-se citar o caso de Ângela Diniz, que foi assassinada por seu companheiro. Esse caso tornou-se um crime famoso que abalou a opinião pública mas, no entanto, o assassino foi absolvido.

No caso das mulheres do estudo, seus companheiros estavam presos por assalto e estupro, ambos eram usuários de drogas e roubavam para sustentar o vício.

O que as pessoas fazem pra gente mais tarde elas podem pagar né? Agora ele tá lá na cadeia, sabia? Agora ele tá na cadeia... Ele roubava e estuprava. Roubava na casa dos outros e estuprava as pessoas. Tá preso por estupro (Vitória.)

Agora eu tô bem porque eu sei que ele tá preso, sabe? Então agora eu vivo bem eu vivo calma porque eu sei que ele tá preso e ele não vai eu tá saindo na rua e quando eu menos esperar ele vem me bater que nem ele cansou de fazer.... Porque ele tava roubando (Conceição).

As duas informantes cujos companheiros estavam presos, alegaram que já haviam se separado antes deles irem para prisão, mas em suas falas observou-se que o companheiro ainda as perseguiram.

Ele andava até com arma pra me matar, né? Antes dele ir preso. Que ele queria me matar porque eu deixei ele na rua, por causa da casa. Ele tava interessado não nas crianças ou em mim, ele tava interessado na casa. (Vitória)

O rompimento com o relacionamento violento não é garantia de segurança para a mulher, nem para os seus filhos. Achados teóricos acerca da violência contra a mulher demonstram que as agressões e ameaças podem continuar e até mesmo aumentar, depois que

a mulher rompe com seu parceiro e, nesse período, aumentam os riscos de a mulher ser assassinada pelo marido (POPULATION REPORTS, 1999).

Já fazia um mês e pouco que a gente tava separado. Sim mas eu sempre digo assim... ele vinha... a gente tava separado mas ele me incomodava. Ele tinha outras mulheres sabe? Mas ele igual ele vinha e me incomodava. Ele me batia ele entrava na minha casa, ele pulava a janela, ele arrombava a minha porta e entrava e me batia e saia (Conceição).

Um mês de separação é um período muito delicado para a mulher e seus filhos, principalmente quando a mesma ocorre de maneira tensa e não amigável. Muitas vezes, o marido insiste em ficar com o filho, mesmo sem ter condições financeiras para cuidá-lo ou sem ter sido um pai presente, até então. Geralmente, eles fazem este tipo de exigência apenas para gerar mais conflito, ansiedade e medo nas mulheres, que se sentem culpadas por tudo que ocorre, tanto com elas, com seus filhos ou com o companheiro.

Eu tô super sossegada e bem enquanto ele estiver preso... depois eu não sei... aí ele disse que seu quisesse me separara dele eu até podia mas o meu filho eu tinha que deixar com ele, se eu não deixasse ia ser pior. Era isso que ele me dizia e até hoje antes de ele ir preso ele me dizia se ele fosse embora pra fora, ou para algum lugar ele ia roubar o meu filho de mim. Daí eu disse pra ele se tu roubar eu vou te botar na cadeia, mas eu falei isso numa hora de raiva, né? E uma semana duas semanas depois foi que ele caiu preso. E ele mandou me chamar eu disse que eu não ia e agora eu não sei como vai está a cabeça dele quando sair né? (Conceição)

E ele sempre disse pra mim que eu nunca ia embora, que eu nunca ia poder. Se eu fosse embora eu não ia ter meus filhos e nem que eu quisesse. Eu podia ir embora que eu não ia ter meu filhos nunca junto comigo (Luísa).

Uma experiência diferente das duas descritas acima foi vivenciada pela informante Anastácia. Ela relatou que foi afastada do lar pelo companheiro agressor, depois de mais de vinte anos de convívio conjugal violento.

... diguemos assim, quando eu fui pra lá, era uma peça pouquinho coisa maior do que essa daqui no caso. Aí quando eu fui eu peguei comprei duas vez eu comprei um milheiro de tijolo. Nas duas vez. Aí os milheiro de tijolo ele foi vendendo, foi vendendo pra umas vizinhança. Aí vendeu. Aí depois tá. Aí depois meu pai pegô, consegui comprá mais tijolo, aí eu falei com meu pai, meu pai fez a outra, fez uma peça em cima, aí fez uma peça bem grande em cima. Dava assim uma peça grandona, dava pra dividir em duas. Daí essa peça aí, daí ele pegô e, depois que a coisa tava pronta, daí ele me correu de dentro de casa, no caso. Ele que me botô

pra rua... Daí eu dei graças a Deus que um senhor aí me ajudou até. Eu agora tô lá na casa dele lá. Lá nesse endereço aqui ó que eu tô agora parando até sai o tal de escritório que ele tem que fazê, né? Aí momento que sai o tal de escritório, no caso daí já não dá (Anastácia)

O relato acima revela a realidade de muitas mulheres da região Cruzeiro do Sul onde este trabalho foi realizado. Elas ajudam a construir o espaço para moradia do casal, e até vendem suas casas para morar com o companheiro, usando o dinheiro da venda para aumentarem o número de peças ou, simplesmente, acolhem o companheiro em seus lares. Quando o relacionamento começa a não dar certo, alguns homens tratam de garantir seu espaço de moradia, fazendo de tudo para que a mulher se canse e saia de casa com os filhos, como aconteceu com Anastácia, que hoje mora de favor.

Eu tô separada. É pior que a gente é casado mas temos separação de corpos Lá, onde eu moro, qué vê oh! É bem assim a história, lá onde eu moro tem um rapaz. O rapaz esse é guarda desse lugar no caso, né? Ele que cuida. A moral não é eu que cuido, é ele que cuida, aí ele deixou eu ficar lá. Tô lá junto. Tô lá eu e as criança junto. Três criança comigo, entendeu?... (Anastácia).

O vínculo que as mulheres criam com seus companheiros, muitas vezes, não lhes permite enxergar que estão sendo usadas e manipuladas por eles. A fala de Anastácia mostra o quanto ela se preocupava com o ex-marido mesmo após ser sido colocada para fora de casa por ele.

Botaram ele pra rua porque ele faltava o serviço e quando ele tava trabalhando na prefeitura também, ele faltava muito o serviço às vezes pra fica em casa, no caso. E às vez ele ficava em casa também porque ele tava doente da bronquite... Daí quando botaram ele pra rua ele tava baixado no hospital. Aí botaram ele pra rua sem direito a nada, entendeu? E daí depois disso, aí ele não conseguiu mais nada. E um pouco ele quis sair também procurô sair pra não pagá pensão. Porque antes ele pagava pensão pra mim, mas agora com esse negócio já faz tempo já que ele saiu da prefeitura daí ele não paga mais. Quem, inclusive quem tava ajudando ele há cinco ano aqui depois dessa separação toda foi era eu que tava ajudando ele ali. Eu que tava dando as coisa pra ele ali. Eu trabalhava, né, arrumava dinheiro e dava as coisa pra ele, mas agora... Tá, coitado agora tá numa ruim mesmo. Tá desempregado, tá precisando de um tratamento (Anastácia).

Apenas uma informante conseguiu separar-se judicialmente do seu companheiro, após ter "montado um circo" entorno da situação, conforme ela mesma relata no trecho abaixo.

Eu fui cínica o tempo todo, sabe? Ele dizia 'Ai eu te amo!' e eu dizia 'Te amo também!'. E aquela dor aqui dentro de mim assim eu ia, tudo que eu... eu tava lavando uma louça eu tava chorando, eu tava lavando roupa eu tava chorando, eu tava chorando o tempo todo... tava chorando e por dentro de mim eu chorava mais ainda porque eu tava sangrando, eu tava com ódio, eu tava sendo usada, eu tava sendo um tapete e não tava reagindo. Aí eu fiz um... como é que se diz um circo pra poder ir sabe? Porque eu tive que subir lá em cima numa amiga minha, deixar as crianças, amanhecer acordada pra pegar ficha né? Porque abre super cedo. Depois eu tive que pegar as crianças voltar pra casa, fazer uma comidinha maravilhosa pra ele e depois contar a situação ainda pela metade, né? Isso que eu fui na vara de família. Mas agora nessa última vez que ele saiu de casa não precisou eu ir... mas eu tive que ser esperta sabe? Entendeu, mesmo que eu não fosse mas naquele momento eu tive que agir como ele tava agindo comigo, entendeu? Porque ele me amava de segunda a quinta e aí sexta-feira, sábado e domingo ele já não me amava mais, aí quando ele tava são ele me amava, conversava comigo, como se fossemos dois irmãos, mas conversava, né? Não tinha relacionamento de marido e mulher! (Isabel)

A informante Isabel relatou a sua história de vida como se estivesse realizando uma análise crítica. Ela contou como foi o processo de separação, pontuando as estratégias de controle utilizadas tanto por ela quando pelo companheiro.

A gente chegou até a ir na vara de família, né? Uma vez eu cheguei a ir conversar com ele dizendo que era pra ele que era para terapia de casal e aquela coisa toda e consegui levar ele até a vara de família. Daí chegando lá antes de entrar lá na sala eu disse 'olha eu quero me separar de ti' e nisso ele já foi ficando furioso, furioso, furioso, aí ele chegou lá dentro e ele concordou com tudo né? Ficou definido tudo que era para ele fazer, daí quando saio de lá ele veio pra casa disse que pegaria as coisas dele e eu cheguei ele já me agrediu. Daí ele saiu pra trabalhar e depois chegou com 'amorzinho, amorzinho! Vamos ficar tudo bem, vamos criar os nossos filhos'... e eu acabei ficando, arqueei tudo lá. Acabei ficando, arqueei o processo mas a queixa eu devo ter se ele não rasgou... Aí acabamos ficando junto e eu arqueei tudo, mas ele ficou muito furioso, muito, muito, assim pra ti teres uma idéia aí ele desceu, né? Daí eu esperei ele descer, né? Aí tinha um policial na esquina daí eu pedi pra ele me acompanhar e ficar comigo lá em cima na sala porque lá a advogada ia começar a falar as coisas pra ele que eu já tinha dito né? E daí dava pra ver o ódio dele e ele concordando com tudo numa boa, daí depois ele saiu, e eu fiquei esperando um pouco daí eu saí de atrás, daí eu olhei pro lado pra onde tava indo caminhando pro lado do carro porque ele tava de Brasília e eu vinha pra cá pra pegar o ônibus, eu fui descer pra pegar o ônibus. E ele chutava os pneus da Brasília, dava soco assim na Brasília, sabe? Daí eu descii correndo assim para um lado para pegar o ônibus e ele chegou primeiro em casa, né? Óbvio, tava de carro. Pegou umas coisas mas eu vi que pelas roupas ele ia voltar né?... Aí eu cheguei em casa daí ele bebeu, disse que ia pra o serviço não foi, bebeu daí voltou de noite eu vi que ele ia me agredir né?

Mais do que ele já tinha me agredido. 'Tá vamos ficar tudo bem, bibibi, bobobó'. Passados dois dias eu fui lá e arqueei, né? Mas eu tenho o papel em casa, ficou só lá arquivado, mas tipo se quiser fazer alguma coisa eu vou ter que renovar tudo de novo porque arquivado não tem mais volta.... Aí eu fui lutando pra tirar ele de dentro de casa. Eu vi que não era eu mais que gostava, eu tava era me acomodando com a situação. Eu tava sendo vítima de uma coisa assim que era um absurdo, hoje em dia eu assim é um absurdo, não existe, sabe? Quando eu sai assim da relação que eu comecei a respirar, sabe?(Isabel)

Depois de separadas, as mulheres expressavam medo de envolverem-se em uma nova relação violenta. Por esse motivo elas preferiam ficar sozinhas com os filhos.

E agora eu dei um basta na minha vida, eu não quero. Tanto que eu tenho medo de me envolver com outra pessoa que possa acontecer de novo, então eu tenho medo, sabe? Por que no começo é muito bom, é o carinho e depois com o tempo eu tenho medo de acontecer tudo de novo. Então, ou eu não digo comigo mas vá que eu pegue outra pessoa que queira bater nos meus filhos, daí eu vou acabar reagindo e vou acabar me prejudicando, eu posso machucar como eu também fui muito machucada por ele me machucava. Então eu acho que não é justo. Então eu prefiro ficar sozinha como eu tô. Trabalho fico com os meus filhos tenho mais tempo com os meus filhos com o meu pai. Então eu não quero (Conceição).

Elas ainda falaram do medo que sentiam de o ex-companheiro querer voltar pra casa. Este medo estava intimamente relacionado com as lembranças dos momentos críticos de violência. Por mais que desejassem a mudança comportamental do companheiro, elas sabiam que poderiam vir a sofrer novamente com os maus-tratos masculinos.

...ele vai beber e vai vir, sabe, me incomodar... mas ele só teve durante o dia lá em casa, né? Meio tonto...fim de semana pra pegar os guris. Eu até encenquei porque eu não vou soltar os guris com ele bêbado. Ele dizia 'Ah! Daqui ali eles já vão estar dentro de casa, eu sempre fui um bom motorista...'. Eu disse 'então tu leva o maiorzinho e deixa o pequeno comigo e ele disse 'tá, tudo bem como tu quiser'. E foi assim, sabe? Como se a gente não tivesse nada um com o outro. Então pra mim bá! Parecia que cada vez que ele fosse falar comigo... porque tem vezes né? Que ele já dizia que queria voltar pra casa e eu tinha medo que ele sentasse ali e não saísse mais sabe? E eu pensava eu vou ter que chamar a polícia, eu vou ter que isso, eu vou ter que aquilo... (Isabel)

Embora separadas fisicamente dos companheiros, observou-se que essas mulheres continuavam sofrendo as conseqüências físicas e psicológicas deixadas pelo convívio com um relacionamento violento.

5.5 LONGE DA VIOLÊNCIA: A INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA COMO DESAFIO

Porque eu tenho, eu tenho legal lá de papelão, garrafa, latinha, mas eu vou juntar pra dá bem. Que nem assim, dia vinte e cindo é o dia da luz, de paga a luz, daí eu vendo as coisa pra paga a luz (Iara).

Viver longe da violência conjugal não significa paz e tranquilidade. Muitas mulheres levam anos para romperem o relacionamento e, após a separação, precisam de mais um tempo para livrarem-se dos traumas e medos deixados pela situação que vivenciaram.

No começo assim quando eu me separei dele eu acordava suada, assustada, sabe? Que ele fosse abrir a janela, que fosse tá na janela.... qualquer estalinho eu ia ouvindo, ouvindo, ouvindo, ouvindo os estalos assim, imaginando e quando eu via já era cinco, seis horas... eu passava a noite em claro em pânico de ficar dentro de casa (Isabel).

As mulheres, ao romperem com ciclo da violência, desejam trocar de casa devido às lembranças negativas do lugar. É difícil para elas iniciarem uma vida longe do agressor devido aos sentimentos que continuam fortemente presentes.

Então eu quero trabalhar, chegar de noituzinha em casa porque aquela casa as vezes me amedronta, sabe? Parece assim que saiu de mim mas tá na casa. É por isso que eu não superei tudo isso que eu passei. Então tá naquela parede que foi quebrada ali, foi quebrada com a minha cabeça. Eu penso assim sabe? Uma coisa que não foi jogada em mim mas foi jogada na parede. Aquele vidro de mostarda que ele atirou em mim tem um canto na casa que eu consigo limpar né? Porque fica manchada a parede. Então tem coisas assim o banheiro, eu me lembro do banheiro me dá vontade de sair voando de dentro de casa. Então eu prefiro chegar só de noite em casa, sabe? Então o cachorro late, o barulho de carro na minha cabeça eu penso que toda a hora ele vai chegar. Carro... ele vai entrar pela porta, sabe? Então certas coisas assim eu não consigo entrar pela porta quebrada que ele arrombou. Se não abre a porta ele arromba, né? (Isabel)

Outras, apesar de todas as cenas de violência, conseguem construir uma imagem positiva do lugar onde viviam e desejam ficar por perto em função dos vizinhos e amigos que conquistaram, a fim de manterem suas referências.

O que eu tenho na minha cabeça é arruma um lugar aqui porque minhas amizade tá aqui. Lá fora eu só tenho a mãe e minha irmã. Só. Os tios tias já tão tudo mais pra longe, mais pra cá! Então o que eu queria era arruma um lugar aqui, morá com a minhas filha e trabalhá. Só! Pronto! Isso é bem fácil, né? É fácil de te isso (Iara).

A falta de emprego é um problema social presente em todas as regiões do País. Trazendo essa realidade para o cenário de mulheres com baixa renda e escolaridade, que buscam a independência financeira para livrarem-se de um convívio familiar violento, este quadro torna-se ainda mais caótico.

Uma maneira eficaz utilizada por homens agressores para manter a companheira ao seu lado é proibindo que ela estude e trabalhe fora.

Não ele não queria mas eu fazia pelos meus filhos, mas por ele eu não fazia (Conceição).

Eles alegam que o fato de a mulher querer trabalhar fora significa que ela tem ou está à procura de um outro companheiro, principalmente quando sai bem arrumada para o serviço.

Ele não queria que trabalhasse fora porque ele dizia que eu ia arrumar outro, que ia arrumar macho que nem eles dizem né? 'Não pra que que tu vai trabalhar fora se tu pode arrumar homem pra te comer, pra isso tem eu em casa...' (Conceição)

Quando eu peguei esses servicinho ele dizia ah, por que tu tem que ir arrumada? Eu disse, tem que ir arrumada porque é na frente duma NET, na frente duma RBS, eu não vou pra lá vender salgado toda maloqueira, com roupa rasgada pra depois os outro dizê ah, não vou compra...não vou nem vender, né? Não vou nem conseguir vender. 'Ah! Isso aí deve ser até já é algum macho que tu já arrumô'. Eu disse pra ele 'mas tu quer ir no meu serviço, eu fico na frente do serviço assim, eu fico ao público...na frente tem uma parada tem o fim da linha, tu pode te esconder ali e ver se eu tô com um macho. Tu vai ver mesmo um monte de homem comprando, mas nenhum me agarrando'. Aí ele até parou com isso, mas quando eu vou assim, quando eu demoro nos lugar, ele diz 'Onde é que tava? Tava caçando, tava dando?' Ele é o tipo de homem assim, ele trai e tem medo de ser traído, entendeu? Mas eu já disse pra ele que ele não precisa ter medo de mim porque sem eu fazê pra ele, ele já me chama de tudo quanto é coisa, o dia que eu tiver que fazer eu vou me separar dele e deu. (Minerva)

Quando a mulher insiste em trabalhar, seu companheiro faz de tudo para atrapalhá-la, desmotivá-la ou controlá-la de maneira doentia, desde a saída do serviço até o retorno ao lar e vive-e-versa.

Até aí, aconteceu isso, eu ganhei a 'bebê' e há uns mês e pouco atrás, eu até tinha arrumado um serviço, comecei a trabalhar, só que assim, eu ia, levava a 'bebê' junto só que a mulher já tava implicando demais porque eu já ia de tarde só, né? E

ai ele começou a incomodar, e chegava na hora de eu sair ele implicava, e aí eu já não podia mais sair, e já não tinha as coisas dentro de casa (Luísa)

Ele dizia 'é só eu pra trabalhar dentro dessa casa porque tu não dá jeito, porque isso, porque aquilo'.... Era muita cobrança em cima de mim, né? Aí resolvi arrumar um serviço. Arrumava os serviços daí ele me controlava, né? Me levava no serviço, me pegava no serviço, ligava pra saber se eu tava no serviço. Eu trabalhava com medo dele ir lá no meu serviço fazer fiasco ou então quando eu saia do serviço mesmo se ele não estivesse, eu tinha que sair de cabeça baixa porque ele podia estar em algum canto me cuidado... aí ele saia cedo para me cuidar, aí quando eu tava em casa parada ele me cobrava e chegava tarde, né? (Isabel)

Mesmo quando a mulher está trabalhando em casa o companheiro cria conflitos e tenta desestimulá-la. Observa-se, com essas falas, que o objetivo dos companheiros agressores era manter as mulheres sob o seu poder econômico.

Fiz um curso de qualificação, daí vendia pão pra fora. Daí ele, 'pra que que tu fica vendendo pão, eu tô trabalhando'. Olha na redondeza, mas aí foi uma semana, quinze dias, foi uns dois mês. Depois foi indo, foi escasseando. Depois negócio de pão mais barato no armazém. E cacetinho é uma coisa que come com qualquer mistura, o pão de casa já não é tanto. Vendia cuca, fazia salgadinho. É que daí eu não me esforcei. Ele começava a bota, ah, então deixa, tu tá trabalhando... então eu não preciso...é que eu não tava sentindo que ele dizendo isso era pra mim fica ali com ele. ... eu fazia assim, com o próprio dinheiro que eu tava ganhando dos pão eu comprava. No começo é o vai e volta, não tem lucro, mas alguma coisa sempre sai. É que lá ele me chamava, 'tu é muito exibida porque tu diz assim que tu faz isso'. Eu digo eu faço isso não é tanto só pelo dinheiro de ganha. Pra mim te uma utilidade, pra mim ser útil. Não, não, não! Ele disse que não. É pra mim vende o pão e fica em casa, quem quiser que vá lá busca. E eu fiz, eu tava assim (Iara).

Outro mecanismo utilizado pelo companheiro para manter as mulheres em casa é extraviando suas roupas para que ela fique realmente submissa a ele e não possa ir trabalhar.

Eu ah, quando eu tava, quando eu comecei a trabalhar, quando eu cheguei foi por isso que eu enlouqueci, daí eu fui mesmo. Quando eu cheguei não tinha uma peça de roupa dentro de casa, ele tinha atirado tudo na rua, tudo a minha roupa na rua (Luísa).

As mulheres também relataram que apesar de o companheiro deixá-las trabalhar, algumas não o faziam porque o salário recebido seria apenas para sustentá-lo.

Deixa. Mas eu não quero trabalhar pra sustentar ele entende? As vezes eu consigo dinheiro assim, eu compro coisas pra minhas filhas e faço lá na minha irmã. As vezes eu faço em casa, não é sempre (Elsa).

Os companheiros fazem de tudo para desvalorizar o trabalho das mulheres. Todas as suas conquistas são menosprezadas por eles fazendo com que a sua auto-estima fique abalada. No relato abaixo observa-se que as mulheres precisavam estar constantemente se afirmando perante as críticas do companheiro.

Porque tudo que eu consigo que entra eu boto dentro de casa pra comida e pra luz. Porque eu não quero que corte, que a luz tá no meu nome e eu nunca tive conta, eu nunca tive nada. Então a única coisa que eu tenho de referência no meu nome é a luz. E pra mim, ele bem assim, 'grande merda nome na luz!' Eu digo, 'Zé, eu nunca tive nada. Eu nunca tive conta, eu nunca tive um cartão que nem tem isso tem aquilo, eu nunca tive, eu não tenho nada'. 'Tu é pobre mesmo!' É porque eu fui criada pegando assim, juntando as migalha aos poquinho pra fazê alguma coisa. Eu disse pra ele, mas independente de mim tá ou não tá em programa, tanto eu vô lá na Sílvia quanto eu vô lá na outra Sílvia, nas duas. 'Mas tu não tem que ir em lugar nenhum'. Eu digo, 'tu não me manda nem me governa mais'. A vizinhança me incomoda... (Iara).

O trabalho como empregada doméstica ou faxineira é o que as mulheres da comunidade mais têm acesso e foi bastante verbalizado pelas informantes do estudo.

Ah, trabalhava sim. Trabalhava de faxina. Trabalhei também com uma senhora, d. Tereza, mas só que daí ela não quis mais porque perdeu o pai dela lá, uma coisa que deu lá, aí eu sei que eu tive que saí de lá. Faz tempo tempo que eu tô sem trabalhar. Agora eu tô só na faxina, assim. a faxina modo de dizer. Eu vô na casa da minha tia que ela amputô as perna. Eu limpo a casa pra ela lá, aí a filha dela me dá um troquinho, assim, mas é pouco (Anastácia).

O meu filho foi atropelado lá perto de casa, daí o casal que... não que atropelou, mas que socorreu ele, viram a vulnerabilidade que era a família, que nós, que eu tava passando, bom me ajudaram em tudo. E o guri ficou uma semana no Pronto Socorro, eles me ajudaram em tudo que foi preciso, ela me deu serviço na casa dela. No começo era uma vez por semana, depois duas vez. Depois assim oh, chegava numa... fim de ano e Janeiro daí eu trabalhava o mês todo. Tá e aí trabalhava já, trabalhava de noite e eu de dia dava perfeitamente, o serviço era só atravessa a rua e além disso eu não tinha despesa nenhuma com passagem, com roupa porque ela me dava. Daquela patroa que dá tudo. Só que ele começou a achar que não dava porque eu não tava em casa pra atender as crianças, mas não era as crianças, atender ele. Porque ele pede tudo na mão, tudo!... eu disse pra ela que eu tinha que sair pra cuidar da casa. E ela sabia que era por causa do marido. Aquela ali acompanhava tudinho porque eu contava pra ela. E agora eu não volto pra esse serviço porque ela se separo do marido (Iara)

Nessa comunidade as mulheres também estão sempre em busca de alguma bolsa de auxílio financeiro e muitas delas passam de entidade em entidade assistencial até conseguirem uma "ajuda".

E corre atrás! Não dá pra ficar esperando... Eu tava, eu recebia R\$150,00 numa bolsa auxílio, uns ano atrás. Pra que que eu vô junta latinha, pra que que eu vô junta papelão? (Iara)

Como eu te falei, não é pelo Família Cidadã¹⁵, sabe? Eu não sei bem se eu tô inscrita ou não, a assistente social não sei bem se ela me inscreveu. Mas desde o dia que eu procurei ela sabe, que eu contei toda a minha situação eu disse pra ela 'eu quero é trabalhar!' (Isabel)

Antes eu tava numa bolsa e daí ele não sabia que eu recebia. Daí falaram pra ele que eu recebia, daí ele ia num bar e comprava as coisas fiado, cachaça coisa assim sabe? Daí chegava na dia eu pagava.... eu tinha que pagar, né? Eles vinham cobrar e eu tinha que pagar. Daí ontem o homem do bar veio perguntou pra mim porque eu não compro mais fiado lá. Eu comprava leite, frauda, tudo, né? Daí ele perguntou porque eu não comprava mais fiado. Daí eu disse que eu não compro porque eu não tenho como pagar daí eu não vou comprar, né? (Elsa)

Principalmente para aquelas mulheres que conseguiram romper com o companheiro, a procura por um serviço torna-se ainda mais importante

Então eu fui conversando sabe? O que está me deixando mais frustrada, sabe? É que eu sei que não é de agora sabe? Mas é o serviço sabe? Eu tenho que arrumar um serviço. Chegou o meu registro eu quero fazer a minha identidade, eu quero fazer ficha nos lugares, eu quero trabalhar, sabe? Então a minha irmã disse 'Ai, dá um tempo, arruma os teus documentos, vai trabalhar, depois tu sai aos finais de semana, se for o caso a mãe vai pra lá fica com as crianças, a gente sai, tu tem que... tu precisa sair, tu tem que desvirtuar a tua cabeça', e eu digo 'Não! Por enquanto não, te acalma vamos dar um tempo, primeiro!... a prioridade é o meu serviço, sabe? Eu acho que o dia em que eu arrumar um serviço eu vou ser a mulher mais....mais importante do mundo, né? Mais... mais feliz! (Isabel)

... eu preciso de serviço. Ele disse assim, 'ah, teu pé não dá conta, eu digo, dá!' Pra mim arruma um serviço arruma! E vou arrumar se Deus quiser. Mesmo, ai ele, diz, 'aí tu não faz tratamento, tudo ele bota uma areia! 'Então tu não faz tratamento pro pé'. Eu digo, 'eu começo a trabalha e depois eu faço!' (Iara)

Uma das informantes relatou que em um momento de desespero ela aceitou o convite que lhe foi feito para trabalhar em uma casa noturna, considerando que já não havia mais nada

¹⁵ O 'Família Cidadã' é um programa de renda mínima desenvolvido em parceria entre o governo Estadual, Municipal e Organizações da Sociedade Civil, onde as famílias recebem auxílio financeiro e acompanhamento psicossocial. Atualmente o Programa se encontra suspenso para o cadastramentos de novas famílias.

para dar para as filhas dentro de casa. Essa decisão deu origem ao ato mais violento cometido contra ela por seu companheiro.

Aí teve um dia que me convidaram pra ir num, num lugar, né? Lá onde tem as mulher que dorme com homem mesmo, né? Uma boate. E aí eu fui, eu fui. Só que aí eu fui e comecei a deixar a minha pequena com uma mulher. Aí a mulher disse que não podia mais cuidar dela porque ela era muito pequenininha, muito novinha. Aí eu deixei com outra mulher.... Eu fui trabalhar lá porque já não tinha mais nada dentro de casa e ele só me incomodava. E aí eu peguei e fui. Aí neste dia que eu deixei com a outra mulher, a outra mulher pegou ela e levou pra ele, e aí ele descobriu. Aí, mas nisso ele já me espancava e já acontecia tudo que eu não queria mais. Eu acho que eu fazendo aquilo eu já tava tão destruída que já não dava mais. Daí ligaram pra lá e disseram né, oh, a tua filha tá com o teu marido, daí eu liguei. Daí eu liguei e ele disse pra mim, me chamou de tudo quanto era coisa por telefone e disse que não era pra mim nunca mais voltar, nunca mais voltar que se eu voltasse ele ia me matar dentro de casa (Luísa)

Ainda dentro deste contexto de busca pela independência financeira e tomada de controle sobre suas próprias vidas, observa-se a existência de algumas expectativas futuras. As histórias de vida das mulheres deste estudo mostrou que quando a mulher não está muito deprimida, ela consegue planejar o seu futuro.

Eu tô me remoçando, eu tô e vô consegui mais ainda. Vou, vou ficar bonita. Eu disse pra minha vizinha, ela bem assim, 'tu não pensa em saí e arruma um namorado?' Eu digo que, como é que não? Eu não tô despertando, esse meu lado ainda tá bem quietinho, eu quero arruma a minha casa! (Iara)

6 PEDIDO DE SOCORRO: A VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Nesse capítulo, ver-se-á como as mulheres, em situação de violência doméstica, tentam dar visibilidade social para o problema, por meio de um pedido de socorro. O capítulo está dividido em três subcapítulos: as marcas no corpo... visíveis ou não...; a procura pelos direitos civis na delegacia de polícia e a procura de ajuda nos serviços de saúde.

Ao contrário do que muitos pensam, a violência contra a mulher não é algo invisível na sociedade; na verdade ela é invisibilizada por todos aqueles que não sabem como agir diante dessa problemática.

As mulheres, em situação de violência doméstica, muitas vezes não falam de maneira explícita sobre o problema e isso não significa que elas estejam escondendo as agressões e, sim, que elas não estão conseguindo pedir ajuda por não saberem como, nem para quem se dirigir.

Na maioria dos casos elas costumam dar algumas pistas ou indícios de que estão sofrendo violência dentro do lar. O profissional de saúde que atende, rotineiramente, essa mulher precisa estar atento a todas as mensagens que ela está dando, não apenas verbalmente, mas através dos gestos, da maneira de vestir-se ou até mesmo no modo de olhar ou no tom de voz. O relato abaixo revela, pelo modo de vestir-se, uma maneira encontrada para denunciar a violência sofrida.

(...) Então ficou horrível e como tenho acompanhamento com a assistência de saúde elas foram lá em casa... eu acho que foi depois de uns dois dias, elas foram lá em casa e perguntaram como é que tavam as crianças, marcaram a consulta e tal. Ai sem querer eu tava de saia aí elas viram aquela mancha horrível aí eu fui obrigada a contar pra elas aí elas 'não a gente vai marcar uma ficha e daí tu vai ganhar uma pomada e tu tem que fazer umas compressas até desmanchar porque isso aí é um sangue que machucou por dentro' (Isabel).

Em relação à fala acima, acredita-se que enquanto preparava-se para romper com o silêncio em relação à agressão sofrida, a informante não desejava receber apenas uma pomada

para "aquela mancha horrível" e, sim, algum outro tipo de encaminhamento para uma situação que, segundo ela não foi nem investigada em relação à intensidade, quando iniciou, se foi a primeira vez, se ela gostaria de algum outro tipo de ajuda em relação ao problema, se desejava denunciar seu companheiro ou até mesmo, se estava correndo algum tipo de risco de vida, permanecendo naquele lar. Nada, apenas uma pomada...

Certamente quando se consegue visualizar algum hematoma ou ferimento no corpo de uma mulher é porque ela está realmente querendo que seja visível. É uma maneira sutil de pedir ajuda.

Geralmente as mulheres que não desejam revelar uma agressão sofrida pelo marido e procuram esconder o seu corpo, usando calças compridas, blusas que escondam o pescoço e os braços. Utilizam ainda óculos escuros ou seus próprios cabelos na intenção de ocultarem as marcas do corpo.

É difícil eu usar vestido, tô sempre de calça cumprida (Iara).

Para esconder a violência, elas ainda se fecham dentro de casa e não recebem ninguém, até sentirem-se seguras ou encorajadas a voltar ao convívio social costumeiro.

Eu não me mexo dentro de casa, eu não me mexo. Ele foi trabalhar... esse últimos dias que ele trabalhou aqui em Porto Alegre, eu não me mexia dentro de casa, não saía. Eu passei uma semana, depois que ele me espancou passei uma semana dentro de casa porque eu não tinha coragem de bota meu rosto na rua (Luísa).

Pedido de socorro às vizinhas

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas para serem compreendidas, as mulheres abrem a porta de suas casas e pedem ajuda para as vizinhas¹⁶.

Por tratar-se de uma comunidade extremamente carente, onde a maioria das casas são construídas com madeira ou materiais de sucata, localizando-se grudadas umas às outras, toda a vizinhança fica sabendo, quando uma mulher passa por situações de violência doméstica.

¹⁶ Uso o termo no feminino porque na grande maioria das são mulheres da comunidade que ajudam-nas em episódios graves de violência. Os homens geralmente não se envolvem em brigas familiares de vizinhos.

Existe um código de sigilo semelhante ao que acontece com algumas doenças, ou seja, todo mundo sabe do problema, mas ninguém comenta, até que o 'sujeito da questão' se manifeste.

Através dos relatos a seguir, observa-se que o relacionamento entre os vizinhos é baseado na solidariedade principalmente nos momentos mais difíceis. Existe uma interação, quase sempre positiva, entre as famílias, onde é possível observar um senso de comunidade¹⁷.

Os vizinhos sempre prestam os primeiros socorros e, na maioria das vezes essa é a única ajuda oferecida à mulher.

Sempre era uma vizinha, uma ou outra que me levavam porque a minha família mesmo eu tenho mas é a mesma coisa que não ter porque a minha família não me ajuda em nada. Me abandonaram que nem dizem né? É eu tenho assim é os meus vizinhos que são minha família (Conceição).

A minha vizinha... Ih! A minha vizinha geralmente era ela que apartava, né? O filho não apartava sabe? (Isabel)

Mesmo sem acreditar na separação do casal, depois de vários episódios de agressão, os vizinhos continuam por perto, apoiando, o que nem sempre ocorre com os familiares de uma mulher que passa por situações de violência.

(...) mas minha vizinhança é muito boa e todo mundo me apóia. Só que elas só dizem pra mim, 'duvido que tu vai tira ele de dentro de casa'. Olha, olha... (Iara).

Apesar de muitos companheiros tornarem-se ainda mais agressivos com a chegada de algum vizinho ou parente para tentar apartar a briga, esses, geralmente, mulheres amigas da família, aparecem para socorrer.

Quando mais alguém dizia 'não faz isso! Não bate nela!' ... Era pior (Conceição).

Por mais que eu implorasse, por mais que... tinha que vir alguém correndo tirar, era um caos pra tirar ele de cima de mim, né? Geralmente no cabelo... a pessoa tinha que ter muita força pra tirar ele de cima de mim (Isabel).

¹⁷ O Senso de Comunidade é um conceito introduzido por McMillan e Chavis (1986) que "caracteriza-se pelo relacionamento positivo com a comunidade, o qual pode atuar como um fator de proteção para as famílias. O sentimento de pertencimento à comunidade, o vínculo e a coesão entre as famílias, a presença de valores compartilhados e a cooperação mútua entre seus membros contribuem para o relacionamento positivo da comunidade" (CECCONELLO, 2003, p. 94).

(...) e aí quando ela viu assim ela pedia pra parar assim desesperada. Eu vi que ela gritava desesperada pedindo pra parar e eu pedindo pra parar também, e ele não parava - Chorando - (Luísa).

As vizinhas também se demonstram extremamente solidárias com as decisões de uma mulher em situação de violência. Conforme relatou Isabel, seus vizinhos permaneceram ao seu lado, dando apoio em um momento bastante decisivo para ela conseguir romper com seu agressor.

E os meus vizinhos se juntaram tudo e foram pra frente da minha casa me dar um apoio e aí os brigadianos pediram pra ele se retirar... pra ele se retirar porque ele estava alcoolizado e eu queria entrar com as crianças (Isabel).

No entanto, alguns vizinhos, além de não expressarem apoio, fazem comentários maldosos sobre a situação. De acordo com a informante Otília um acontecimento pessoal pode virar assunto para toda a "vila", causando ainda mais constrangimento para a mulher agredida.

(...) lá na vila todo mundo cata a vida de todo mundo né e depois ficam dando risada, falando é assunto pro mês inteiro (Otília).

Pedido de socorro à polícia

Além de pedirem ajuda para os vizinhos, algumas mulheres procuram outros recursos existentes na comunidade.

O pedido de ajuda junto à polícia é uma atitude de enfrentamento, geralmente realizada a partir de um momento de raiva por parte das mulheres e, segundo elas, feita impulsivamente.

A última vez que agi foi com raiva. Agi por impulso sabe? Primeiro eu tirei os meus filhos de dentro de casa deixei na minha vizinha. Fui até a minha mãe, busquei a minha mãe e como eu tinha dado queixa dele na delegacia, né? Eu trouxe dois brigadianos pra ver o que ele tinha bebido, tava bebendo, né? Ele tava dormindo mas ele tava com cheiro de bebida e ele ia levantar e quebrar tudo, fazer fiasco, né? (Isabel)

Algumas tentativas de pedido de socorro são realizadas inutilmente pelas mulheres, pois conforme relatou Otilia, o Serviço de Segurança Pública da cidade, realizado pela Brigada Militar, nem sempre realiza um pronto atendimento à mulheres em situação de violência doméstica no, âmbito privado.

Já liguei também pra polícia pro cento e noventa pra vê se eles vinham tirar ele de dentro de casa né, não vieram disseram que iam mandar uma viatura mas eles não mandam né, por telefone então se um cara matando a mulher a mulher morre e eles não vem atender né, então isto é uma coisa péssima (Otilia).

De acordo com Silva (1992, p. 67) "os agentes policiais têm uma percepção de que deveriam meter a colher, mas sua prática explicita a atitude de banalização diante da problemática".

Quando a polícia atende a um chamado trata o marido agressor como se fosse criança, dizendo coisas do tipo "- Não faça mais isso!", e viram as costas e vão embora... Impunes, os companheiros continuam agredindo ainda mais suas mulheres.

Agora que eu tô falando, mas aonde eu morava meus vizinho sabiam, viam, que eu tinha amizade que sabiam o que eu tava passando. Mas... Diziam pra mim 'chama os brigadiano!' Eu chamei várias vez! Chegava lá, 'ah, não sei o que! Não faz assim...' adiantava? Virava as costa ele fazia tudo de novo. Meus filho, 'mãe, vai embora!' Não vou! (Iara)

Em situações de desordens conjugais, nas quais a Instituição policial precisa intervir, "a preservação da ordem significa defender o ordenamento patriarcal, onde a sagrada família é um dos principais pilares". No entanto, ao longo da História a prática policial vem se aproximando-se mais das ações repressivas do que de ações de proteção de direitos e garantias individuais, conforme o previsto no seu código profissional (SILVA, 1992, p. 105).

Em casos mais graves de intervenção policial, dentro de casa, observa-se um despreparo e a ausência de imparcialidade frente à situação.

Chegou a polícia. E aí foi quando parou o carro da viatura, eu acho que ele ouviu o carro parando e foi fechar a porta, que a porta tava aberta e foi a hora que o brigadiano botou o pé na porta e empurrou. Um dos brigadianos quando me olhou se apavorou, se apavorou. O outro (policial) quando ouviu ele(marido) falar daí parece que tinha desabado tudo sabe? Aí ele começou a dizer porque 'ela é prostituta, porque ela foi pro cabaré, porque não sei o quê'. Assim, sabe?

Impulsivamente, sem parar, uma vez atrás da outra e aí eu acho que aquilo ali, sabe? 'E ela não tem dinheiro, ela não trouxe dinheiro'. E aí o brigadiano também começou a ofender, sabe, e aquilo tudo misturado junto, sabe? E eu já tava atacada dos nervo, tava desesperada, nem dos nervos não tava! Tava desesperada, não parava com a minhas perna em pé. E aí em vez dele, né, pega eu e então me levar pro Pronto Socorro, não, parece que ficou pior ainda (Luísa).

Em um momento intenso de discussão o policial passa a acreditar naquele que fala mais alto (no caso o marido agressor) revertendo o foco do atendimento prestado à mulher.

E o brigadiano que me atendeu me chamou até de vagabunda. Um deles. Um deles que me atendeu. Por que eu tinha ido? E eu tinha ido pra onde eu tinha ido e tinha deixado a minhas filha em casa. Mas ele não sabia o que tinha acontecido. Ele disse assim, 'se eu sou ele eu tinha feito também isso. Se eu sou ele eu tinha feito isso'. (...chorando) Aí, e aí ele começou a me xingar também junto e disse 'tu não, não, tu tem que ter o dinheiro, como é que tu vai e tu não tem o dinheiro?' Bem assim ele dizia (Luísa).

Com uma conduta inadequada, os policiais, embora não identificados visualmente pela, vítima em função da gravidade da agressão sofrida nos olhos, deixaram marcas profundas na história de vida dessa mulher. Luísa nos revelou que jamais esquecerá a voz desses dois homens.

Não sei o que eles foram fazer lá porque aí eles pegaram e me levaram, me levaram pro...Pronto Socorro. Aí um deles ainda foi bem, sabe, bem compreensivo. Não tocou no assunto de nada. O outro parecia assim que era um ignorante, um estúpido. A pior das pessoas comigo, sabe? Daí eu vi assim quando ele disse assim pro outro, porque eu não podia enxergar, se tu perguntar pra mim qual foi o brigadiano eu não sei te dizer, porque eu não enxergava, mal enxergava pra caminhar no chão pingando sangue assim, sabe? (...chorando) Daí eu só sei que um deles, agora por voz eu conheço, eu sei que um deles disse assim 'olha, deixa ela em paz, deixa ela em paz. Lá dentro do Pronto Socorro, sabe, ele disse assim deixa ela em paz.' Vai lá pro carro, 'fica lá, deixa ela em paz. Tá vendo como é que ela tá, deixa ela em paz'. Sabe um, o dia que eu ouvir a voz dele eu vou reconhecer. Agora o outro me tratou assim que nem se fosse uma cadela, pior ainda - Chorando- (Luísa).

No relato de Luísa observa-se que os policiais nem sequer registraram a ocorrência e muito menos levaram a vítima para a realização do exame de corpo de delito.

Concorda-se com a assistente social Marlise Silva (1992) quando ela traduz o não encaminhamento de uma mulher agredida fisicamente, para a realização de exame de lesão

corporal, como um comportamento ilegal de alguns policiais, deixando que o investigador tome tal providência, posteriormente.

Seguindo o raciocínio dessa autora, salienta-se que o desaparecimento de algumas lesões podem acontecer no período de 48 horas, tornando impossível a comprovação da agressão. Reforça-se ainda os agravantes relacionados às mulheres negras, considerando que em seus corpos é mais difícil visualizar hematomas devido à cor da pele.

Não, eles só disseram assim pra mim, e ainda naquela mesma noite eles me mostraram, os brigadianos me mostraram, um deles me mostrou assim, 'é lá, oh, é lá que tu tem que fazer o exame de lesão corporal, então daí é lá que tu tem que vir e fazer. Então amanhã tu vem e faz. E depois tu leva o teu papel lá pra delegacia da mulher' (Luísa).

E para finalizar o atendimento, os policiais simplesmente mandaram a vítima para casa onde o companheiro a aguardava. Sem registro de ocorrência e sem punição para o agressor, o casal voltou para a esfera doméstica depois de dar ampla visibilidade social para o problema, que muitos insistem em chamar de invisível.

No mesmo dia daí eles disseram assim 'ah, vai pra casa, isso não foi nada'. Esse brigadiano, o mesmo que me xingou, sabe? 'Não foi nada, tu já vai voltar com ele. Volta pra casa.' Aí os outros disseram assim 'oh, a gente falou com ele e ele não vai te fazer nada', sabe, e nisso eu tava indo, só que a minha intenção não era ir pra lá, eu já não enxergava dum lado, né, e a minha intenção era tentar caminhar pra ver se chegava até a Otto¹⁸. Imagina, eu sair dali do posto de polícia e ir até a Otto pra ver se chegava na minha mãe, aí ele no fim, no meio do caminho encontrei com ele, mas eu acho que os brigadiano decerto falaram com ele, né, que eu ia ir, voltar pra lá e eu acho que ele tava voltando pro posto de polícia pra me esperar. Aí eu tive que ir pra lá. Naquele dia não me bateu mais. Não porque quando eu tava indo pra lá eu acho que os brigadiano viram que ele vinha vindo e pegaram o carro e saíram e falaram pra ele, né, daí ele disse 'não, eu não vou fazer mais nada pra ela'. Mas eu só escutava as pessoas, eu não sabia quem é que tava falando, ninguém (Luísa).

Em decorrência do despreparo dos agentes institucionais responsáveis pela segurança pública, observa-se um descaso no atendimento prestado à população, em especial às mulheres.

¹⁸ A Otto que a informante se refere é a Avenida Otto Niemeyer localizada na zona Sul da cidade, no entanto bastante distante do local onde a mesma se encontrava com os policiais.

Outro fator relacionado com a segurança pública diz respeito à localização das moradias dessas mulheres. Nessa comunidade assim como em outras regiões periféricas existem micro-poderes que definem a ordem social local. Em um de seus estudos etnográficos realizados em uma comunidade de baixa renda, a antropóloga Claudia Fonseca mostra-nos como "o jogo de poder é regido por elementos diretamente ligados ao dia-a-dia do bairro" em uma mescla de violência simbólica, psíquica e econômica (FONSECA, 2000, p.184).

É muito arriscado, para as mulheres da comunidade, chamarem a polícia para dentro da vila pois "para as mulheres de classes sociais de baixa renda, a polícia é uma instituição associada à repressão e à força" e, o envolvimento com órgãos oficiais de controle social geralmente desencadeia receio entre os moradores (CARDOSO e HOMERO, 2002, p.106).

Pedido de socorro aos serviços de saúde

Quando envolvidas em agressões muito violentas as mulheres procuram ajuda médica. Para chegar até um serviço de saúde, as mulheres também contam com a ajuda de alguma vizinha, seja para acompanhá-las ao hospital, ou para tomar conta das crianças.

Eu só fui é no postinho (Vitória).

Eu ia no Postão... eu me medicava. Aí eu já ganhava o 'ibuprofeno', daí eu tomava 'ibuprofeno' que nem água, tomava 'voltarem'¹⁹. Eu ia no posto assim para machucados assim de sair sangue só na boca, sabe? ...Eu fui no Pronto Socorro uma vez que ele me empurrou contra o vidro da porta que tava trincado assim sabe esses vidros inteiros de janelas. Ele me deu em mim assim nos meus braços e socos, aí ele me empurrou com toda a força assim, aí estalou, trincou porque já tava começando a trincar, daí trincou e quebrou e com a força quebrou o meu pulso aqui assim... eu não sei se foi nesse braço? (Mostra a marca)... É foi aqui, exatamente! Aí bateu assim sabe? E aí ele abriu, sabe? Ele abriu e aqui assim ficou uns caroços porque entrou pra dentro. Aí eu não senti dor, não senti nada, quando eu vi já tava tudo machado de sangue... eu enrolei numa toalha aí eu chamei a minha vizinha e disse pra ela que ele tinha ido deitar e que era para ela entrar lá dentro pegar os guris devagarzinho e levar pra casa dela que eu ia no Pronto Socorro. Já era... já tinha ônibus... era de manhã cedo já (Isabel).

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2001), mulheres em situação de violência são frequentadoras assíduas dos serviços de saúde. Pelo relato de Otilia observa-se

¹⁹ Voltarem®: Diclofenaco de sódio. Antiinflamatório. Comprimidos e injetável (JBM, 1997)

que elas procuram ajuda médica, não apenas para elas, mas, também, para outros integrantes da família, em especial, para os filhos.

Procuo, bastante! Eu tô sempre em médico, sempre, sempre, sempre... eu tenho mania de médico. Ai é pra controle, revisão. Ver como as crianças tão. Eu não procuro levar no médico só quando se está doente, né? Que nem hoje, hoje eu vou consultar mas só para fazer uma revisão ginecológica, então é assim, mania de médico (Otilia).

Em contrapartida algumas mulheres relataram que não procuram ajuda médica pois sentem medo de descobrirem-se portadoras de alguma doença.

Ai eu não gosto, tenho medo de ir no médico. Tenho medo das doenças (Elza).

Mesmo ao procurarem ajuda médica, algumas ocultam a agressão sofrida, alegando motivos diversos para os seus ferimentos.

(...) Mas no outro dia eu tinha que tomar 'Voltarem' no Postão. Ia tomar Voltarem, mentia que eu carregava o guri no colo e eu me ataquei da coluna aí ele mexiam assim viam uns caroços, sabe? Porque endurecia sabe, eu não podia virar, não podia mexer parecia que o meu pescoço já ia cair. É uma sensação horrível, sabe? Eu tinha que andar assim sabe (a informante fica toda dura e não mexe o pescoço), até mexer os olhos parecia que o meu pescoço ia cair... a dor é insuportável! E desce assim pras costas mas é tipo... eu tenho uma sensação... eu nunca quebrei nada mas eu tinha uma sensação parece que tava quebrada (Isabel).

As eu vezes eu mentia que eu caía mas pra não ter que passar vergonha, né? (Vitória)

Nesse momento, entra em cena a sensibilidade e a disponibilidade do profissional que realiza o atendimento no sentido de perceber que o relato da mulher pode não estar coerente com os seus ferimentos, hematomas ou fraturas.

Apenas duas informantes referiram não lembrarem ou não terem procurado um serviço de saúde em função das agressões do companheiro.

Ah, não! Eu não me alembro, não me alembro mesmo (Anastácia).

Não! (Minerva.)

6.1 AS MARCAS DO CORPO... VISÍVEIS OU NÃO...

*Porque ficavam assim manchas no meu corpo, apesar de eu ser morena, né?
Então não aparece muito pra gente que é de cor né? Mas ficava aquelas
manchas horríveis assim nas pernas, né? (Isabel, 24 anos).*

As marcas presentes nos corpos de mulheres em situação de violência podem ser analisadas sob os mais diferentes aspectos uma vez que nos remetem à uma série de facetas relacionadas à construção social da feminilidade.

Quem já esteve diante de uma mulher agredida, física ou psicologicamente sabe do que se está falando. Depois dessas experiências, nunca mais foi possível atender uma mulher sem estar atenta à temática da violência de gênero.

A mulher que passa por situações de violência tem o corpo curvado. Seu rosto é marcado por olheiras profundas, o cabelo não é penteado e algumas vezes ajuda a esconder o rosto. Seu olhar é voltado para baixo e dificilmente olha nos olhos do interlocutor. Suas mãos estão sempre juntas, como se em constante prece, ou separadas por uma criança pequena sobre seu colo. Suas roupas são simples mas fundamentais para esconder, não raramente, os edemas e hematomas tatuados em seu corpo.

A feminilidade histórica e culturalmente construída dá espaço a um ser momentaneamente neutro, atônito, sem reação, sem presente ou futuro, apenas com a lembrança de um passado recente a lhe aterrorizar a mente.

Essa cena estática é interrompida com o acolhimento prestado à mulher nos diversos setores sociais destinados a atender tais casos, caracterizando-se por ser um momento especial em que a competência e comprometimento profissional podem fazer a diferença.

As marcas no corpo feminino falam de suas histórias de vida com uma singular subjetividade que, por vezes, refletem relações de poder, dentro da sociedade.

Os corpos podem ser marcados materialmente, socialmente ou historicamente, tanto pelo próprio indivíduo, quanto por outros sujeitos. Podem sofrer mudanças em relação a sua aparência, sinais e funcionamentos. Os corpos ainda podem ser negados, transformados, manipulados ou reafirmados (LOURO, 2002).

Ao colocar em evidência o corpo de uma mulher, vítima de violência doméstica, depara-se com corpos cheios de marcas explícitas e violações ocultas. É um corpo rejeitado socialmente por provocar medo, raiva e tristeza. Antes mesmo de a mulher dizer uma palavra, seu corpo já revela muito a seu respeito.

As falas das informantes deste estudo demonstraram que não eram poucas as marcas trazidas em seus corpos e não apenas físicas, pois atingiam a essência humana, de maneira profunda.

É cicatriz aqui, aqui, aqui, tudo! (Iara)

Dizem que o primeiro é mais... mas não eu já é diferente eu o meu primeiro casamento não tive queixas mas o segundo tenho totalmente, tenho muita marca, muita dor... (Conceição).

Durante seus relatos elas apontavam sinais, fazendo realmente questão de que suas chagas fossem visibilizadas.

Ele me deu uma paulada uma vez na cabeça é verdade Janice! Olha aqui pra ti vê. (Ela abaixa a cabeça e me mostra uma cicatriz) Com hematomas, olho roxo, boca pisada. Dedo! Olha o meu dedo, já tira uma base pelo meu dedo! As minhas costas aqui (vira-se de costas e levanta a blusa)... não tem umas manchas nas costas? (Vitória)

A preocupação maior era demonstrada em relação a agressões no rosto, pois ferimentos nessa área são mais difíceis de ocultar. Percebendo essa realidade como uma maneira de demonstrar poder, alguns homens agredem preferencialmente o rosto das companheiras, para garantir marcas visíveis.

No corpo acho que não. Não tem mais, ficou mais é no rosto.... É tá puro pus, se abrir é puro pus de sangue. Ai, e eu enxergo mesmo é só com esse lado (Luísa).

Ai olho roxo, vergão assim... (Elza)

No rosto... ele dava com a minha cabeça pelas paredes, eu tenho cabeça até quebrada! Eu tenho cabeça até quebrada! (Vitória)

Durante as entrevistas observava-se que as mulheres descreviam as marcas corporais deixadas pela violência do companheiro, apontando para as cicatrizes ou reproduzindo, em gestos, o modo como foram agredidas. Esta representação é uma re-vivência dos conflitos conjugais, narrados com uma emoção que causava angústia à pesquisadora. Ao mesmo tempo, expressavam um certo conformismo com a situação ao finalizar seu depoimento.

Ele me deixou me deixou os meus dois olhos roxos, me machucou meu nariz aqui assim -Aponta para a cicatriz- (Conceição).

É, ele me deu um soco. E também assim na minha cara também ele me dava com a mão na minha cara. Cansei de levar tapa na cara dele. Chute, empurrão. Mas é coisas da vida... (Minerva)

Além do rosto, outras partes do corpo eram gravemente atingidas pelos golpes dos companheiros.

Ah quando eu tava com o meu primeiro marido ele me dava em mim, me judiava, me aroxava os meus olhos, me deixou já com o meu dedo, que eu não tenho mais contato no dedo. Não dobro me dói. Aqui esse dedo foi ele que me quebrou... aqui não tem marca aqui? Pode olhar! Aqui...na boca, aqui assim (aponta para o rosto)... Ele me batia muito.... me chutava... me chutava que nem que nem uma bola, eu ganhava muito pau, eu apanhava muito. (Vitória)

Ele me deu uma surra de facão nas perna. Ele cortou minha perna que nem corta um salame. Fiquei com cinco seis talho assim cortado aparecendo o osso das perna. É difícil eu usar vestido, tô sempre de calça cumprida. Os dente eu perdi quase tudo também na porrada. Cicatriz eu tenho da cabeça aos pé. Uma vez ele me tirô uma laje na cabeça, foi doze ponto. (Iara).

Elas referiam ainda que eram agredidas nas costas, através de chutes, e nos seios, o que provocava além de muita dor, hematomas. As conseqüências provocadas em relação à especificidade e local atingidos podia ser evidenciada na fala das informantes.

Eu tenho um problema nas costas que ele me deu de tanto que ele me chutava (Conceição).

Ah, ele cansou de me deixar marca.... Quando ele me batia antes, antigamente, quando ele me batia eu já fiquei com marca dele já. Fiquei no seio, que o meu seio ficô roxo, né? (Minerva)

As agressões sofridas pelas mulheres eram, em todo o tempo, lembradas e sentidas por elas. Como se observa na fala de Vitória as condições climáticas favoreciam a percepção dos sintomas.

Quando o tempo tá pra chuva me dói. (Vitória)

É dói, teve uns tempos que eu não podia nem me esfregar agora graças a Deus parou aquela dor... tinha uns tempos que doía (Natália).

As mulheres relataram que seus companheiros sentiam prazer em deixá-las marcadas para que todos soubessem que era ele quem detinha o poder sobre a mulher e os filhos.

Acho que o prazer dele de me deixar marcada pra todo mundo vê. Ele fazia assim 'Ah eu sou homem'... Eu acho que o prazer era de me deixar marcada porque ele me dava mas enquanto ele não me deixava marcada ele não sossegava (Conceição).

Muitas vezes, as marcas mais evidentes eram as lembranças que permaneciam doendo, por muito tempo, após a agressão.

Então o que ficou assim é que eu só me lembro da dor, de cuspir sangue... (Isabel).

Em função de não haver uma lei especificamente relacionada à temática da violência contra a mulher, que puna de maneira efetiva os agressores, os casos de agressão física, quando denunciados pela mulher dão origem a um termo circunstanciado, enquadrado no artigo 129 do Código Penal Brasileiro (BRASIL, 1999a)²⁰, referente ao crime de lesão corporal.

Nessas situações a mulher é submetida ao exame de corpo de delito realizado no Instituto Médico Legal (IML) para a obtenção de um laudo médico, que fará parte do inquérito policial, em que o agressor é "punido" de acordo com a gravidade do caso,

²⁰ Existem outros códigos penais que tratam da violência sexual e psicológica. Ex.: Art.213. - Estupro; Art. 214. - Atentado violento ao pudor; Art. 139 e 140 - Que tratam dos crimes contra a honra.

classificada em: lesão de baixo potencial, lesão de grave potencial, lesão gravíssima ou lesão resultante em morte.

Em relação ao exame de corpo de delito, surge outra preocupação relacionada às questões étnico/raciais uma vez que, oito das informantes deste estudo pertenciam ao grupo étnico negro e em seus relatos diziam timidamente que, muitas vezes, as marcas em seus corpos não são tão evidentes pois ficam maquiadas pela pigmentação da pele.

Porque os momentos de violência eu acho que foram tão grave, sabe pra mim que eu não consigo assim... eu tenho até medo de pensar, de me lembrar...Então eu penso assim e só me lembro das dores, sabe? Dores muito fortes. Com envelopes de "calma dor" que eu tomava de dois em dois, né? Porque ficavam assim manchas no meu corpo, apesar de eu ser morena, né? Então não aparece muito pra gente que é de cor né? Mas ficava aquelas manchas horríveis assim nas pernas, né? (Isabel).

6.1.1 Cuidando dos ferimentos em casa

Conforme foi relatado, a vergonha causada pelos ferimento faz com que a mulher se esconda dentro de casa e só retorne ao convívio social quando as marcas "visíveis" no corpo desaparecem. Além disso, os agressores impedem a aproximação daqueles que desejam ajudar a vítima, procurando realmente isolar a mulher para que ela não possa de maneira alguma tentar reagir ou fugir.

Então eu cansava de não sair pra rua! Agora eu levanto a minha cabeça e saio pra rua porque eu não tenho mais marca no meu rosto. O meus olhos não estão mais roxos como ele cansava de deixar e agora eu tenho um pouco de sossego. Antes eu não tinha (Conceição).

Assim, os cuidados necessários aos ferimentos provocados pela agressão, muitas, vezes não são devidamente prestados. Na maioria dos casos, estas mulheres tendem a cuidar de seus ferimentos em casa, com uso de água e sabão, pomadas, compressas ou emplastos.

Foi quando ele fez só dum lado, só que aí ele não deixou eu sair de dentro de casa. Ele não, não deixa, dessa vez eu saí por causa dos brigadianos. Ele não deixa eu sair de dentro de casa e procura não deixar ninguém ficar perto de mim. Se vem alguém pra ir lá ele já, 'não precisa, deixa que eu cuido dela, não precisa'. - chora -...Assim ele faz (Luísa).

Aqui nada, aqui nada. Só passando água e sabão, lavando. Por isso que fico isso aqui. Ih, uma vez quase tiro meu olho pra fora com soco (Iara).

É as graves assim que me lembro, o resto tudo em casa... ah compressa, pomada... eu mesma fazia os meus curativos... Aí eu esperava tudo calmar aí eu pegava e fazia uma salmoura de água morna e botava compressa assim? (Isabel)

(...) só botei a pomada na cabeça e aquela erva, sabe? Aquela erva do café, aquela? Pó de café? Se bota, fechou. Bá ele me deu uma paulada na minha cabeça... abriu a minha cabeça! (Vitória).

Tais procedimentos podem agravar ainda mais a lesão, mas elas utilizam-se dos recursos disponíveis ao seu alcance para amenizar o sofrimento.

6.2 A PROCURA PELOS DIREITOS CIVIS NA DELEGACIA DE POLÍCIA

Eu ia, dava queixa daí chegava na hora a gente, daí ele me ameaçava e depois ele também fazia de tudo pra voltar pra casa... como é que eu vou seguir em frente dando parte dele com a pessoa dentro da minha casa? (Minerva)

"Crimes contra a pessoa" e "crimes contra a honra" são os principais delitos penais praticados contra a mulher. Entre estes crimes inclui-se o homicídio (artigo 121), a lesão corporal (artigo 129), estupro (artigo 213), o atentado violento ao pudor (artigo 214) a posse sexual mediante fraude (artigo 215), a sedução (artigo 217), o rapto (artigo 219), a corrupção de menores (artigo 218)²¹. Além desses incluem-se os crimes relacionados a abusos psicológicos ou moral como ameaça, calúnia, injúria e difamação (SILVA, 1992).

Embora nenhuma das informantes deste estudo fossem mulheres menores de idade, muitas delas começaram seu envolvimento afetivo com os companheiros agressores ainda durante a adolescência, por isso considera-se relevante supor a possibilidade de atos de corrupção e sedução das mesmas por seus parceiros.

Apesar de publicações, envolvendo a temática da violência contra a mulher, afirmarem que é baixo o número de mulheres que denunciam seus companheiros

²¹ Artigos referentes ao Código Penal Brasileiro (BRASIL, 1999a).

(GAILEWITCH, 2001; PERES, 1996), neste estudo, mais da metade das informantes revelaram já terem registrado ocorrência policial em relação às agressões do companheiro. No entanto, chegar até a delegacia não é nada fácil, podendo essa ação levar muito tempo, até mesmo, anos para acontecer.

Eu fui no postinho. Ali disseram pra mim, 'vai na delegacia da mulher, vai da queixa, não pode fica assim'. Eu fiquei com medo, daí eu não fui. Deixa ver faz... doze anos (Iara).

Olha tem bastante denúncia do coitado. Bastante... (Anastácia).

Já fui várias vezes dar queixa... mas não lembram da minha cara (Otilia).

Aí eu registrava queixa, eu ameaçava pra ele sair de dentro casa e ele não saía (Isabel).

(...) daí muito eu dei parte dele na delegacia de mulher ali... só os papeis eu já botei fora (Natália).

De fato as mulheres de classes sociais mais baixas, tendem a denunciar seus agressores e, as das classes médias, ao contrário tendem a evitar ao máximo esse tipo de exposição, possuindo mais recursos para ocultar o problema (CARNEIRO, 2003).

Qual o significado da denúncia do companheiro? Para muitas mulheres significa romper com um silêncio, geralmente de muitos anos; entretanto, esse ato não gera resultados imediatos, nem eficazes para a situação, favorecendo, na maioria das vezes, a permanência da mulher com o algoz.

Nesse meio tempo sempre com agressão, registrando, registrei fatos, mas isso aí de dois anos pra cá que eu registrei. E é assim que ta indo as coisa....Já denunciei em 2001, 2002, 2003. E mais ou menos nos mesmos meses, três anos, esses três anos. Não aconteceu nada! Tem que esperá pela delegacia. A delegacia que vai intimá ele (Iara).

Pela denúncia realizada pela mulher na delegacia, a conspiração do silêncio é quebrada, fazendo com que a imagem da instituição familiar torne-se pública. A importância da denúncia está justamente aí, uma vez que "a conspiração do silêncio dá suporte à opressão e é cúmplice da violência", sendo a fala feminina um instrumento importante de transformação da realidade (SILVA, 1992, p. 79).

A demora burocrática do setor judiciário quanto ao encaminhamento de processos de agressão e, conseqüente resolução dos casos, facilita a manutenção do ciclo da violência. Ao romper com o silêncio a mulher deseja que, no mínimo, o companheiro seja afastado de casa, mas isso não ocorre - ela tem que voltar ao convívio do agressor.

É, isso que eu pensei quando eu denunciei agora dia treze eu pensei, agora que ele vai, mas não fizeram nada. A minha vizinha faz um ano que denunciou o marido dela e não fizeram nada! Daí ela foi lá. Mas ela foi lá sabe por quê? Pra retirar a queixa....Porque eles tinham brigado e ele chamou ela de um monte de coisa e ela foi lá e disse que ele tava difamando, dizendo umas coisa dela (Iara).

(...) eu peguei também e fui na delegacia até hoje não chamaram a gente sabe? Daí eu deixei assim (Natália).

Ao registrarem queixa as vítimas demonstravam preocupação em ocultar o documento referente ao boletim de ocorrência pois seus companheiros costumavam revistá-las ao retornarem à casa e rasgar tal documento.

Mas assim registrar e esconder o papel porque era eu chegar em casa e ele me revistava, me cheirava e o que tivesse de papel ele não fazia nada assim na hora, ele olhava, rasgava e botava fora, só (Isabel).

O exame de corpo de delito é uma etapa importante no processo de denúncia do companheiro, no entanto algumas mulheres não o fazem por medo.

Dei duas só. Cheguei da delegacia das mulher, mas daí chegava na hora de fazer a lesões eu não fazia. Uhu, me davam o papel pra mim ir fazer e eu não fazia. Não fazia de medo porque a gente dele são tudo vingativa, sabe? Eu não fazia de medo. Ficava com medo porque elas muito me ameaçaram, 'ah, porque essa vagabunda, se ela der parte dele vai se ver comigo, não sei o quê!... e elas chapada elas fazem mesmo. Então eu tenho medo, eu tinha medo (Minerva).

Outras, no entanto, relataram terem realizado tal exame em número de vezes menor do que o número de queixas registradas. Observa-se que a realização do exame de corpo de delito torna o processo mais efetivo, substanciado em provas registradas e referenciadas por profissional reconhecido; por isso, muitas vezes, elas só registram a ocorrência mas não fazem o exame pois temem represálias aos companheiros e a elas próprias.

Corpo delito eu fiz uma vez só... mas queixa dele eu registrei bastante. Devo ter registrado umas cinco vezes já. Fiz corpo delito, uma vez cheguei a fazer corpo delito porque me disseram 'R. junta tudo, um dia tu cria coragem e vai na vara de família que tu consegue tirar ele com um oficial de justiça de dentro de casa' (Isabel).

Na delegacia da mulher. Daí eles mandam eu ir no IML fazê... corpo delito... Já fiz, já fiz... o dele tá lá guardado (Iara).

Uma vez eu fui até na lesão corporal que eu me lembro... ele bateu com, me deu com um copo na minha cabeça. Então, eu me lembro sim, ele me deu sim com um, uma, uma vez com uma tábua de carne, outra vez foi com um copo, o copo quebro mas não cortou minha cabeça (Anastácia).

A continuidade do processo de denúncia depende da autorização da mulher. Após registrar a ocorrência e realizar o exame de corpo de delito, a mulher é reencaminhada ao seu domicílio com a orientação de que deve aguardar, em casa, o chamamento para a continuidade da ação. Esse documento de intimação expedido pelo 2º Juizado Especial Criminal, demora em média três meses para chegar até a mulher que, a partir do recebimento, tem dez dias para comparecer no cartório do Foro Central para marcar audiência de reconciliação, devendo estar munida de nome endereço e de, no máximo, três testemunhas do fato. Esse é o momento que a mulher tem para dizer se deseja ou não dar continuidade ao processo contra o marido; do contrário, o mesmo é arquivado e encerrado.

Não raramente, em função da confusa localização de moradia dessas mulheres, as correspondências são recebidas com atraso, o que, por vezes, inviabiliza a continuidade dos processos, somado-se ainda a alternância de estágios do ciclo de violência em que a mulher se encontra. Em seus relatos elas nos falaram da dificuldade de seguir em frente, lutando contra uma pessoa que era pai de seus filhos, morara sob o mesmo teto e ajudava no sustento da casa.

Eu ia, dava queixa daí chegava na hora a gente, daí ele me ameaçava e depois ele também fazia de tudo pra voltar pra casa, daí ele voltava, daí ficava assim uma coisa assim, como é que eu vou seguir em frente dando parte dele com a pessoa dentro da minha casa? Aí ficava mais feio pra mim, né? (Minerva)

Algumas mulheres não conseguem ir adiante em suas denúncias pois são ameaçadas pelos companheiros e, muitas vezes, obrigadas a retirar a queixa ou até a mentir para inocentar o companheiro.

E depois quando me chamaram na delegacia de novo pra mim pega os papel, ele me obrigou, quando o juiz chamou, porque isso aqui foi tentativa de homicídio. O juiz chamou, ele me obrigou a mentir pro juiz. Que não foi por gosto, que ele nem viu. Que ele tava arrependido do que tinha acontecido. Eu falei! Mas depois na seqüência, eu fui na delegacia, falei com a delegada. Ela disse que é perjúrio é crime! Mas depende o perjúrio. Porque eu menti sob coação. E ele me prometia, e ele me promete sempre. 'Que se eu cai em cana tu vai se', daí ele diz um baita palavrão se acontece alguma coisa com ele. É isso aí (Iara).

As características da atual construção social feminina faz com que a mulher sinta-se culpada e queira justificar a situação em que se encontra. Na maioria dos casos, as mulheres são responsabilizadas pelo crime do qual foram vítimas, não encontrando, na sociedade, um respaldo para levar adiante suas queixas, sendo a pressão do agressor o principal motivo para acomodarem-se novamente no convívio violento (SILVA, 1992).

O acolhimento social nas instâncias policiais pode contribuir positiva ou negativamente para o fortalecimento da decisão tomada. Apenas uma, das seis mulheres que registraram ocorrência, relatou ter sido bem atendida na delegacia.

Eu fui bem. Bem tratada. Ah, as moça atenderam eu bem lá, né? Perguntaram os negócio pra mim e eu fui respondendo e aí elas mandavam um papel, né, às vez, intimação, né? Mas fui bem tratada... Ah, adiantou muito, muito! Ah, o juiz chamava a gente lá no caso, né? Aí o juiz tava sempre me ajudando no caso também. Mas é que agora não adianta, pra mim não tá adiantando nada porque agora ele não paga mais pensão no caso, né? Tá muito doente, não atina mais trabalhar mesmo (Vitória).

Para a maioria das mulheres entrevistadas ser bem atendida significava não ter que esperar muito tempo pelo atendimento. A possibilidade de verbalizar detalhadamente sua situação, com a certeza de que tudo será registrado, era considerado pelas mulheres como espaço de bom atendimento.

Acho que ali na delegacia das mulheres eu cansei de ver é ligeirinho. Audiência de homem que bate em mulher é ligeirinho. As minhas muito foi ligeiro... é ligeirinho,

elas batem tudo... elas perguntam como é que foi... a gente tem que contar bem, sabe? Eu já fui ali umas três vezes (Natália).

Nem todas as mulheres conseguem ter acesso à Delegacia da Mulher, uma vez que só existe uma, criada em 1988, para atender a toda a Cidade (PORTO, 2003). Mesmo as que dependem de uma única condução para chegar até a delegacia, muitas vezes, não conseguem, por falta de recursos financeiros.

E como a delegacia de mulheres é lá no Palácio da Polícia aí geralmente tu não tem passagem, ou não dá tempo de tu ir lá e deixar os teus filhos com alguém, tu acaba tendo que ir ali no Prado, ali naquela delegacia e ali é só homens e tu vai ali reclamar de um homem, né? Tu sabe como é home com homem! Então tu sente um certo... assim... pouco caso, sabe, pra registrar uma queixa. É difícil os que dizem 'mas como é que foi que aconteceu realmente foi assim?' Sabe? E conversam contigo... meia dúzia das palavras que tu diz ele vão escrever ali, sabe? (Isabel)

As mulheres que conseguem chegar até à Delegacia da Mulher são melhor atendidas, em relação àquelas que não conseguem sair do bairro para registrar ocorrência e a fazem na 20ª Delegacia de Polícia, localizada no próprio bairro.

Por tratar-se de um espaço eminentemente masculino e autoritário, a instituição policial "que abriga práticas legitimadas de repressão e machismo", apresenta, ainda, uma construção de identidade profissional do agente, marcada pela idéia de poder da polícia (SILVA, 1992, p. 109), poder esse constantemente ostentado sobre todos os cidadãos.

Nas delegacias não especializadas para esses casos de ocorrência, as mulheres são atendidas com desrespeito e geralmente suas queixas não são encaradas com seriedade.

Na delegacia então! 'Ah! Ai, a tiazinha...! eles já me conheciam de tempo em que eu batalhava na rua. 'Ah, tiazinha, machucou o pé? O gigolô agora vai ficar guardado...! mexendo... que que eu vô dizê? Mas só, só bagacerice, só... eu dizia pra eles, 'é, vocês mexe assim porque não é a mãe de vocês!' Mas até que, só isso aí (Iara).

O poder masculino é evidente no atendimento dos policiais da delegacia da Região. As mulheres sentem-se humilhadas e desamparadas ao terem que verbalizar suas queixas para

os homens da delegacia, que não conseguem compreender seus sofrimentos e suas aflições. A fala das mulheres é banalizada nesse ambiente masculino.

Ai muito pro lado dos homens. Bá eu ficava impressionada quando eu chegava lá e eu diziam 'olha meu marido chegou alcoolizado, pegou os meus filhos e sumiu'. E eles 'Ai mas isso tu tem que ir na delegacia de mulher, isso aí...' E eu dizia 'mas eu só quero registrar uma queixa, eu quero ter o comprovante que eu vim realmente no mesmo dia registrei!' Eu dizia pra eles né? 'Ah mas pai é pai, né? E nem deu 48 horas ainda!' . Sabe? Eles nem sentavam pra registrar! E quando eu ia lá dizer que o meu marido me agrediu, né? Me chamou disso, me chamou daquilo, me deu um soco, me deu um pontapé, me deu vários chutes na canela, me deu soco no braço, daí eles olhavam pro meu rosto escrevia meia dúzia de palavras, sabe? E continuava conversando com o amigo e eu aflita, nervosa, roendo as unhas e eles nem aí... Eu me sinto muito humilhada, sabe? (Isabel).

O desrespeito da Instituição policial com as mulheres que procuram ajuda assume várias facetas, podendo aparecer em condutas machistas explícitas, banalização do relato das mulheres, falta de encaminhamentos, comentários irônicos e humilhantes. O relato de Otília demonstra esse desrespeito moral:

Mas eu queria falar né desse negócio de policia...porque eles dão em cima né! Sempre dá uma cantadinha, leve mas dá, eu queria coloca isso né... eu não sei assim...porque eu sou pequenina magrinha e o cara perguntou se eu era virgem, 'não, não sou virgem eu tenho filho já'. Mas ele me tratou super bem, com respeito aí deixou telefone pra eu ligar pra ele tudo, pediu meu telefone né, eu dei, dei o telefone até porque eu tava com muita raiva, eu queria me vingar... Mas depois não tive coragem de fazer... Com certeza não é só comigo não, eu tenho uma amiga que ela vai lá, às vezes pra sair com eles né. Até a última vez que ela foi, foi pra porque a irmã dela tinha sumido, então tinha que dar queixa mais aí já aproveitou pra sair né, então eles são assim eles dão em cima sendo casada ou não eles se provalecem um pouco da situação. Às vezes são uns velhos! (Otília)

Otília nos disse ainda, que se a mulher for 'bem arrumada' até a delegacia e souber se expressar adequadamente, ela será bem atendida pelos policiais; do contrário, ela nem é atendida. A invisibilidade dessas ações (marcadas pelo autoritarismo e abuso de poder) favorecem a impunidade dos agentes policiais.

É mas também tratam agente assim na palma da mão, muito bem, claro indo bem arrumada né, falando direitinho e tudo que também vai uma chechelenta lá eles vão até bota correr porque eles são assim eles não são nem um pouco compreensivo, né (Otília).

Precisa-se considerar, ainda, em relação ao atendimento prestado por agentes policiais, a dificuldade que os mesmos têm de compreender a dinâmica desse tipo de violência, por estarem inseridos na mesma estrutura cultural das relações de gênero e pela complexidade desse problema que apresenta características distintas das demais situações de violência, para as quais foram treinados como policiais (BANDEIRA, 2003). Daí a necessidade urgente de cursos de capacitação e treinamentos para a atuação em casos de violência contra a mulher.

O medo sempre é o principal motivo para elas continuarem vivendo com os agressores e principalmente, permanecerem caladas, sem registrar ocorrência das agressões. Isso acontece pois elas não têm nenhuma garantia de segurança após a denúncia do companheiro.

Eu tinha medo de dizer que ele tinha me agredido e pensa que eles podiam ir lá em casa pega ele, ou dize alguma coisa pra ele e ele fazê pior pra mim. O meu medo era não de fazerem alguma coisa pra ele, mas dele se revoltar mais contra mim... eu queria só saber se ele tá, como é que é, pra qualquer coisa pode ser preso. Eu tô achando que ele tá (Iara).

As mulheres que nunca denunciaram seus companheiros relataram medo das conseqüências de uma denúncia, uma vez que seus companheiros as ameaçam continuamente, para mantê-las caladas.

eu nunca procurei esse negócio das mulheres aquela coisa... porque eu tinha medo porque ele sempre me ameaçou que se eu procurasse a raiva dele ia aumentar e aí ele não pensar mais em mim ele procurar os meus filhos e aí então eu me aquetei, fiquei quieta mas quando eu soube que ele foi preso foi um alívio pra mim. mas eu nunca denunciei porque eu sempre tive medo porque no caso eu ia apanhar dobrado (Conceição).

No período de coleta das histórias de vida junto às informantes deste estudo, estava sendo transmitida, pela rede Globo de Televisão, uma novela chamada 'Mulheres Apaixonadas' que, entre outros problemas sociais, deu visibilidade à problemática da violência contra a mulher. Entretanto, pensa-se que o tema não foi muito adequadamente

abordado pelo autor, pois caracterizou o agressor como uma pessoa com sérios problemas psiquiátricos, dando a entender que a grande maioria dos agressores assim se apresentam, enquanto, na prática, não se observa essa realidade.

De qualquer maneira este trabalho não tem como objetivo a análise dessa tele-novela e, que aqui é citada porque uma das informantes comparou-se com a personagem Raquel, vivida pela atriz Helena Ranaldi, ao relatar seus medos em relação a não denúncia do agressor.

Então é a mesma coisa que nem aconteceu na minha vida eu tive medo de denunciar, no caso eu tive medo de falar com as pessoas para ele não ficar com mais raiva e não vir dar em mim dobrado. É que nem na novela, eu vivi aquilo. Tudo que ela tá vivendo vivi (Conceição).

As mulheres também informam não denunciar seus companheiros por questões relacionadas à religiosidade. Elas colocam a solução fora de si, acreditando que somente Deus poderá castigá-los devidamente e que o tempo se encarrega de colocar as coisas no lugar.

eu nunca dei parte porque eu acho que tem Deus no céu. O que as pessoas fazem pra gente mais tarde elas podem pagar né? Agora ele tá lá na cadeia, sabia? Agora ele tá na cadeia (Vitória).

Sabedoras de que o fato de denunciar o companheiro, ao invés de trazer segurança, gera mais violência, as mulheres em seus relatos desabafaram seus medos em relação à possibilidade de ir até a delegacia.

ela me deu um papel para eu ir na delegacia dar parte dele, eu fui até a delegacia mas daí me arrependi... de repente se eu dô parte dele e não pegam ele e ele me pega e aí? Daí eu fiquei com medo e não fui, entendeu? Não, não cheguei a ir, eu fiquei com medo, entendeu? (Vitória)

Eu não sei se eu não tive coragem, eu acho que eu tinha medo de denunciar ele e depois pra onde que eu ia? Né? E se ele sai de lá e eu não tenho pra onde ir. E aí? Como é que eu fico? Né? (Luísa)

6.3 A PROCURA DE AJUDA NOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Considera-se este tema um dos mais importantes do estudo pois diz respeito à maneira como os profissionais da Área da Saúde encaram a problemática da violência contra a mulher, a partir de sua própria percepção.

Ao dar voz às mulheres em situação de violência doméstica, elas relatam seus sentimentos com relação ao atendimento recebido nos serviços de saúde e expressam a maneira como gostariam de ser acolhidas pelos profissionais.

6.3.1 O atendimento recebido...

Inicia-se pelo lado bom dessa grande história de vida social que envolve todos nós: homens e mulheres, crianças, adolescentes e idosos, profissionais da Área da Saúde e os profissionais de todas as Áreas; educadores, governadores, políticos, poetas, cineastas, romancistas, filósofos, enfim, toda a sociedade.

Algumas mulheres sempre iniciavam seus relatos dizendo que não tinham queixas em relação ao atendimento que receberam nos serviços de saúde onde buscaram ajuda, talvez devido ao fato de estarem diante de uma profissional da saúde.

Ah, lá dentro eu fui bem atendida. Elas ainda disseram assim pra mim: 'tu é tão bonita, tu é nova, por que tu não larga ele? Larga ele, vai embora, vai procurar, vai fazer a tua vida.' Sabe ela foi bem, elas, todas elas, tanto até o doutor que foi ver o meu nariz, até ele foi bem atencioso comigo, sabe, não tenho queixa. Deles não tenho (Luísa).

Fui bem atendida né, até nem lembro direito porque eu tava meio tonta assim né, do álcool né, mas fui bem atendida. Não teve (Otilia).

O bom atendimento relaciona-se com a agilidade e rapidez, principalmente quando chegam com agressões no rosto, pois as mulheres não gostam de esperar na frente de outros pacientes. Muitas vezes, a percepção de um bom atendimento relaciona-se às outras idas da

mulher ao serviço de saúde, uma vez que nem todas procuram ajuda para si mesmas e sim para os filhos.

Bem rápido. Ah! Ali onde eu vou eu sou bem atendida. Eu só levo as minhas filhas eu é difícil de ir no médico. Eu tirei o nenê e não fui no médico... Ai eu não gosto, tenho medo de ir no médico (Elza).

Ah! Bem ligeirinho...na emergência do postão! (Natália)

O bom acolhimento às mulheres foi muito breve, só aparecendo realmente nas quatro falas citadas acima. Aos poucos elas transformaram o bom atendimento inicial em algo não acolhedor e por vezes desumano.

Aí eu... me atendiam bem no hospital eu não posso falar nada.... tem umas cavala mas se eu deixasse me levar por elas eu não era atendida! (Vitória)

Observa-se a falta de sensibilidade na acolhida dessas mulheres nos serviços de saúde, dos quais sabe-se que elas são usuárias assíduas; no entanto, a impaciência aumenta a cada nova queixa da mulher.

Uma das primeiras reações dos profissionais, observadas através da fala das mulheres é de querer livrar-se rapidamente da paciente agredida pelo companheiro, pois ela traz junto aos seus ferimentos um problema de Saúde Pública muito maior, diante do qual muitos profissionais sentem-se impotentes para atuar.

Me levaram pro Postão mas é coisa assim que eles diziam 'ah é coisa familiar, né? briga de casal a gente não pode...só atende a coisa mais críticas, mais grave'. Mas era assim machucados eles limpavam faziam um curativo e me mandavam pra casa. Era isso que eles me diziam (Conceição).

Ah! Tocavam os pés em ti! 'Tu sempre vem quebrada, isso aqui não é Pronto Socorro, tu tem que procurar uma causa de emergência ali no Postão'. Daí tu ficava ali até ele te atender. Aqui nesse postinho da FEBEM era um, ali naquele ali pertinho do CM, não sei se tu já viu ali? Bá ali são umas mulheres bem cavalas agora que tão ali. Bá elas te metem a boca em ti quando elas não tão no dia delas elas até ri da tua cara aquelas mulher ali. São umas pessoas muito rebelde com a vida (Vitória).

As mulheres chegam ao serviço de saúde mas não tem coragem de contar a verdade sobre a origem dos ferimentos. Geralmente, inventam histórias, muitas vezes sem cabimento, para omitirem a agressão do companheiro.

Eu tinha medo! Eu tinha medo de dizer que ele tinha me agredido... Briga, me machuquei. É porque a gente morava num lugar que se alguém dava ou atirasse pedra, atirasse alguma coisa, podia machucar ali que não sabiam quem que era. Essas desculpa que eu dava. Sempre assim. quando eu procurava o recurso, mas senão às vezes eu me curava em casa. É, e fui no Pronto Socorro, fiz curativo, mas eu não disse o que que era. Quando eu não digo pra ninguém o que era e eles me tratam diferente (Iara).

Ah! Eles me atendiam, perguntavam o que que era, o que que aconteceu, e eu tinha vergonha de dizer que eu levei pau, né? Que tu sabe, né? Daí eles perguntavam se eu caí, daí eu dizia 'não eu caí!'. As eu vezes eu mentia que eu caia mas pra não ter que passar vergonha, né? (Vitória)

O pior de tudo é que muito profissionais aceitam as desculpas inventadas pela mulher para explicar o motivo da procura ao serviço de saúde. Muitos profissionais ignoram ou não relacionam os transtornos de saúde com o fato de que o indivíduo pode estar vivendo em um clima contínuo de medo e violência (FERREIRA, 1995).

Alguns profissionais nem questionam a origem dos ferimentos. Acredito que até imaginam, mas como não sabem o que fazer com o problema que irá surgir junto à história do ferimento, eles preferem nem perguntar. Fazem o curativo e mandam a mulher embora.

Não, eles não me perguntaram, eu não falei também, né? (Anastácia)

Certamente existem longas histórias por trás de cada ferimento apresentado por essas mulheres. Alguns profissionais tentam investigar um pouco mais sobre a origem dos ferimentos de uma mulher, que chega de madrugada, à procura de ajuda. Observa-se também algumas falhas na abordagem à paciente e, quando se pensa que o caso está sendo bem conduzido, o profissional desiste da paciente. Se ficamos frustrados imagine qual o grau de frustração da mulher que teve a coragem de ir até o Pronto Socorro pedir ajuda, sem muito encontrar.

Aí eu tive que inventar uma história.... porque não sei se ela era assistente social, não sei, só sei que ela começou a me fazer umas perguntas, sabe? E eu não sabia o que dizer... eu tava com vergonha, tava com medo, tava toda dolorida. Aí eu falei que eu tinha ido dar comida pro cachorro e eu resbalei e cai em cima de uns vidros e machucou o meu braço. Aí ela perguntou 'Mas dando comida pro cachorro cinco, seis horas da manhã?'. Sabe? Daí ele começou a perguntar pra mim do lado das enfermeiras e aí disse 'É!' Daí ela olhou pra mim e disse 'Foi alguma briga dentro de casa?' Eu acho que ele tava percebendo sabe, que a minha roupa tava rasgada, assim sabe? A minha camiseta, sabe quando puxam e sai toda a gola? Eu não tinha condições de trocar sabe porque tava saindo muito sangue na parte que tava cortada. E aí eu levei ponto e no fim ela desistiu sabe, mas eu queria... na verdade eu queria sentar e conversar com ela eu queria dizer 'eu não quero voltar pra casa, eu só quero pegar os meus filhos e sair, sabe? Pra outro lugar, eu queria ficar em outro lugar, eu queria respirar, eu queria me deitar pra passar a dor no meu corpo, porque eu sabia que eu tinha que voltar pra casa, eu tinha que arrumar a casa, fazer o almoço porque ele ia levantar, né? Ressacado e ia almoçar, e ficar em cima da cama vendo televisão porque tava frio né? Era inverninho! Eu não queria voltar pra casa, eu queria descansar eu já tava amanhecida, né? Porque todas as vezes que ele ia pra rua eu amanhecia acordada.... eu amanhecia acordada porque eu tinha medo dele voltar e eu tá dormindo daí ele ia me mexer, me machucar dormindo eu não ia ver nada, sabe? Eu tinha aquele pânico. Então eu ia até tarde fumando com a minha vizinha. Quando eu ficava atacada até fumar eu fumava! Aí ficava conversando com ela um pouco, depois ela ia dormir, eu entrava pra dentro e eu ficava naquele pânico (Isabel).

Em relação ao relato de Isabel é possível realizar a análise de várias passagens.

Primeiro, a questão da privacidade. Quando se abordam questões relacionadas à violência contra a mulher precisa-se atentar para a privacidade dessa paciente. Esse tipo de abordagem não deve ser feito no corredor da emergência e nem mesmo diante de outros profissionais. A falta de ambiente acolhedor, para falar de um problema tão delicado, faz com a mulher sintasse constrangida, impedindo a relação de empatia e confiabilidade.

Em segundo lugar observa-se a falta de paciência do profissional ao desistir de questionar. Será que em um serviço de emergência não se tem muito tempo para ficar investindo no diálogo com uma mulher que chega confusa e, ainda por cima, quase no final do plantão? Pensa-se que a paciência, nessas situações, demonstra muito da competência e comprometimento do profissional em relação ao serviço de desempenha.

Precisa-se, ao mesmo tempo respeitar o momento de cada mulher para a revelação da situação de violência e colocarmo-nos a disposição para que ela fale ou solicite ajuda quando achar melhor.

Certamente se o profissional que atendeu Isabel tivesse mantida aberta a 'porta do diálogo', mais tarde ela se voltaria para ele e conseguiria falar. Ela mesma disse que "... na verdade eu queria sentar e conversar com ela eu queria dizer 'eu não quero voltar pra casa'".

Um terceiro aspecto a ser considerado no relato dessa informante refere-se à fragilidade física e emocional com que essas mulheres chegam até o serviço de saúde. Esse cansaço crônico e desgaste físico/emocional muitas vezes, não é percebido pelos profissionais. Quando essa informante diz "...eu queria ficar em outro lugar, eu queria respirar, eu queria me deitar pra passar a dor no meu corpo", demonstra que não está suportando o próprio contexto de vida. Ela está dizendo que precisa de ajuda para transformar sua realidade. Acredita-se que a dor no corpo não se refere apenas às dores físicas, mas à angústia emocional.

Por fim, ao voltar para casa, esta mulher depara-se com a dura rotina, na qual o companheiro a aguarda, como se nada tivesse acontecido. E, ela que já não havia dormido à noite inteira terá que continuar acordada, dando conta dos afazeres domésticos, enquanto o marido assiste à televisão.

Enquanto uma mulher vítima de violência doméstica for atendida de maneira superficial ou seja, tratada apenas por seus ferimentos físicos, ela voltará para casa assim:

nem sei como eu voltei pra casa aquele dia sabe? Me doía muito a minha cabeça e eu já tive assim de ele me apertar muito na minha garganta assim de eu nem conseguir falar, sabe? Me sufocar! (Isabel)

As falas das informantes deste estudo ganham força quando somadas a achados científicos que nos mostram que no maior serviço de emergência da cidade, "o usuário, vítima de violência, não é acolhido, porque o atendimento é voltado ao trauma e não inclui o 'olhar' a violência" (LEAL, 2003, p.28).

Para falar sobre as agressões que sofrem, as mulheres dizem que necessitam sentir confiança em relação ao profissional que as está atendendo.

Às vezes a gente olha para a cara de uma pessoa e pensa com essa pessoa eu posso falar, posso me abrir e às vezes a gente olha pra cara de outra e não sai nem vomitando, né? Depende muito disso também, pelo menos comigo é assim. (Otília)

Alguns profissionais, mesmo sem saber como encaminhar os casos de violência doméstica, propõem-se a escutá-las e aconselhá-las. Dessa maneira, observou-se que as mulheres escolhiam o horário e o profissional com quem tinham mais afinidade, para serem atendidas.

As vezes quando tinha uma enfermeira muito boa que conversava comigo daí eu falava com ela a verdade, aí ela me mandava ir dar parte na delegacia das mulheres mas eu nunca fui. (Vitória).

Olha depende do lugar e também do horário, porque no caso no posto de saúde onde eu costumo ir, eu me dou melhor com as enfermeiras da tarde. As da manhã são tudo chata, antipáticas né? Não só comigo assim, com outras pessoas, então o pessoal se dá mais, se dá melhor com o pessoal da tarde né. Mas os postos de saúde em geral o atendimento tá muito bom né (Otília).

Outros, no entanto, banalizam e até riem de suas queixas, fazendo com que a mulher não se sinta a vontade para continuar falando da agressão sofrida.

(...) quando eu machuquei o braço, né? Eles perguntaram o que que houve e daí eu disse 'não foi frescura com o meu namorado', e aí eles até riram assim... mas eu não me senti à vontade de falar com eles... não me senti à vontade... até porque eu disse que foi frescura e o médico viu que o meu braço tava machucado e tudo e ele só me receitou uma injeção pra dor... tá bati raio X e tudo do braço, mas aí quando eu disse pra ele que tinha sido frescura, que tinha sido arreganho, ele disse 'é frescura mesmo', ele disse assim pra mim né? Então eu não gostei, isso foi no pronto socorro (Otília).

Existem ainda aqueles profissionais que passam as informações incompletas, fazendo com que a mulher saia do serviço de saúde sem entender direito o quê, e nem o porquê de o profissional ter lhe dado tal informação.

... individual assim... o atendimento assim lá onde eu moro, ele perguntou, né, se lá quando eu morava ali ainda, né, ele perguntou se eu não tinha nenhum atendimento assim. Assim, né? Assim como aqui no caso. Eu diz que não. Daí ele disse que eu, ele tinha mandado eu procurá um atendimento que eu tinha que tê várias, assim volte e meia eu tinha que ter entrevista assim, uma coisa assim sabe? Pra sair o que tá trancado pra fora que ele falou. Bem assim. Não sei porque que ele falou isso, por que será? (Anastácia).

Algumas mulheres conseguem criar vínculos importantes com alguns profissionais, e isso é muito relevante pois se percebe o seu real desejo de transformação da realidade, respeitando o seus limites de tempo e espaço. Elas expressam o reconhecimento da qualidade do atendimento e o carinho com que são acolhidas.

Quem sempre me deu uma força foi a assistente social lá da ACM²² que ela é super! E ela não tem psicologia, ela tá fazendo, mas bah! Aquela ali sabe tudo, acho que de uma, de assistente social ela eu acho que é parapsicóloga porque as coisas mais ou menos que acontece comigo, chego falo, ela já sabe. Ela já sabe como eu tô me sentindo. Acho que a pessoa, porque estuda bastante, lê bastante, me ajuda. E assim que eu tô indo agora (Iara).

Ainda em relação ao atendimento recebido nos serviço de saúde, consta-se que, muitas vezes, o tratamento medicamentoso é utilizados para aliviar a dor das mulheres mas em geral para que cessem as queixas constantes nos serviços de saúde, conseqüentes, de violências doméstica.

Porque muitas vezes o médico dizia 'olha eu vou te dar essa Voltarem mas não vai adiantar muito, eu acho que tu tinha que...' Ih! Quantas vezes eu já botei aquela coleira ficava uma semana, duas. Ai eu ficava vinte e quatro horas aí quando eu sentia que o pescoço tinha parado aquela dor horrível sabe? Um dor que dava a impressão que tu quer segurar, sabe? (Isabel)

Para algumas mulheres que comparecem diversas vezes ao serviço de saúde, é oferecido o medicamento, sem nunca serem questionadas sobre o porquê de tantas dores no seu corpo, que, às vezes, se manifestavam nas pernas, na coluna ou no pescoço.

Aí foi essa vez que eu levei ponto... é essa vez que eu levei ponto.... e depois... outra vez... foi no postinho da corrente... não sei se foi duas vezes no Pronto Socorro e uma no Postão... é o resto foi tudo no Postão assim, Voltarem , o joelho machucado com uma paulada que eu levei aqui na perna, daí eles botaram tala porque inchou né? Eles botaram tala e durou uma semana e eu tirei, não agüentei ficar com aquela coisa caminhando e aí eu tirei... inchou, eu não podia nem botar a perna no chão.... (...) Ai o médico 'Porque que tu não faz um tratamento, não fica em observação hoje...' No Postão , né? 'Fica em observação, toma na veia...' Porque a dor era muita... eu já fugi uma vez do Postão porque eu tinha os guris pequenos e eu sabia que ele tava bêbado, eu não podia deixar. E eu fugia vinha pra casa não fazia, não tomava, só tomava o remédio pra dor (Isabel).

²² ACM - Associação Cristã a de Moços - local onde são desenvolvidas atividades sociais à comunidade.

Os ferimentos dessas mulheres transformam-se no único foco da atenção dos profissionais. Eles se preocupam em dar orientações somente em relação à cicatrização dos cortes ou desaparecimento dos hematomas.

Me mandaram pra sala 6, da sala 6 me mandaram pro buco e de lá foi que me mandaram pra ver os meus olhos, né, porque eu não, esse aqui eu não enxergo direito.(...) a doutora disse que eu ia ficar bem, que quando desinchasse ia ficar tudo bem, mas eu só enxergo vulto, só enxergo vulto... tá, puro pus, se abrir é puro pus de sangue. Aí, e eu enxergo mesmo é só com esse lado.(...)E nisso veio um outro médico. Eu esperei um pouco, né, ele veio ver o meu nariz porque eles acharam que tinha quebrado, aí eles vieram ver o meu nariz. Tiraram raio-x (Luísa).

A informante Iara procurou o Pronto Socorro em decorrência de um tiro de revólver, dado em seu pé, por seu marido. Ter saído do hospital, sem nenhum encaminhamento, somente com uma faixa no pé após ter levado um tiro do companheiro, torna explícita a banalização da violência de gênero.

Ele incha, porque ele tá inflamado! Eu fui no Pronto Socorro, eles só passaram um soro ali e deu. Só passaram álcool e botaram... aquele... Aquela faixa. Só! (Iara)

Para Luísa, a equipe de profissionais que lhe prestou atendimento no Pronto Socorro, deu a seguinte orientação:

... disseram assim 'oh, no outro dia tu pega e vai lá fazer um exame de lesão corporal e depois tu vai lá na Delegacia da Mulher.' Mas como é que eu ia fazer exame de lesão corporal no outro dia se eu mal enxergava naquele dia já que nem tava tão inchado, né? No outro dia ia tá pior. Eu não tinha, no outro dia eu não enxergava com nenhum dos olho, entrava dentro da minha casa eu não sabia nem quem era. Eu tinha que tá perguntando pras pessoas quem era, porque eu não sabia quem é que tava dentro da minha casa, né? A minha sorte que a ex-mulher dele, ela foi lá ver as gurias, ver essa aqui porque eu não tinha condições de mudar, eu não tinha condições de fazer nada. Eu não caminhava, eu fui caminhar eu dei com a cara na parede. Quer dizer que não tinha condições. (...) É no mesmo dia daí eles disseram assim 'ah, vai pra casa, isso não foi nada' (Luísa).

Uma recente publicação sobre o olhar das trabalhadoras de Enfermagem frente à violência doméstica, aponta que a inexistência de uma política de atendimento definida e institucionalizada para o encaminhamento desses casos, gera nos profissionais sentimentos de impotência e conflito por não terem meios para intervir (LEAL, 2003).

Mesmo as mulheres que raramente buscam ajuda nos serviços de saúde, ou outros serviços públicos, para as situações de violência, falaram da discriminação com que as mulheres são tratadas.

Comigo não porque eu quase nem procurei isso, mas agora, pela televisão, por jornal revista, elas são muito discriminada, são muito discriminada porque acham que a mulher pode reagir, que o que acontecer dentro duma casa tem que ficar dentro duma casa. Não! É por isso que tem, tá sendo, várias, tem mulher sendo morta por isso. Por que que tem pais que estupram os filhos, pais estupram os filhos e ela tem que ficar quieta? Não tem que fica quieta. Que Deus ajude e me defenda, mas assim oh, a hora que eu vê que tá olhando pras perna da minha filha, já é um motivo (Iara).

Essas informantes relatam ainda de suas experiências quando iam acompanhar outras mulheres (amigas, vizinhas) nos serviços de emergência. Na fala de Isabel pode-se perceber os mecanismos de pressão e controle utilizados pelos agressores ao acompanharem as mulheres até o serviço de saúde.

Um profissional desatento pode não perceber que um marido super protetor pode estar querendo impedir a mulher de falar sobre o que realmente a trouxe até o serviço.

(...) porque muitas vezes eu já vi, já fui com amigas também, corri com amigas... que o marido ficava no carro, então elas tinham medo de falar, ou marido tava lá na rua esperando e elas tinham medo de falar e alguém ira até eles e conversar com eles. Tem mulheres que querem primeiro ter uma segurança pra poder se separar, sabe? Tipo 'olha eu vou me separa dele mas quem é que vai dar o pão e o leite pro meus filhos?' Então primeiro elas querem ter aquela segurança pra depois se separar, entendeu? Então elas não querem que primeiro fale pra ele isso e aquilo e aquilo outro e acabe ela chegando em casa e ele dando nela de novo, né? (Isabel)

Conforme as informantes do estudo, as mulheres desejam ter segurança para romper com o ciclo de violência; porém, isso envolve uma série de decisões que precisam ser cautelosamente tomadas pelas mulheres, com a ajuda de uma rede de proteção e apoio.

Infelizmente alguns profissionais deixam-se seduzir pelos argumentos trazidos pelos companheiros das mulheres. Veja-se o exemplo de Anastácia, que foi internada como louca, pelo companheiro, em um hospital psiquiátrico.

Eles acharam que eu tinha problema, eles acharam que eu era uma viciada, mas no fundo no fundo não era eu no caso... eu nem sabia, quando o meu marido esse tava conversando lá com a moça, que ele era muito arregado nos hospital todo, né? Principalmente no Porto Alegre, que eles lá até às vezes eles ajudavam nas falta dele no serviço. Aí no caso, aí quando ele tava conversando com elas eu não tava junto, eu tava num... Eu tava noutra sala, entendeu? Só que eu tava num... tava trancada assim, eles não deixaram eu sair pra rua. Me chavearam num lugar, eu não podia sair pra rua de lá daquele lugar no caso, então quer dizer que eu não sei o que ele falou. Claro ele botou algum podre dele ele botou ali em mim, não sei porque que ele fez isso daí. Acho que ele queria que eu já saísse de casa há tempo já, que é porque ele queria ficá com a guria essa antes, foi por isso. (Anastácia)

Esse acontecimento deixou sérias conseqüências na vida dessa mulher, principalmente em relação a sua auto-estima. Por um longo tempo de sua vida ela foi rotulada por essa internação, até mesmo por outros profissionais da Rede de Saúde.

Olha, mas, isso aí eu não falei! Uma vez que eu fui no postão, consultá, não sei eu acho que o doutor fez isso aí pra as... o dr. R., porque o dr. R. viu que não tinha problema de louco, ou não né? Sei que até pouco tempo eu tinha um bilhete dele guardado, mas só que eu peguei, eu não sei ler mas eu pedi pra outras pessoa lê daí, diz que o dr. disse assim, 'Cuidado que ela tem problema menta'... eu me alembro que a enfermeira foi me atender, a enfermeira ficou meia com medo de mim, sabe? Eu acho que é por causa disso daí, né, do outro me botá eu como louca sendo que não sou louca... Toda espantada! Aí eu fiquei me rindo da cara dela daí, né? Ela ficô espantadona! Me atendeu bem, meu amor pra lá, meu amor pra cá, querida! Eu acho que ela ficô com medo eu acho, sei lá (Anastácia).

6.3.2 O atendimento desejado...

Quando as mulheres buscam ajuda médica, elas esperam mais do que a medicalização e o curativo, pois procuram um acolhimento que resulte em encaminhamentos para o seu problema, caracterizado pela ausência de saúde, no seu mais amplo sentido. Na fala de Vitória percebe-se um ar de insatisfação em relação ao atendimento recebido, tanto que ela nem retornou para dar continuidade ao tratamento.

Daí eles me atendiam, faziam curativo em mim. Aí esse dedo era para eu retornar, voltar lá pra quebrar pra colocar no lugar... eu não retornei. Deixei assim. (Vitória)

As falas das mulheres desse estudo revelaram um universo de desejos ao refletirem sobre a maneira como gostariam de ser atendidas nos serviços de saúde. Em seus relatos fica

claro a necessidade urgente de uma escuta diferenciada para as situações de violência doméstica.

Em seus relatos, elas nos falaram de um acolhimento solidário, do respeito, do contato olho no olho, da privacidade e, principalmente, da empatia.

A atenção é uma das atitudes mais cobrada pelas mulheres em relação ao atendimento prestado nos serviços de saúde.

Eu acho que com mais atenção sabe? Não assim com estupidez, porque tem alguns lugares que é com estupidez 'ah não é aqui, vai em outro lugar'. Porque ali no Postão, no posto três é assim. A gente chega ali até mesmo com criança.... mas a gente machucada 'há não é aqui é no pronto socorro' ou 'não tem atendimento aqui'. Então eu acho que isso tinha que mudar! Eles tinham que ver caso por caso e tinham que atender ali. Dá os primeiros socorros e depois ir pros outros lugares, mas isso eles não fazem...eu acho que tinha que mudar a gente tinha que ser bem atendida como a gente tá sendo atendida agora no caso contigo, sabe? Bem ouvida, eu acho que tinha que ser assim. (Conceição)

Mas eu gostaria de ter sido atendida assim, com sei lá com mais carinho, mais atenção... se ela tivesse conversado um pouquinho mais comigo eu acho que conseguiria falar, sabe? Eu ia conseguir falar...(Isabel)

As mulheres informam que gostariam que existisse nos serviços de saúde alguém capacitado especialmente para ouvi-las, alguém que estimulasse o diálogo e estivesse atento para as questões da violência de gênero.

Pra ti vê! Por que será que nesses lugar que, até no, quando eu me machuquei! Que eu fui no Pronto Socorro, não tem uma pessoa ali esperta. Chama de canto, aquela conversa assim de madrinha, conta pra mim o que que foi. Que nem fazem pra criança, é isso aí que tá precisando. Agora eu me lembrei que tu perguntou do atendimento. Precisando de uma pessoa que fique ali de canto, só analisando os outros. Porque a pessoa não quer contar, quando vê a pessoa tá contando tudo! Quem sabe é isso que tá precisando.(Iara)

As mulheres desejam ser mais questionadas. Desejam um profissional de Saúde que pergunte mais, que investigue melhor a sua vida. Observou-se em suas falas uma grande necessidade de diálogo, de escuta efetiva.

Não! Eu acho que tinha que ter mais... elas tinham que perguntar mais, entendeu? Chegar, realmente ter alguém pra chegar e perguntar o porque, sabe? O que que aconteceu? Se foi realmente aquilo, ou ter uma sala pra ti conversar, sabe? Perguntar, poder responder 'não foi assim, assim, assim'...(Isabel)

Elas desejam ser compreendidas pelo profissional que lhes está atendendo. Essa compreensão envolve a percepção de que elas chegam até o serviço nervosas, ansiosas, muitas vezes sentindo-se culpadas, com vergonha, cansadas e muito deprimidas.

Pois é... eu acho que em princípio a pessoa tem que ser bastante compreensiva né? Deixar a gente calma. Porque a gente vai nervosa num lugar desses e aí encontra ali um profissional estressado também, estúpido... daí não tem condições de ajudar, né? Eu acho que a princípio eles tem que ser compreensíveis, calmos e acolhedores mesmo né? Isso que é difícil... (Otilia)

Elas desejam ser bem acolhidas pois isso fortalece suas decisões em relação ao rompimento com o companheiro agressor, e, quando não encontram um suporte profissional para desabafar suas angústias e medos, sentem-se desamparadas.

Porque a gente tem medo, vamos supor se eu fosse num postinho, eles não iam me dar ouvido. Então a gente fica com medo, porque a gente fica com mais raiva e aí a gente pega e não reage. Agora se a gente fosse num lugar que desse atenção, desse ouvido, escutasse eu acho que muita gente ia reagir. Muita gente ia contar seus problemas pras pessoas. Eu acho que aí mudaria, resolveria muita coisa... eu penso assim. (Conceição)

... entrei num desespero assim que bá! A assistente social não tava na Quinta-feira na ACM. Então? Conversar com quem? Não tinha. As, daí, Quinta e Sexta ela não ia. Daí Quinta, Sexta, Sábado e Domingo. Só em casa (Iara).

Outro fator relacionado ao atendimento desejado pelas mulheres em situação de violência doméstica é o encaminhamento, no próprio serviço de saúde, para outros da Rede de apoio e atendimento à mulher vítima de violência doméstica.

Olha, eu gostaria que tivesse sido feito que nem fazem ocorrência pra esses marginal quando chegam num hospital ou numa delegacia. Eles têm respeito. Eles são respeitado. Por quê? Porque a lei tá a favor deles. Agora mulher não (Iara).

A necessidade de um serviço que possa ser acionado diante a suspeita de violência doméstica já é percebida por alguns profissionais. Essa atitude de denúncia, frente ao problema, afirma a posição do profissional de saúde como representante do Poder Público

assim como demonstra seu perfil de cidadão sensibilizado pela problemática da violência de gênero (LEAL, 2003).

Eu queria ter sido encaminhada naquela hora, né, pelo menos, nem que fosse pra assistente social de lá, né, mas eu acho que porque, como eu tinha ido com a polícia, eu acho que eles pensaram que eles já iam me levar pra algum lugar, né? (...) Mas eu acho que se lá no hospital eles tivessem me mandado pra uma assistente social, pra uma coisa de lá, né, e lá já tivessem me encaminhado pra alguma, algum lugar, sei lá, eu acho que agora eu não taria assim. Acho que seria bem melhor (Luísa).

Conforme foi referido anteriormente, a violência contra a mulher como um problema de Saúde Pública deve ser encarada com seriedade e competência pelos profissionais da área da saúde. A falta de informações sobre a rede de atendimento e apoio compromete a qualidade do serviço prestado pelos profissionais às mulheres. Sem saber o como agir diante de situações de violência doméstica os profissionais acabam por não oferecer um atendimento adequado às mulheres que chegam com muitas limitações até os serviços de saúde.

7 A ENTREVISTA NARRATIVA COMO ATIVIDADE TERAPÊUTICA

Relatar a sua história de vida é uma oportunidade que a própria informante tem para se escutar. Ao ouvir-se falando sobre a sua vida, ela consegue refletir sobre seus atos e a tomada de decisões frente aos problemas que norteiam o seu contexto existencial.

Pelo seu importante papel na conformação de fenômenos sociais, o estudo de narrativas vem conquistando um importante espaço na arte de desenvolver pesquisas (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002).

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 90) "a narrativa como uma forma discursiva, narrativas como história, e narrativas como histórias de vida e histórias sociais, foram abordados por teóricos culturais e literários, lingüistas, filósofos da história, psicólogos e antropólogos", classificando-se, dessa maneira, como algo mais amplo do que um simples método de investigação.

Em 1920 foi introduzida no meio acadêmico, pela escola de Chicago, a utilização da história de vida como abordagem metodológica e, desde então, este método vem evoluindo continuamente (SPINDOLA e SANTOS, 2003).

No caso da violência de gênero, as mulheres queixam-se que são muito pouco ouvidas e não raramente, sentem-se culpadas pelas mazelas de suas vidas. Elas relatam que os "outros" (vizinhos, amigos, parentes e conhecidos) contam por elas suas histórias sem saber a verdadeira versão dos fatos. Nesse caminho distorcidos pelos "outros" elas geralmente, consideram-se julgadas injustamente.

Acho que me sinto bem melhor. Porque quando, o dia que eu voltei, antes de acontecer isso, antes dele me espancar, que eu voltei, todo mundo me condenou. Até de vagabunda eu fui chamada. Porque eu tinha, pra eles, no caso eu acho que pras pessoas na volta, eu tinha abandonado meus filhos pra ir pro cabaré, né, mas eles não sabiam o que tinha acontecido. Até um vizinha pegou, eu tava estendendo a roupa, antes de sair, daí ela pegou e disse assim 'eu nunca esperava que tu fizesse isso, abandonar teus filhos. Eu disse assim mas eu não abandonei meus filhos, tu sabe o que aconteceu?' Daí ela disse assim, 'não, mas pelo que falam foi que tu deixou teus filho aí e foi embora.' Ela disse assim 'não, isso é sacanagem, né

abandonar teus filhos. *Eu disse assim eu não abandonei meus filhos! Vai procurar lá vê se tem uma roupa pra mim botar ou se, vai procurar lá dentro, vai saber o que aconteceu realmente lá dentro. Eu me admiro tu tá falando isso porque, né, mora aqui do lado da minha casa, sabe o que acontece aqui dentro.*' (Luísa)

Para as pessoas da vizinhança, as mulheres que passam por situação de violência estão geralmente erradas, e portanto, merecedoras dos maus-tratos do companheiro. Essas mulheres raramente têm a oportunidade de contarem a sua versão dos fatos e por isso sentem-se ainda mais fragilizadas e solitárias.

As pessoas na volta, elas julgam as coisas sem saber o que tá acontecendo realmente. Então sempre a errada, eu acho que é por isso que muita gente não fala o que acontece, porque sempre a errada é a gente, né? E sempre acaba a gente sendo a errada (Luísa)

Ouvir o que as informantes consideram importante sobre suas vidas caracterizou-se por um momento singular de troca entre elas e a pesquisadora, já que ao relatarmos um fato, estamos simultaneamente tendo a oportunidade de refletirmos sobre o mesmo. Através dessa abordagem o pesquisador deve acreditar no que o informante diz, respeitando suas opiniões (SPINDOLA e SANTOS, 2003).

Conforme Jovchelovitch e Bauer (2002, p 91) contar histórias

"é uma forma elementar de comunicação humana e, independente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal".

Ao final das narrações, perguntou-se à cada uma das informantes sobre como elas se sentiram sendo entrevistadas. Por tratar-se de um tema tenso, pesado e, principalmente, pelo fato de que algumas se emocionaram bastante durante as entrevistas, sempre se ficava com a impressão de que não estava sendo uma boa experiência, para elas, reviver seus dramas através da memória e do som de suas vozes. No entanto, a cada nova entrevista percebeu-se como este espaço de coleta de informações era um momento de troca efetiva, com benefícios para ambas as partes envolvidas.

Todas relataram como positiva sua vivência como entrevistadas e, acreditam que ao contarem suas histórias, estarão levando esperança para outras mulheres que passam por situações de violência. Falar de sentimentos profundamente guardados e que marcaram suas histórias de vida fez com que essas mulheres se sentissem bem.

Foi bom porque uma coisa que acho que tu tocou... as vezes eu acho que é bom tocar no fundo do coração da gente, pra gente sobreviver pelo o que a gente passou, tá ligado? E uma coisa que é um esperança que a gente tá falando e é uma esperança pra alguém que tá passando aquilo ali, pra não passá também, né? Agi por elas, fazer por elas, né? Eu não sei se eu tô certa? (Vitória)

Gostei! Eu acho que eu esqueci bastante coisa, né? Não sei. É que não é assim tão bem pra gente lembrar direito, mas eu falei acho as coisas que me marcaram assim... Me senti bem (Otilia).

O exercício de contar suas histórias de vida caracterizou-se como um alívio para algumas mulheres. Elas relataram terem se sentindo melhor após o relato, embora soubessem que isso não iria mudar muito a sua condição de vida. O fato de ter alguém para conversar e desabar foi sentido como uma troca de carinho pelas mulheres.

Ah! Muito bem! Ótimo. É muito bom desabafar, quanto mais oportunidade eu tenho de desabafar pra mim é melhor. Eu me sinto mais aliviada né? E é bom sempre ter alguém pra ti conversar, alguma pessoas que não vai te criticar, que vai te escutar sabe? Porque hoje em dia tu fala qualquer coisa e tu é criticada sabe? 'Tu apanha porque tu gosta, tu viveu porque tu quis' ou 'tu não é presa a ele, tu não nasceu com ele', sabe? As pessoas já vem com dez pedras na mão sabe, te agredindo e... eu me reprimi muito, sabe? E até hoje eu sou meio reprimida e depois que comecei a freqüentar aqui que eu comecei a conversar mais, sabe? Até com as pessoas na rua... (Isabel).

Foi muito bom eu me senti aliviada contando um pouco do meu problema. Não digo que vai resolver mas pelo menos eu tiro um pouco do peso... daquela dor. Me senti bem porque eu fui bem recebida... em primeiro lugar eu fui bem recebida, fui bem atendida. Com carinho, eu acho que em primeiro lugar tem que ver o carinho... pelo jeito... tu me deu bastante carinho... coisa que eu nunca ganhei (Conceição).

Foi bom. Parece que eu me senti um pouco mais aliviada. (Elza).

A escuta oferecida para as mulheres, durante a coleta de informações, esteve ancorada na empatia, na serenidade e, acima de tudo, no respeito a todas as informações que elas sentiam-se a vontade para relatar. O olhar compreensivo e atento foi facilmente percebido

pelas informantes do estudo, que, em geral, encontravam-se desejosas de um espaço para falar, sem serem criticadas ou julgadas.

De ter podido falar, né? Porque eu não podia falar nada pra ninguém, como é que eu ia falar alguma coisa se todo mundo, em vez, até agora, mesmo depois disso que aconteceu, as pessoas me olham de cara virada e me condenam. 'Bem feito, isso aconteceu porque tu tava errada'. Mas será que eu tava errada? Ninguém pode dizer isso, né? (Luísa)

Para algumas mulheres o fato de contarem suas histórias de vida foi como se elas estivessem colocando para fora de seus corpos algo que não estava lhes fazendo bem e por isso sentiam-se aliviadas.

Bem, aliviada. Sempre gostei de conversar assim é porque é bom assim a gente conversar um pouco, ainda mais com assistente social ou psicólogo, qualquer coisa assim, né, no caso? É bom daí sai uma coisa sai de dentro da gente, né? (Anastácia)

Ah, me senti melhor! Às vez a gente tem que desabafar com alguém as coisas da vida, que isso eu acho que é coisa da vida (Minerva).

Ótima. Bom poder falar. Eu pensei que ia ser perguntas. Mas é bom assim. Mas se eu, de repente se eu me lembra de mais alguma coisa eu boto no papel pra ti (Iara).

7.1 A ENFERMAGEM NA ESCUTA A MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A Enfermagem caracteriza-se pela ciência e arte de cuidar do ser humano; mas, o que significa realmente cuidar? Para Silva (2000, p.14) "cuidar é prestar a atenção nas pessoas e fazer por elas o que elas estejam precisando no momento". Através de sua experiência profissional na Enfermagem, essa autora alerta para o fato de que, na maioria das vezes, as pessoas não precisam de medicação, mas geralmente necessitam de carinho, atenção e de um sorriso solidário.

O cuidado faz parte do modo-de-ser essencial do ser humano, ou seja, todos nós cuidamos, independente de nossas ocupações profissionais ou sociais (BOFF, 2001 e SILVA,

2000). No entanto, atualmente se depara com um mal-estar difuso da civilização caracterizado pelo descuido, descaso e abandono que segundo Boff (2001) podem ser o resumo pela falta de cuidado.

Há descuido e descaso pela dimensão espiritual do ser humano pelo espírito de finesse (espírito de gentileza) que cultiva a lógica do coração e do enternecimento por tudo o que existe e vive. Não há dado pela inteligência emocional, pelo imaginário e pelos anjos e demônios que o habitam. Todo tipo de violência e de excesso é mostrado pelos meios de comunicação com ausência de qualquer pudor ou escrúpulo (BOFF, 2001, p. 19).

Esse autor alerta para a falta de valorização e descuido com os bens públicos que deveriam estar suprindo as necessidades sociais, mas se apresentam sucateados por seus servidores e usuários.

Há um descuido e um descaso pela coisa pública. Organizam-se políticas pobres para os pobres; investimentos sociais em segurança alimentar, em saúde, em educação e em moradia são, em geral, insuficientes. Há um descuido vergonhoso pelo nível moral da vida pública marcada pela corrupção e pelo jogo explícito de poder de grupos, chafurdados no pantanal de interesses corporativos (BOFF, 2001, p. 19).

Teóricos de diferentes Áreas sinalizam os conflitos existenciais e suas conseqüências nos relacionamentos intrapessoais em todos os níveis. Polak (1996) em sua tese, aponta a deteriorização do Sistema de Saúde como uma das mudanças mais expressivas do século XX.

Trazendo essa discussão para a temática específica da atuação dos profissionais de Enfermagem frente a mulheres em situação de violência doméstica, reforço o entendimento de que essa situação precisa ser encarada como um problema sério de saúde e tratada pelos profissionais como tal, através da criação de mecanismos específicos de atendimento considerando a norma técnica já existente para casos de violência sexual (BRASIL, 1999b).

Concorda-se com Polak (1996) quando ela fala sobre a singularidade do encontro enfermeira-cliente, reforçando a necessidade não apenas de se estar atentos para a existência de cada indivíduo, bem como a relevância do momento presente, mas somar a isso,

principalmente, a necessidade de transcender; "é necessário sair de si, projetar-se em direção ao outro com segurança, com a clara consciência do que se deseja alcançar" (POLAK, 1996).

Buscando na comunicação efetiva uma importante ferramenta de trabalho, resgata-se, aqui, esta técnica constantemente presente no processo de Enfermagem. Considerando a comunicação como o meio de se relacionar com as pessoas, Atkinson e Murray (1989) apontam a necessidade de a enfermeira ser proficiente nessa técnica.

A comunicação estabelecida entre o paciente e a enfermeira é utilizada pelo profissional para identificar e atender às necessidades de assistência à saúde, formando a base do relacionamento entre ambos. O interesse, a aceitação, a objetividade e o comprometimento, são exemplos de atitudes que intensificam a comunicação (ATKINSON e MURRAY, 1989).

Algumas técnicas facilitam, ainda mais, a comunicação terapêutica empregada pela enfermeira. Entre elas destacam-se a escuta ativa, a reflexão, o uso de perguntas abertas, a busca de esclarecimentos, o uso do silêncio e do sumário, assim como a maneira adequada de dar respostas à comunicação imprópria.

Entre essas técnicas salienta-se a escuta ativa, por ser o meio através do qual a enfermeira, intencionalmente, concentra-se no paciente, necessitando para isso, de tempo e atenção. É um momento no qual ela demonstra interesse pelo problema do paciente, expressando a idéia de que ele, como sujeito único, é importante. Para a realização dessa técnica é importante que se estruture o ambiente físico e o interpessoal, para que ambos sejam propícios à escuta ativa. Na comunicação terapêutica, a escuta ativa, além de ser parte principal, exige a utilização de uma base extensa de conhecimento, consumindo muita energia do profissional (ATKINSON e MURRAY, 1989).

Acredita-se ainda, que o resgate do atendimento humanizado, na Enfermagem, passe pela retomada de consciência individual dos profissionais em relação aos aspectos de ética, competência e comprometimento efetivo com a promoção da saúde.

É possível encontrar em cada profissional a melhor metodologia para trabalhar com mulheres e famílias em situação de violência, se for considerado a capacidade de escuta e observação. Para isso é necessário que se faça silêncio, deixando-nos guiar pela intuição, considerando que "cada cliente é um desafio para nossa inteligência criativa, é um estímulo aos nossos sentidos" (VARELA, 1999, p. 184).

Quando os profissionais, se propõem a escutar a palavra das mulheres, observa-se a emergência da necessidade de resgate do direito de acesso aos serviços de saúde, com qualidade; portanto, "ouvir a palavra das mulheres é importante para ampliar a compreensão do acolhimento" (ARMELLINI, 2000, p. 232).

Considerando a principal queixa das informantes desse estudo - a falta de atenção e encaminhamentos precisos - visualiza-se como oportuno esse espaço para proposição de uma capacitação entre os profissionais de saúde em relação aos serviços existentes, para o atendimento de mulheres, em situação de violência doméstica, qualificando, dessa maneira a assistência e o fortalecimento da rede de apoio a estas mulheres²³.

No entanto, pensa-se que a violência não é algo a ser tratado a perder de vista e sim, uma situação cultural que exige da sociedade transformações urgentes. Nesse contexto, mesmo reconhecendo as conquistas já obtidas no enfrentamento desse problema, destacando as delegacias especializadas e as casas-abrigo, questiona-se: A quantas punições tolerantes com os agressores ainda se terá que assistir? O que falta de fato, para sensibilizar a sociedade quanto à gravidade desse problema?

²³ Ver Apêndice C. Lista de endereços de entidades que fazem parte da rede de atendimento à mulher em situação de violência na cidade de Porto Alegre.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação é a fotografia de uma extensa caminhada por uma estrada angustiante, inicialmente desconhecida para a autora. O empoderamento profissional, intelectual e pessoal marcaram, de maneira singular, essa trajetória, culminando nesse relevante trabalho onde mulheres, em situação de violência doméstica podem ser ouvidas.

A temática em questão refere-se a um tipo específico de violência, que exige do governo e da sociedade em geral políticas públicas específicas, considerando todas as suas especificidades (gênero, classe social, raça/etnia, idade e escolaridade).

Neste estudo procurou-se dar voz às mulheres, em situação de violência doméstica, atingindo-se o primeiro objetivo de evidenciar as estratégias utilizadas por elas no enfrentamento de situações de agressão física, sexual e psicológica, por parte de seus companheiros, nos diferentes segmentos da sociedade: na família, nas relações interpessoais com amigos e vizinhos, nas delegacias de polícia e, por fim, nos serviços de saúde.

Os resultados deste trabalho emergem ao longo das reflexões e análises realizadas, a partir das entrevistas narrativas com as dez mulheres que contribuíram com seus relatos.

A violência vivenciada pelas mulheres assume diferentes matizes, de acordo com sua faixa etária e o período de vida. Observa-se, que na infância, elas já se encontram inseridas em um contexto de violência doméstica, frequentemente agravado, ou em consequência de violações dos seus direitos humanos, marcado por suas condições de exclusão social.

Considerando o aspecto geracional da violência, é difícil compreender em que parte da vida dessas mulheres, ou de seus antepassados, a violência teve início. O que se observa é que algumas gerações, assim como alguns membros da família (mulheres e crianças), sofrem mais do que outros as consequências desse fenômeno universal.

As mulheres recordaram que, na infância, a violência estava relacionada a outras pessoas e raramente, as atingia diretamente. Elas não percebiam que sua personalidade e as maneiras de enfrentar o presente, foram construídas dentro do cenário de violência familiar vivenciado na infância.

A violência presente nas relações interpessoais na comunidade, onde se desenvolveu o trabalho, atinge, de diferentes maneiras, seus moradores, uma vez que, a violência relacionada à criminalidade (tráfico de drogas, roubos e estupros) atingem mais os homens enquanto as mulheres são vítimas, preferencialmente, da violência doméstica, perpetuada pelos seus companheiros.

A maioria delas referiu como marco inicial da violência, a vida conjugal. O relacionamento afetivo dessas mulheres iniciou-se de maneira tranqüila e romântica, no entanto, com o passar do tempo, transformou-se em violento e perigoso.

A gravidez foi apontada, por muitas mulheres, como fator desencadeante para a transformação do relacionamento conjugal, pois nesse período alguns homens, passam a ver o corpo da mulher como propriedade sua. O sentimento de posse sobre o corpo feminino, aliado ao ciúmes em relação ao ser que está sendo gestado, fazia com que alguns homens agredissem violentamente sua companheira durante o período de gestação ou logo após o nascimento da criança, em especial do primeiro filho do casal, causando, na mulher, muita frustração.

Uma vez iniciado o ciclo de violência conjugal, essas mulheres vivenciavam uma dinâmica familiar extremamente sofrida, marcada por cenas de ciúmes, discussões e agressões constantes, tanto física, quanto psicológica e sexual. Com uma alternância de periodicidade, as cenas de violência se repetiam sem a preocupação com os demais membros da família que geralmente presenciavam os fatos, sem muito fazer.

Dentre as violência sofridas, as mulheres referiram ser a psicológica a pior delas, pois era diária e constante, caracterizando-se como uma tortura interminável. As violências

física e sexual, por sua vez, despertavam sentimentos de raiva e impotência nas mulheres, que durante as agressões eram obrigadas a lutar contra a força física masculina ou renderem-se a eles, para evitar maiores ferimentos.

Em relação à violência sexual, existem dois aspectos a serem considerados: o trauma gerado nas mulheres, freqüentemente resultando em perda do desejo sexual; e a negligência em relação aos cuidados de saúde, durante o ato sexual. Na violação sexual, a mulher não tem a opção de proteger-se com preservativos pois os companheiros, não raramente, drogados ou alcoolizados, não aceitam o uso desse insumo.

Por esse motivo uma das mulheres entrevistadas foi infectada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Pontua-se aqui, a situação de risco para o contágio de infecções sexualmente transmissíveis, especialmente o HIV, a que estão expostas as mulheres que passam por violência doméstica.

A tomada de consciência em relação à violência sofrida é um passo importante para que a mulher possa romper com o ciclo de agressões. No entanto, observa-se que mesmo sem perceberem-se inseridas em um contexto violento, as mulheres reagem constantemente e são justamente as diferentes maneiras de reação que as mantêm vivas, por muitos anos, ao lado de um companheiro agressor.

Mesmo conscientes da agressão sofrida as mulheres percorrem um longo caminho até o rompimento com o agressor. Fatores como a dependência emocional, o medo de criar os filhos sozinha (mesmo que o companheiro não auxilie no cuidado dos mesmos), a dependência econômica (embora os companheiros não sejam provedores do sustento do lar, geralmente a casa onde moram é do homem ou de sua família e, as mulheres alegam não ter para onde ir); o sentimento de culpa, baixa-estima, estado de depressão, são fatores que mantêm a mulher junto ao agressor.

Apenas uma mulher conseguiu tirar o companheiro de dentro de casa em função da violência sofrida. Das três que estão separadas atualmente, duas são em função de os companheiros estarem presos e outra, por ter sido expulsa da sua própria casa pelo companheiro, que é usuário de drogas.

A violência doméstica deixa marcas profundas na vida dessas mulheres e, embora a maioria dessas não sejam visíveis, consequência de fatores emocionais e traumas profundos, uma pequena mas significativa parcela dessas marcas está fortemente estampada nos corpos dessas mulheres.

De um modo bastante subjetivo as marcas do corpo de mulheres em situações de violência, refletem a magnitude das relações de poder existentes na sociedade. São corpos violados, machucados, curvados, muitas vezes, deformados e reprimidos. As cicatrizes que as acompanharão para sempre apareceram constantemente em suas falas como algo que incomoda, provoca vergonha e traz à tona lembranças desagradáveis de um passado bastante recente.

Impedidas pelo companheiro, pela vergonha ou pela falta de condições financeiras de se deslocarem até um serviço de saúde, muitas mulheres cuidam de seus ferimentos no próprio ambiente da agressão - a casa.

Embora as mulheres em situação de violência procurem constantemente uma oportunidade de romper com o companheiro, esta não é uma tarefa fácil e envolve, além da sua vontade própria, o apoio de instâncias sociais. Mesmo diante de tantas dificuldades, as mulheres pedem socorro aos familiares, aos vizinhos e amigos, nas delegacias de polícia e nos serviços de saúde.

Geralmente seus familiares não oferecem ajuda, ao contrário, recusam-se em acolhê-las. Felizmente, elas encontram auxílio nas vizinhas mais próximas que lhes prestam os

primeiros socorros, oferecem companhia para ir até a delegacia e hospital, ou ainda cuidam dos seus filhos para que ela possa ir em busca de ajuda específica à situação.

A recepção na delegacia de polícia não é nada acolhedora. Frequentemente as mulheres deparam-se com profissionais não sensibilizados, não capacitados ou desinteressados no atendimento às mulheres, vítimas a violência doméstica.

O segundo objetivo desse estudo caracterizou pelo desvelamento do acolhimento prestado pelos serviços básicos de saúde, na perspectiva das mulheres vítimas de violência.

Segundo as informantes, o atendimento recebido nos serviços de saúde não é aquele por elas desejado, pois falta, aos profissionais de saúde, paciência, compreensão e, muitas vezes, respeito.

Como principal queixa, as mulheres nos falaram da falta de atenção e encaminhamentos precisos que resultassem em, pelo menos, um alívio para a tensão do momento. A falta de privacidade e cumplicidade também são marcas de um atendimento pouco acolhedor nos serviços de saúde onde as mulheres buscam ajuda.

Com os resultados emergentes deste estudo pretende-se proporcionar um momento de reflexão entre os profissionais de saúde, em suas três Áreas de atuação: ensino, pesquisa e assistência, para que, pela voz dessas mulheres possa-se repensar, urgentemente, o papel do profissional frente à problemática da violência doméstica.

Questões como a falta de privacidade, de paciência, de respeito ao tempo de cada mulher, precisam ser transformadas, para um adequado acolhimento dessas pacientes. A fragilidade física que leva os profissionais a atenderem os ferimentos do corpo, em primeiro lugar, não pode ocultar a vulnerabilidade emocional dessas mulheres. O tratamento medicamentoso não pode continuar sendo a única ação dos profissionais de saúde diante das situações de violência doméstica.

Não é possível que diante de tanta dor e sofrimento, profissionais continuem a atuar de maneira indiferente, como se fosse fácil para as mulheres chegar até ali. Sua capacitação e empoderamento se fazem necessários, para acabar de com a superficialidade dos atendimentos oferecidos às mulheres.

Deseja-se que este estudo, e principalmente que a fala das mulheres possa sensibilizar os profissionais de saúde no sentido de estarem repensando sua atitude diante dessas situações.

Deseja-se ainda que sirva de alerta para a importância de se estar constantemente lutando para o combate da violência de gênero, em todas as instâncias sociais. Não se pode cometer o engano de pensar que o problema está diminuindo, pois ele continua se alastrando, sorrateiramente, entranhado nas relações entre homens e mulheres de todas as faixas etárias.

Por esse motivo, um passo seguinte ao trabalho, aqui realizado, diz respeito à necessidade de serem ouvidos e acolhidos igualmente os homens que praticam esse tipo de violência contra suas companheiras e filhos, assim como são necessários de profissionais capacitados para o atendimento das mulheres, não se deve esquecer que este é um problema relacional, onde o casal precisa de ajuda.

Emerge a necessidade de maior compreensão de todos os personagens envolvidos na problemática das mulheres no sentido de dispensar-lhes, além do simples atendimento, uma acolhida, do ponto de vista holístico.

Ao desvelar um novo aspecto desse problema tão complexo da Saúde Pública, espera-se que este trabalho, venha de fato, contribuir para a elaboração e monitoramento de políticas públicas de gênero que visem ao combate efetivo da violência contra a mulher através da divulgação desses resultados, junto à Articulação de Mulheres Brasileiras e ao Fórum Municipal da Mulher de Porto Alegre, bem como em todos os espaços de luta do movimento de mulheres.

Que possa ser uma contribuição para o caminhar feminista, na militância por igualdades de direitos e deveres na construção de um mundo mais justo e fraterno para as gerações que virão.

REFERÊNCIAS

ARMELLINI, Claudia Junqueira. **Resgatando a palavra da mulheres**: o acolhimento na parturição. 253 fls. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Curso de Mestrado em Enfermagem, 2000.

ATKINOS, Leslie D.; MURRAY, Mary Ellen. **Fundamentos de enfermagem**: introdução ao processo de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

AUAD, Daniela. **Feminismo**: que história é essa? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ÁVILA, Maria Betânia. Feminismo, cidadania e transformação social. In: ÁVILA, Maria Betânia (org.). **Textos e imagens do feminismo**: mulheres construindo a igualdade. Recife: SOS CORPO, 2001 P.13-70.

BANDEIRA, Lourdes. O que não estamos conseguindo alterar na questão da violência contra a mulher? In: ARTICULAÇÃO de Mulheres Brasileiras. **Articulando**. Ano 4. número 46 - Outubro de 2003. Encarte do Jornal FÊMEA nº 129. Ano XI. Brasília/DF, Outubro/2003

BARSTEAD, Leila de Andrade Linhares. **Uma vida sem violência é um direito nosso**. Subsídios para a campanha nacional e para o pacto comunitário contra violência intrafamiliar com ênfase na situação das mulheres e das meninas. Brasília: Nações Unidas/Ministério da Justiça, 1998

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos (Resolução 196/96)**. Diário Oficial da União. 16 de out. de 1996: 21082-21085.

_____, **Código Penal**. São Paulo: Saraiva, 1999a.

_____, Ministério da Saúde. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes - Norma Técnica**. Brasília: Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Gestão de Políticas Estratégicas, 1999b.

_____, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas da Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para práticas em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, **Cadernos de Atenção Básica Nº 8**, Séria Normas e Manuais Técnico; Nº 131; 2001.

_____, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Programa de prevenção, assistência e combate à violência contra a mulher** - Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e gênero: construindo políticas públicas. Brasília: A Secretaria, 2003.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes. In: SAFFIOTI, Heleieth I. B.; VARGAS, Mônica Muñoz (org.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: NIPAS; Brasília, DF: UNICEF, 1994. p. 63-94

CAMARGO, Márcia; AQUINO, Silvia. Redes de cidadania e parcerias enfrentando a rota crítica. In: BRASIL, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Programa de prevenção, assistência e combate à violência contra a mulher** - Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e gênero: construindo políticas públicas. Brasília: A Secretaria, 2003.

CAMNHA, Renato M. A violência e seus danos à criança e ao adolescentes. In: UNICEF. **Violência doméstica**. Brasília: UNICEF, 2000. p. 43-60

CARDOSO, Cláudia; HOMERO, Maria Noelci Teixeira. Construindo a cidadania da mulher vítima de violência doméstica. In: AGENDE, **Experiências em Advocacy em saúde e direitos reprodutivos**. Brasília: AGENDE - Ações de Gênero, Cidadania e Desenvolvimento/Gráfica Relevo Serviços, 2002. P. 99-107.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres negras, violência e pobreza. In: BRASIL, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Programa de prevenção, assistência e combate à violência contra a mulher** - Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e gênero: construindo políticas públicas. Brasília: A Secretaria, 2003. P. 11-19.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual essa (des) conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CECCONELLO, Alessandra Marques. **Resistência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco**. 317 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Porto Alegre, BR-RS, 2003.

CEDAW, Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher. In: AGENDE, Ações de Gênero Cidadania e Desenvolvimento. **Recomendações do Comitê CEDAW ao Estado Brasileiro**. Brasília: Agende Ações de Gênero Cidadania e Desenvolvimento, 2003.

CLOTET, Joaquim; GOLDIM Jose Roberto; FRANCISCONI, Carlos Fernando (org.). **Consentimento informado**: e a sua prática na assistência em pesquisa no Brasil, Porto Alegre: EDIPUC, 2000.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 9. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

DINIZ, Normélia Maria Freire, *et al.* Violência conjugal: vivências expressas em discursos masculinos. In: **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. Journal of São Paulo University School of Nursing. V.1 n. 1, (1967) São Paulo: EEUSP, 2003. P. 81-88.

EXPECTATIVA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

FERREIRA, Graciela B. **Hombres violentos. Mujeres maltratadas** - Aportes a la investigación y tratamiento de un problema social. 2. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

FILHO, Cláudio Beato. Crime e Políticas Sociais. In: LANUD - Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente. **Das políticas de segurança pública às políticas públicas de segurança**. 2002. p. 13-25.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FONTANA, Mônica; SANTOS, Simone Ferreira dos. Violência contra a mulher. In: **Saúde da mulher e direitos reprodutivos**: dossiês. Rede Nacional Feminista de saúde e direitos Reprodutivos. São Paulo, 2001. p. 101-128.

GAILEWITCH, Mônica. O silêncio chega ao fim. In: **Revista Cláudia** (1961-2003). São Paulo: Editora Abril, Março de 2001.

GAUER, Ruth M. Chittó. Alguns aspectos da fenomenologia da violência. In: GAUER, Gabriel J. Chittó, GAUER, Ruth M. Chittó (org.). **A fenomenologia da violência**. Curitiba: Juruá, 2000. p. 13-35

GUIA DE DIREITOS HUMANOS: fontes para jornalistas. São Paulo: Cortez, 2003

GOMES, Romeu. A mulher em situação de violência sob a ótica da saúde. In: Minayo, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Ednilsa Ramos de (orgs.). **Violência sob o olhar da saúde: intrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 199-222

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômico. In: LUZ, Madel T. (org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p.87-106

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

GROSSI, Miriam Pillar. **Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência no vínculo afetivo-conjugal**. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (org.). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 293-313.

GROSSI, Patrícia Krieger. **Violência contra a mulher na esfera doméstica: rompendo o silêncio**. 238 f. Dissertação (Mestrado). Porto alegre: PUCRS, 1994.

_____, Patrícia Krieger. **Violência contra a mulher: implicações para os profissionais da saúde**. In: LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina (orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes médicas, 1996. p. 133-149

HEILBORN, Maria Luiza. **Gênero: um olhar estruturalista**. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.43-55.

JBM, **Jornal Brasileiro de Medicina Farmacêutica. Dicionário de especialidades farmacêuticas: DEF97/98**. 26. ed.. Rio de Janeiro: Publicações Científicas, 1997.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. P.90-113.

KAËS, René. **Introdução: o sujeito da herança**. In: KAËS, René; FAIMBERG Haydée,; ENRIQUEZ, Micheline; BARANES, Jean José (orgs.). **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. P.9-25.

KERGOAT, Danièle. **Relações sociais de sexo e divisão do trabalho**. In: LOPES, Marta Júlia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina (orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.19-27.

LEAL, Sandra Maria Cezar. **Violência como objeto da assistência em um hospital de trauma**: "olhar" da enfermagem. Dissertação 164 f. (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Curso de Mestrado em Enfermagem. Porto Alegre, 2003.

LOBIONDO-WOOD, Geri. **Análise de Dados**. In: LOBIONDO-WOOD, Geri; HABER, Judith (org.). Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação crítica e utilização. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. p. 222-230.

LOURO, Guacira. **Marcas do corpo, marcas de poder**. Texto apresentado na mesa redonda intitulada "Corpos, sexualidade e poder", do V Fazendo Gênero, encontro internacional realizado em Florianópolis, em Outubro de 2002.

LUZ, Anna Maria Hecker; BERNI; Neiva Iolanda de Oliveira. Feminino e masculino: repercussões na saúde dos adolescentes. In: RAMOS, Flávia Regina Souza; MONTICELLI, Marisa; NITSCHKE, Rosane Gonçalves (orgs.). **Projeto Acolher**: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. - Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000. p. 37-45.

MARCHA Mundial de Mulheres. Construindo um mundo de respeito e igualdade entre mulheres e homens. In: SYDOW, Evanize e MENDONÇA, Maria Luisa (orgs.). **Direitos Humanos no Brasil 2002**. Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos em parceria com Global Exchange. São Paulo: Gráfica e Editora Peres Ltda, 2002.

MEDO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

MENEGUEL, S. N. **Famílias em pedaços**: um estudo sobre violência doméstica e agressividade na adolescência. 124f. Tese (Doutorado em Medicina). Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Escola currículo e produção de diferenças e desigualdade de gênero. In: SCHOLZE, Lia (org.). **Gênero, memória e docência**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 2001. Cadernos Temáticos. p. 29-34.

MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 7. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.

_____. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1996.

MOTTA, Maria da Graça Corso. **O ser doente no tríplice mundo da criança, família e hospital**: uma descrição fenomenológica das mudanças existenciais. 1997. 210f. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NITISCHKE, Rosane Gonçalves; ELSÉN, Ingrid. Saúde da família na pós-graduação: um compromisso ético interdisciplinar na pós-modernidade. **Revista Brasileira de Enfermagem** v.53, nº Especial, p. 35-48, dez. 2000.

NÚCLEO de Opinião Pública - FPA. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. Fundação Perseu Abramo, 2001. Disponível em <http://www.fpabramo.org.br/nop/nop.htm>, acessado em 07 de Janeiro de 2004.

NUNES, Maria do Rosário. Uma intolerável discriminação. In: _____ (Org.). **Os direitos humanos das mulheres e das meninas**: enfoques feministas. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2002. P. 66-72

PERES, Andréa. A violência dentro de casa. In: **Revista Cláudia** (1961-2003). São Paulo: Editora Abril, Julho de 1996.

PIRES, Joelza Mesquita A. Violência na infância - aspectos clínicos. In: UNICEF. **Violência doméstica**. Brasília: UNICEF, 2000. p. 61 -

POLAK, Ymiracy Nascimento de Souza. **A corporeidade como resgate do humano na enfermagem**. Florianópolis, 1996. 131f. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

PANDIJIARJIAN, Valéria. Sociedade, direito e estado em tempos de violência. In: KUPSTAS, Márcia (org.). **Violência em debater**. São Paulo: Moderna, 1997. Coleção Polêmica. Série debate na escola. P.115 -133.

POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernadete. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl Tatano; HUNGLER, Bernadette. **Essential of nursing research - methods, appraisal, and utilization**. New York: Lippincott, 5 ed, 2001.

POPULATION REPORTS. **Como acabar com a violência contra as mulheres**. Volume XXVII, Número 4 Dezembro de 1999. Série L, Número 11.

PORTELLA, Ana Paula. Novas e velhas questões sobre corpo, sexualidade e reprodução. In: ÁVILA, Maria Betânia (org.). **Textos e imagens do feminismo**: mulheres construindo a igualdade. Recife: SOS CORPO, 2001. p. 71-130

PORTO, Janice Regina Rangel. Painel 2 - Balanço crítico das políticas públicas para mulheres no município de Porto Alegre e no estado do Rio Grande do Sul. In: PRÁ, Jussara Reis (relatora). **Relatório do Seminário Monitorando as Políticas Públicas**: um desafio feminista. Porto Alegre: Articulação de Mulheres Brasileiras/Fórum Municipal da Mulher de Porto Alegre. P. 21-23.

PRATES, Alda Beatriz. **Gênero e sexualidade na exclusão social da menina de rua**. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 1998.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (org.). **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.21-41

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 2ª ed. - São Paulo: contexto, 1997. p. 578-606

RAMOS, Donatela Dourado. **Acesso e acolhimento aos usuários em uma unidade de saúde de Porto Alegre/RS no contexto de municipalização da Saúde**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidades Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

REAGIR In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE, DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS. **Dossiê de Assimetrias Raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2003.

RELATÓRIO AZUL, **Relatório Azul 2002/2003**: garantias e violações dos direitos humanos. Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Corag, 2003.

ROHDEN, Fabíola. A construção da diferença sexual na medicina do século XIX. In: GRANDO, José Carlos (org.). **A (des) construção do corpo**. Blumenau: Edifurb, 2001. p. 101-131.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência estrutural e de gênero - mulher gosta de apanhar? In: BRASIL, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Programa de prevenção, assistência e combate à violência contra a mulher** - Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e gênero: construindo políticas públicas. Brasília: A Secretaria, 2003. P. 27-38

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Violência doméstica ou a lógica do galinheiro**. In: KUPSTAS, Márcia (org.). Violência em debater. São Paulo: Moderna, 1997. Coleção Polêmica. Série debate na escola. P. 39-57

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Introdução - A síndrome do pequeno poder. In: AZEVEDO, Maria Amélia de; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo (orgs.). **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 1989. p.13-21.

SILVA, Ana Márcia. **O Corpo no mundo**: algumas reflexões acerca da expectativa de corpo atual. In: GRANDO, José Carlos (org.). **A (des) construção do corpo**. Blumenau: Edifurb, 2001. p. 11-33.

SILVA, Maria Júlia Paes. **O amor é o caminho**: maneiras de cuidar. São Paulo: Gente, 2000.

SILVA, Marlise Vinagre. **Violência contra a mulher**: quem mete a colher? São Paulo: Cortes, 1992.

SILVEIRA, N. **A Propriedade Intelectual e as Novas Leis Autorais**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

SOARES, Bárbara Musumeci. **A antropologia no executivo**: limites e perspectivas. In: CORREA, Mariza (org.). Gênero e cidadania. Campinas-SP, Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero: Unicamp, 2002. Coleção Encontros. p. 31-45.

SOUZA, Claudia Fernandes de; VARGAS, Mara Ambrosina. Saúde da família e saúde, doença, família e criança saudável. **Revista Brasileira de Enfermagem** v.53, nº Especial, p. 123-126, dez. 2000.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). In: **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. Journal

of São Paulo University School of Nursing. V.1 n. 1, (1967) São Paulo: EEUSP, 2003. P. 119-126.

STREY, Marlene Neves. **A mulher, seu trabalho, sua família e os conflitos**. In: STREY, Marlene Neves (org.). Mulher, estudos de gênero. São Leopoldo: UNISINOS, 2001. p. 59-77.

SUÁREZ, Mireya; MACHADO, Lia Zanotta e BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência, sexualidade e saúde reprodutiva**. In: GALVÃO, Loren e DÍAZ, Juan (orgs.). Saúde sexual e reprodutiva no Brasil: dilemas e desafios. São Paulo: Hucitec; Population Council, 1999. p. 277 - 309

VAITSMAN, Jeni. **Biologia e história (ou, por que a igualdade é possível)**. In: LABRA, Maria Eliana (org.). Mulher saúde e sociedade no Brasil. Petrópolis: Vozes: 1989. p.25-38.

VARELA, Zulene Maria de Vasconcelos. A violência no cotidiano da vida familiar. In: **Texto & Contexto - Enfermagem**. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem., - v.1, n. 1(1992), Florianópolis: UFSC,1992. p.183-187 (v.8, n. 2 maio a agosto, 1999)

ZÜWICK, Ana Maria. O corpo violado. In: GROSSI, Patrícia Krieger; WERBA, Graziela (org.). **Violências e gênero**: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 83-93.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES - VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Data da coleta:

Horário de início:

Horário de término:

Número do fita cassete:

DADOS GERAIS

Idade: _____ anos

Grau de Escolaridade: _____ série _____ grau

Profissão: _____ Emprego atual: _____

Estado Civil: _____ Tem Companheiro? _____ Quanto tempo? _____

Profissão do Companheiro: _____ Número de filhos: _____

ENTREVISTA NARRATIVA

Muitas mulheres desta comunidade estão tendo de lidar com situações de violência dentro de suas casas. Algumas têm medo ou não se sentem a vontade para falar desse assunto, mas é importante para nós enfermeiros conhecermos essas situações para podermos melhor atender as mulheres que procuram ajuda nos postos de saúde e hospitais.

1. Conte para mim a tua história de vida a partir do momento em que tu te percebestes envolvida em situações de violência doméstica?

2. Em alguma das agressões sofridas tu precisaste de ajuda dos serviços de saúde? Onde procurastes ajuda? Como fostes atendida e como gostarias de ter sido atendida?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Janice Regina Rangel Porto, sou enfermeira e estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o atendimento de saúde às mulheres em situação de violência doméstica. Pretendo com esse estudo: Conhecer as estratégias utilizadas por mulheres no enfrentamento de situações de agressão física, sexual e psicológica; e Desvelar o acolhimento prestado pelos serviços básicos de saúde, na perspectiva das mulheres vítimas de violência.

O benefício imediato desta pesquisa é oferecer uma oportunidade para que tu fales sobre as tuas expectativas e experiências em relação ao atendimento na rede básica de saúde ou hospital em situações que tu precisou de atendimento por ter sofrido alguns tipo de violência.

Tua participação é importante pois podes colaborar para que os profissionais que atendem mulheres em situação de violência conheçam o atendimento desejado pelas mulheres nesses momentos difíceis e tornem-se mais sensíveis na acolhida das mesmas.

Para isso, solicito a tua autorização, abaixo assinada, para participar de entrevista gravada em fita cassete e publicação dos resultados obtidos. Essa entrevista ocorrerá na data e no horário mais conveniente para ti. Teu nome permanecerá no anonimato e as informações coletadas serão utilizadas somente para fins de estudos. As fitas serão desgravadas após cinco anos da realização do estudo conforme recomendação da Lei de Direito Autoral nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998 (SILVEIRA, 1998).

Tu podes optar por não participar do estudo e, mesmo após o início da entrevista, tu poderás recusar-se a responder qualquer pergunta ou decidir sobre o término da mesma a qualquer momento.

Tua participação, não participação ou recusa de responder qualquer pergunta não causará qualquer efeito no teu atendimento nos serviços de saúde oferecidos para comunidade.

Coloco-me a disposição para qualquer esclarecimento. Meu telefone para contato é 983.97824.

Eu _____ declaro que fui esclarecida sobre os objetivos, justificativas e procedimentos dessa pesquisa de forma clara e detalhada e concordo em participar da entrevista.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Participante

Porto Alegre, ____ de _____ de 2003.

**APÊNDICE C - GUIA DE ENDEREÇOS DE INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS QUE
FORMAM A REDE DE ATENDIMENTO A MULHERES EM SITUAÇÃO DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE**

Casa de Apoio Viva Maria

Fone: (51) 33405011

Delegacia da Mulher de Porto Alegre

Rua Freitas e Castro s/nº

Porto Alegre/RS - CEP: 90040-400

☎ Fone: (51) 32182400

JUS Mulher

Rua Carlos Chagas, nº 55 - sobreloja - Centro

Porto Alegre/RS - CEP: 90030-020

☎ Fone: (51) 32257272

THEMIS - Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero

Rua dos Andradas, nº 1137 - sala 2203

Porto Alegre/RS - CEP: 90020-009

☎ Fones: (51) 32120104

E-mail: themis@themis.org.br

Conselho Municipal da dos Direitos da Mulher

Largo Glênio Peres, sala 116 - Mercado Público

Porto Alegre/RS - CEP: 90020-070

☎ Fone: (51) 32866787

E-mail: condim-poa.ufrgs.br

Centro de Referência Vânia Araújo Machado

Rua Siqueira Campus nº 1184 - 6º andar

Porto Alegre/RS - Centro CEP:91100-001

☎ Fone: (51) 32255535 ou 0800541080

MARIA MULHER - Organização de Mulheres Negras

Travessa Leonardo Truda, nº 40 - sobreloja - Centro

Porto Alegre/RS - CEP: 90040-400

☎ Fone: (51) 32868482 ou (51) 32190180

E-mail: mariamulher@cpovo.net

Programa Municipal de Apoio Às Vítimas

Hospitais Fêmina, Clínicas e Conceição

SMS - Av. João Pessoa, nº 325/ 4º andar

Porto Alegre/RS

☎ Fone: (51) 31268833

Conselhos Tutelares da Criança e Adolescente

Plantão Centralizado

Rua: Cel. Vicente, nº 43 - Centro

Porto Alegre/RS

☎ Fone: (51) 32265788

Comissão de Direitos Humanos da AL/RS

Praça da Matriz, nº 110

Porto Alegre/RS - CEP: 90010-030

☎ Fone: (51) 32102095

E-mail: ccdhdh@al.rs.gov.br

**ANEXO A - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA PROPESQ

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

RESOLUÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul analisou o projeto:

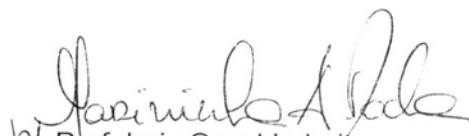
Número:2003103

Título do artigo: Violência contra a mulher: perspectivas de um acolhimento humanizado

Investigador(es) principal(ais): Anna Maria Hecker Luz(orientadora) Janice Regina Rangel Porto(mestranda)

O mesmo foi aprovado na reunião 18/2003 do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, ata nº 39, por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Porto Alegre, 04 de junho de 2003.


p/ Prof. Luiz Osvaldo Leite
Coordenador CEP/UFRGS